



Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional

BEATRIZ ARCOVERDE BEZERRA PIRES

**Questionando padrões: uma análise das representações lésbicas e
idasas da telenovela *Babilônia***

Brasília

2016



Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional

BEATRIZ ARCOVERDE BEZERRA PIRES

Questionando padrões: uma análise das representações lésbicas e idosas da telenovela *Babilônia*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, sob orientação da prof.^a Dr.^a Ellis Regina Araújo da Silva.

Brasília

2016



Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional

Trabalho de Conclusão de Curso

Data:

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Ellis Regina Araújo da Silva
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Elen Cristina Geraldes
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Maria Letícia Renault
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Kátia Belisário
Suplente

Agradeço à minha orientadora, Ellis Regina, pela paciência, apoio e ensinamentos ao longo desses meses de pesquisa;

Às demais integrantes da banca, Elen Geraldês, Letícia Renault e Kátia Belisário, por aceitarem avaliar este trabalho;

Aos meus familiares, que sempre estiveram ao meu lado;

Ao Patrick, que, mais do que ninguém, esteve presente nos momentos de angústia e felicidade durante a produção da monografia.

Resumo

Esta pesquisa analisa as representações lésbicas e idosas presentes na telenovela *Babilônia* (Rede Globo). O objeto de estudo deste trabalho é a representação do casal da novela formado por duas mulheres idosas, Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathália Timberg). Exibida entre 16 de março e 28 de agosto de 2015, a trama apresentou ao público uma relação consolidada entre duas mulheres idosas, abordagem utilizada pela primeira vez em produções da Rede Globo. No trabalho, foi feita uma análise de conteúdo das cenas nas quais as personagens estão inseridas ou são tema das conversas, com o objetivo de entender de que forma os diálogos da telenovela funcionam no combate ou manutenção de certas representações sociais de lésbicas e idosos. Antes da análise, são apresentadas algumas questões que permitem refletir sobre sexualidade e velhice, com apoio em movimentos sociais, na teoria dos estudos de gênero, teoria *queer* e estudos sobre a terceira idade. Também é apresentado um breve histórico sobre a televisão brasileira e as suas telenovelas para compreender como as representações sociais dessas minorias foram trabalhadas ao longo dos anos. Com a análise, percebeu-se que *Babilônia* apresentou representações de LGBTs sem caricaturas e que priorizam as discussões sobre preconceitos, discriminação e legitimidade social em aspectos tais como a constituição de família, vida profissional, adoção e casamento. A respeito da velhice, *Babilônia* desconstrói a representação negativa desta fase da vida e apresenta ao público uma diferente maneira de envelhecer.

Palavras-chave: Representação Social; Babilônia; Idosas; Telenovela; Lésbicas.

Lista de Figuras

Figura 1 – Teresa	12
Figura 2 – Estela	12
Figura 3 – O primeiro capítulo, o primeiro beijo	59
Figura 4 – Teresa e Estela se beijam emocionadas ao saber que poderão se casar	61
Figura 5 – Teresa e Estela se beijam no casamento de Regina e Vinícius	61
Figura 6 – Última cena, último beijo	61
Figura 7 – Teresa e Estela se dirigem ao altar	64
Figura 8 – Lauro conduz a mãe até Estela	64
Figura 9 – Teresa e Estela se abraçam no final da cerimônia	64
Figura 10 – Teresa e Estela conversam	65
Figura 11 – Teresa e Estela fazem as pazes	65
Figura 12 – Teresa e Estela se reconciliam	68
Figura 13 – Consuelo ofende Teresa	73
Figura 14 – Laís chega com Maria José	77
Figura 15 – Teresa e Estela recebem Maria José	77
Figura 16 – Teresa surpreende Aderbal em discurso	78
Figura 17 – Teresa preside CPI	81
Figura 18 – Teresa faz campanha perto da sede do partido de Aderbal	81
Figura 19 – Teresa, Estela e Regina recebem Gal Costa na inauguração do restaurante Estrela Carioca	82
Figura 20 – Rafael e suas duas mães	83

Sumário

1. Introdução	7
2. Babilônia	10
2.1. Teresa e Estela	12
2.2. A rejeição de <i>Babilônia</i>	13
3. Representações sociais e telenovelas: construindo realidades	18
4. Em busca de direitos iguais	22
4.1. O feminismo em terras brasileiras	24
4.2. Mais do que questões de gênero, uma discussão sobre sexualidade: movimentos homossexuais e Teoria <i>Queer</i>	25
4.3. Mulheres que gostam de mulheres	28
4.4. O cenário lésbico	30
5. O que é a velhice?	32
5.1. Os velhos também amam	36
5.2. Como a velhice é representada nos folhetins	38
6. Telenovela: um novo espaço de debate	41
6.1. Dos anos 1950 aos anos 2000	44
6.2. O papel da mulher nas telenovelas brasileiras	49
6.3. Algumas representações lésbicas das telenovelas da Rede Globo	50
7. Metodologia de pesquisa	55
8. Análise	58
8.1. O casal Teresa e Estela	58
8.2. As <i>Sapatosas</i>	68
8.3. Discussão dos Resultados	79
9. Considerações Finais	85
10. Referências	88

1. Introdução

A televisão é o principal meio de comunicação nacional, devido à sua fácil difusão na sociedade ao produzir um repertório comum que pode ser compreendido por pessoas de diferentes idades, sexos, raça, religião e classes sociais. As telenovelas, em especial as da Rede Globo (principal rede de TV aberta do país), são instrumentos de entretenimento televisivo que retratam os acontecimentos e as realidades presentes na sociedade, tornando-se um produto de expressão da cultura brasileira, além de construir representações. As telenovelas têm função artística, criam e transmitem crenças, costumes, normas, modos de ser e de viver (MONTORO; MENDONÇA, 2015, p. 164).

Ao abordar temas polêmicos, a telenovela se transforma em um importante espaço de problematização do país (LOPES, 2003; 2009). É o caso de *Babilônia* (Rede Globo, 2015), uma produção que apresenta ao público diversas questões delicadas, entre as quais estão homossexualidade e velhice.

Neste trabalho, pretende-se compreender quais são as representações sociais do casal de idosas presentes em um dos núcleos principais da telenovela em questão. Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathália Timberg) apresentam ao público uma relação madura entre duas mulheres, algo nunca antes visto nas produções da Rede Globo. A partir disso, a pesquisa tem como objetivo entender como as representações dessas minorias acompanha o acolhimento do tema na sociedade; apoiadas a quais referências essas representações são construídas nas telenovelas; e identificar as principais diferenças entre os perfis dos casais lésbicos apresentados nas telenovelas da Globo.

Sendo retratados nas telenovelas desde *Assim na Terra como no Céu* (1970), é crescente a presença de personagens LGBTs nas produções da Rede Globo nos últimos anos: foram 153 personagens presentes em 70 narrativas¹. De acordo com Silva (2015), há muito mais *gays* do que lésbicas, e bissexuais, transexuais e travestis são quase invisíveis nas representações. De que maneira a lésbica é retratada? E, adentrando em outra questão polêmica que envolve as duas personagens, como o idoso é representado?

A inspiração para este trabalho veio principalmente por conta da reação negativa do público diante do beijo trocado pelas duas senhoras idosas no primeiro capítulo². Um gesto simples e comum entre pessoas que se gostam e se relacionam, gerou certo desconforto nos telespectadores. Por que o relacionamento chocou tanto? Seria porquê são lésbicas ou idosas?

¹ A última novela utilizada para a contagem dos personagens foi *Babilônia* (2015).

² Disponível em: <<http://globo.v.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/babilonia-estela-e-teresa/5001499/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

Além disto, por se tratar de personagens da terceira idade, foi possível discutir a construção social da velhice e seus aspectos, entre eles a sexualidade. Diante desta situação, surgiu o interesse de compreender como a lesbianidade e a velhice estavam sendo trabalhadas na telenovela.

Não foi a primeira vez que um casal LGBT foi apresentado ao público, porém, é a primeira vez que são idosas, representadas por duas das principais atrizes brasileiras. Em produções anteriores, os casais eram representados por jovens, com uma relação ingênua e romântica, elementos presentes nas relações durante a juventude (MONTORO; MENDONÇA, 2015, p. 167). Como exemplo de casais pode-se citar Rafaela e Clara, de *Mulheres Apaixonadas* (2003), duas jovens estudantes que vivem uma relação homossexual.

O trabalho foi dividido em 10 capítulos, que incluem a introdução, levantamento teórico, análise, considerações finais e referências. No primeiro capítulo teórico, apresenta-se a novela *Babilônia* com um resumo sobre o enredo, o núcleo composto por Teresa e Estela, além de comentários sobre a audiência da trama, considerada um dos grandes fracassos do horário nobre da televisão.

No capítulo seguinte é apresentada a teoria das representações sociais de Moscovici (2003). A discussão sobre a homossexualidade e a velhice está repleta de preconceitos e ideias negativas, por se trataram que questões que se afastam do padrão de idade e orientação sexual estabelecidos pela sociedade. Tais padrões são construídos culturalmente por meio das representações sociais. Segundo o autor, as representações sociais são as imagens e significações que dão forma aos objetos, pessoas e acontecimentos, que passam a determinar a realidade.

Na sequência fala-se sobre a luta de minorias em busca de direitos iguais, como é o caso do movimento feminista, que possibilitou o surgimento do movimento LGBT e, posteriormente, o movimento lésbico. A abordagem se mostra fundamental para entender em que contextos as representações das lésbicas foram criadas, a partir de movimentos sociais, estudos de gênero e teoria *queer*, além de evidenciar a necessidade do debate sobre o tema.

Para a abordagem sobre a velhice, duas das principais referências foram Guita Debert (1999), que apresenta importantes problematizações sobre o tema, e Miriam Goldenberg (2013), que fala sobre a “bela velhice” na qual as novas gerações de idosos buscam se reinventar após os 60 anos e romper com a ideia negativa desta fase da vida. Os idosos, assim como as lésbicas, sofrem com o preconceito e configuram uma minoria social, pois não comportam os padrões estabelecidos socialmente de idade (o jovem é bastante valorizado na sociedade contemporânea).

Este trabalho teve como foco a televisão como um fenômeno social que produz sentidos. Diante disto, é apresentado um breve histórico sobre a televisão brasileira e as suas telenovelas para compreender como as representações sociais de lésbicas e idosos foram trabalhadas e difundidas ao longo dos anos.

Como metodologia de pesquisa, a partir da obra *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático* (BAUER; GASKELL, 2002), optou-se pela análise de conteúdo das cenas da novela e suas representações. Foram analisadas as cenas protagonizadas por Teresa e Estela, nas quais os diálogos tivessem como foco a homossexualidade ou a velhice. Também foram incluídas algumas cenas sem a presença das duas, e sim de personagens próximos que as tivessem como pauta da conversa.

Para finalizar foi feita a seleção das principais cenas que abordassem a relação das duas, alguns discursos da representação de lésbicas e idosas e o preconceito. Dividiu-se a análise em três categorias temáticas (O casal Teresa e Estela; *As Sapatasas* e Discussão dos Resultados) que auxiliaram na compreensão de quais imagens e valores foram transmitidos para a sociedade em relação à duas mulheres lésbicas e idosas em *Babilônia*.

2. Babilônia

A telenovela aborda o cotidiano, no qual pessoas de diferentes raças, classes sociais, idades e sexos se identificam e identificam o outro. Ao mesmo tempo em que apresentam questões voltadas para relações familiares, de trabalho e de vida, também abastecem o telespectador com a história sobre o outro, passeia por “outras vidas, outros dramas, outras tramas” (MOTTER, 2003, p. 78).

No ano do aniversário de 50 anos da principal emissora da televisão brasileira, a Rede Globo, *Babilônia* estreia com a importante tarefa de ser um grande folhetim do horário nobre. Com um elenco repleto de atrizes “de peso” como Glória Pires, Fernanda Montenegro, Nathália Timberg, Adriana Esteves e Arlete Salles, é uma produção que trata de assuntos polêmicos que fazem parte da realidade social, como racismo, homossexualidade, corrupção, prostituição e religião. Assim, importantes atrizes funcionam como meio de debate de temas tão delicados, principalmente com Fernanda Montenegro e Nathália Timberg, intérpretes de Teresa e Estela, respectivamente. Duas das principais atrizes brasileiras levantam a discussão sobre a relação de duas senhoras lésbicas.

Escrita pelos autores Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, *Babilônia*³ estreou dia 16 de março de 2015 na Rede Globo de televisão e ficou no ar até 28 de agosto do mesmo ano. Gilberto Braga é um autor reconhecido por trabalhar com crônicas da classe média carioca (LOPES, 2003). Bons exemplos deste tipo de abordagem estão presentes nas tramas *Paraíso Tropical* (2008) e *Insensato Coração* (2011). Porém, em entrevista para a Memória Globo⁴, o mesmo afirmou que não gosta de ser apontado como escritor dos ricos.

Tudo que é etiqueta é chato. Mas, se me derem a etiqueta de escritor do Rio, eu vou gostar. [...] ‘Escritor do Rio’ é uma etiqueta que eu aceito, porque tenho orgulho. Adoro a frase do Nelson Rodrigues: ‘Quando eu vou passando pela Praça da Bandeira, já começo a sentir saudades do Brasil’. No fundo, não sou brasileiro, sou carioca. (BRAGA, Gilberto).

Em suas telenovelas, a maioria ambientada no Rio de Janeiro, o autor normalmente aborda temas como disputa por poder, ambição, ascensão social, vingança, amor entre pessoas de classes sociais diferentes, conflitos familiares, ética, política, crítica social, discriminação social, homossexualidade, entre outros. Outra característica presente nas obras do autor é a presença de personagens LGBTs, como em *Dancin’Days* (1978), *Brilhante* (1981), *Vale Tudo*

³ Memória Globo. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/babilonia.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

⁴ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gilberto-braga/gilberto-braga-trechos-da-entrevista-ao-memoria-globo.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

(1988), *Celebridade* (2003), *Paraíso Tropical* (2007) e *Insensato Coração* (2011). Em *Babilônia* não foi diferente.

Com direção geral de Maria de Médices e Dennis Carvalho, a telenovela recebeu esse nome por conta do Morro da Babilônia, na Zona Sul do Rio de Janeiro, onde boa parte dos seus 143 capítulos⁵ é ambientada. Além do morro, a história se passa no Leme, bairro de classe alta e classe média alta da Zona Sul do Rio, e na Barra da Tijuca, barro nobre da Zona Oeste da cidade carioca. O folhetim das 21h teve como trama principal a história de três mulheres diferentes que tiveram suas vidas entrelaçadas por conta de um crime.

Dividida em duas fases, 2005 e 2015, *Babilônia* apresenta a ascensão de Beatriz, a frustração de Inês e a integridade de Regina. Beatriz (Glória Pires) é uma arquiteta de classe média alta, que adora o poder e tem na sensualidade uma arma para conseguir o que quer. Inês (Adriana Esteves), é uma advogada de classe média obcecada por Beatriz, porém não tem os atributos e privilégios da mesma. As duas são as vilãs que, durante toda a trama, são aliadas e rivais na busca por objetivos.

Já no primeiro capítulo um crime as une e marca a relação de chantagem delas (uma tenta colocar a culpa do crime na outra, e vice-versa). Tal crime ainda acrescenta mais uma pessoa à lista de protagonistas de *Babilônia*: Regina (Camila Pitanga). A moça de origem humilde, trabalhadora, com vontade de estudar para vencer na vida, vê seus sonhos interrompidos após seu pai ser assassinado. Ao longo de toda a novela, Regina batalha para dar uma vida melhor para a sua família e não desiste de colocar o assassino de seu pai atrás das grades.

Além da trama principal que envolve as três protagonistas, algumas tramas paralelas surgem ao longo da novela, como o amor proibido entre Rafael (Chay Suede) e Laís (Luisa Arraes); as falcatruas do político corrupto Aderbal (Marcos Palmeira) com o auxílio da mãe Consuelo (Arlete Salles); a ascensão de Paula (Sheron Menezes), uma advogada negra que alcança o sucesso profissional; e a vida de Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathália Timberg), duas senhoras casadas há mais de 35 anos.

Neste trabalho, a partir do levantamento de teorias que envolvem o movimento lésbico, teoria *queer*, a velhice e as representações sociais, será feita a análise de conteúdo da representação de duas idosas lésbicas na novela *Babilônia*, no caso, serão objeto deste estudo as personagens Teresa e Estela.

⁵ Segundo Lopes (2003), uma novela tem em média 180 capítulos. *Babilônia* foi reduzida em quase dois meses por conta da baixa audiência.

2.1. Teresa e Estela

Teresa é bem sucedida e dona de um prestigiado escritório de advocacia. É reconhecida por lutar pela libertação de presos políticos durante a ditadura e também por atuar em casos de discriminação sexual. Estela é proprietária de um antiquário, mãe de Beatriz e desconhece o verdadeiro caráter da filha. De família rica e tradicional, reprimiu por muito tempo sua orientação sexual. Após anos vivendo um casamento infeliz, se divorciou do marido e chocou a sociedade ao assumir o romance com Teresa. O relacionamento das duas é aceito pela filha de Estela, embora a mesma não se dê bem com Teresa, pois esta sabe que a enteada não é a pessoa que diz ser.



Figura 2 – Teresa (Foto: TV Globo)



Figura 1 - Estela (Foto: TV Globo)

Juntas há mais de trinta anos, Teresa e Estela criam Rafael como filho. O menino ficou órfão após sua mãe, outra filha de Estela, falecer ao dar à luz. Desde então, cresceu ao lado das duas mulheres e as chama de mãe.

A existência de personagens como Teresa e Estela rompe o padrão da representação de relações entre pessoas do mesmo sexo na televisão brasileira. As duas têm uma relação sólida, monogâmica, construíram uma família, são profissionais de sucesso e fogem da representação lésbica marcada por roupas e trejeitos masculinizados. Adiciona-se a isso o fato de serem idosas. A discussão da sexualidade na terceira idade é um tabu, é pouco debatida, e as representações sociais da velhice muitas vezes são aquelas do ser incapaz, dependente de sua família. Teresa e Estela também quebram este padrão de representação. Além disso, formam o primeiro casal homossexual da terceira idade das telenovelas brasileiras.

Para Fernanda Montenegro, em entrevista para a coluna Quanto Drama!⁶, a escolha dos autores por apresentar um casal de mulheres da terceira idade é um caminho plausível, pois “neste tema dos duplos já foi feito de tudo na ficção”. A atriz lembra que já se falou

⁶ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/quanto-drama/entrevista/os-que-acharem-estranho-vaotolerar-ja-esta-bom-diz-fernanda-sobre-papel-gay-em-babilonia/>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

sobre a descoberta da homossexualidade, a dificuldade de se assumir homossexual, casais gays, casais lésbicos e expectativa sobre beijos entre pessoas do mesmo sexo. Segundo Fernanda, “este é um caminho e mais: uma demonstração de que esses pares existem na sociedade”.

2.2. A rejeição de *Babilônia*

Logo na estreia, o telespectador de *Babilônia* presenciou um beijo entre as personagens de Nathália Timberg e Fernanda Montenegro. Embora não tenha sido o primeiro em telenovelas, o beijo foi ao ar sob grande expectativa por ser protagonizado por duas senhoras idosas, personificadas por atrizes consagradas no teatro, televisão e cinema brasileiros. A cena trouxe um ato corriqueiro na vida de um casal, mas o fato deste ser formado por duas mulheres idosas gerou diversas reações do público.

A Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional chegou a divulgar uma nota oficial de repúdio ao beijo protagonizado pelas atrizes. De acordo com um blog do Estadão⁷, o deputado João Campos (PSDB-GO), presidente da Frente, alegou que a novela tem como objetivo afrontar os cristãos e classificou o beijo lésbico como “modismo”. O deputado também afirmou que a telenovela ataca a família brasileira e dissemina a ideologia de gênero. Além das afirmações, Campos convocou todos os evangélicos para um boicote à novela e seus anunciantes.

Em relação ao reflexo do beijo dado pelas atrizes, Fernanda Montenegro, em entrevista ao site Ego.⁸, afirmou ter se surpreendido com a repercussão. “Não houve um ‘beijão’. Quem ampliou a contundência do beijo foi o preconceito de parte do público. O gesto foi absolutamente casto, delicado e carinhoso”.

Nathália Timberg, em outra entrevista ao site Ego.⁹, explica que

Hoje em dia somos livres e apesar de muito banalizado e vulgarizado, o amor é uma coisa bonita. Não importa se é entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes. Nosso objetivo é mostrar para as pessoas o lado humano do amor e não esse amor de agora onde as pessoas resolveram levar suas camas para os jornais.

No que diz respeito ao preconceito devido a orientação sexual das duas na trama, Fernanda Montenegro, em entrevista ao portal Uol¹⁰, afirma que “o que importa é a história

⁷ Blog Radar Cultural. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/radar-cultural/frente-evangelica-da-camara-lanca-nota-de-repudio-a-beijo-gay-em-babilonia/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

⁸ Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/03/foi-casto-e-delicado-diz-fernanda-montenegro-sobre-beijo-gay-na-tv.html>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

⁹ Disponível em: <<http://ego.globo.com/televisao/noticia/2015/01/mostraremos-o-lado-humano-do-amor-diz-timberg-sobre-personagem-lesbica.html>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

humana das personagens. Imagina como foi para elas assumir esse relacionamento há 35 anos? [...]É um casal com uma relação sólida. O que menos importa é a sexualidade”.

Além do choque causado pelo beijo gay, outro elemento que causou impacto na estreia foi a telenovela ter pouco amor e muito sexo, como se a história se resumisse a vingança e sedução. Segundo Gilberto Braga, em entrevista para o jornal O Globo¹¹, “o primeiro capítulo tinha coisas *chocantíssimas*”, o que gerou rejeição da parte mais conservadora dos telespectadores.

E foi assim que a trama das 21h teve a segunda pior estreia da faixa horária¹², com um média de 33 pontos de audiência, de acordo com o Ibope para a Grande São Paulo. Já no Rio de Janeiro, a audiência foi de 35 pontos. O posto de pior estreia de uma novela das nove ficou com sua antecessora *Império*, que alcançou 32 pontos em seu primeiro capítulo. Durante a primeira semana de exibição¹³, registrou, em média, somente 29 pontos de audiência, número considerado baixo para o horário nobre da televisão brasileira.

A sequência de números ruins continuou ao longo de sua exibição, chegando a perder para a novela das 19h, *Alto Astral*, que registrou 25,3 pontos, no dia 25 de março de 2015¹⁴. O folhetim das 21h, alcançou 24,9 pontos, o pior resultado em dia útil desde a estreia da telenovela. Três dias antes (22), em um sábado, *Babilônia* havia registrado apenas 22 pontos de audiência na Grande São Paulo¹⁵.

Desde o princípio, a baixa audiência da telenovela chamou atenção, tanto que o autor pediu que o grupo de discussão fosse realizado antes do previsto. Os grupos de discussão são realizados como ferramenta de “controle, verificação ou manutenção dos programas”. Durante a exibição de uma telenovela são realizados de dois a três grupos para investigar as características dos personagens, núcleos e história. Desta forma, é possível identificar quais as preferências do grupo em relação à trama, aos personagens e suas relações, aos aspectos morais e estéticos da história, rejeição de personagens, entre outros. Por meio destes debates é

¹⁰ Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/03/12/tem-de-tratar-com-naturalidade-diz-fernandona-sobre-casal-gay-em-novela.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

¹¹ O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/gilberto-braga-comenta-audiencia-abaixo-do-esperado-de-babilonia-promete-castigar-vila-no-final-nao-aguento-mais-impunidade-16294452>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

¹² Blog Radar On-line. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/televisao/o-ibope-de-babilonia/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

¹³ Dados Ibope. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/top-5-gsp-audiencia-de-tv-1603-a-22032015/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

¹⁴ Notícias da TV Uol. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/big-brother-e-novela-das-sete-superam-audiencia-de-babilonia-7130>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

¹⁵ Blog Radar On-line. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/televisao/sinal-amarelo-na-globo-ibope-de-babilonia-despancou-no-sabado/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

possível “entender e interpretar as oscilações nos índices de audiência” (OGURI; CHAUVEL; SUAREZ, 2009). A partir desses grupos de discussão, os autores podem realizar mudanças para agradar o público e tentar solucionar os problemas de audiência.

Segundo dados divulgados pelo blog Outro Canal da Folha de São Paulo¹⁶, no Nordeste e em Goiás, por exemplo, *Babilônia* chegou a alcançar apenas 12 pontos na audiência. Em abril, *Babilônia* teve menos audiência do que a telenovela *Os Dez Mandamentos*, exibida pela Record. O folhetim da Globo teve 14,5 pontos de audiência em Goiânia, enquanto a trama bíblica registrou 15,5 pontos. A baixa audiência da telenovela obrigou os autores a reescrever algumas cenas e fazer cortes.

Doze dias após a estreia, no dia 28 de março, a telenovela ganhou uma nova vinheta de abertura¹⁷. Os tons escuros e o título avermelhado foram substituídos por cores mais leves, para evitar reforçar o clima “pesado” da trama. A logomarca, que antes surgia sobre uma parede de concreto, passou a aparecer sobre o nascer do sol. Novas chamadas focaram na história da mocinha Regina e, durante os intervalos da programação, deram destaque às tramas paralelas como a do político corrupto Aderbal Pimenta e a do romance entre sua filha Laís e Rafael, filho de Teresa e Estela.

Em se tratando das duas, as cenas de carinho entre elas foram reduzidas¹⁸. Inclusive o selinho que o casal daria após dizer “sim” no altar. Segundo o levantamento realizado nos grupos de discussão, apesar de as personagens terem sido bem recebidas, o público não queria ver as atrizes trocando carícias.

Outro personagem que sofreu alteração foi Carlos Alberto (Marcos Pasquim). Escalado para viver o homossexual que faria par com Ivan (Marcello Melo Jr.), teve sua trama alterada após um grupo de discussão de São Paulo revelar que não o via como gay por sempre ter representado personagens heterossexuais e bem “machos”. O namorado de Ivan, que iria assumir sua homossexualidade e sofreria com o preconceito do próprio filho, foi substituído por Sérgio (Cláudio Lins), irmão do personagem interpretado por Pasquim. Carlos Alberto, por sua vez, se apaixonou por Regina e disputou o coração da mocinha com Vinícius.

¹⁶ Blog Outro Canal. Disponível em: <<http://outrocanal.blogfolha.uol.com.br/2015/04/13/babilonia-enfrenta-crise-nacional-de-audiencia/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

¹⁷ Notícias da TV Uol. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-faz-operacao-de-salvamento-e-relanca-babilonia-apos-queda-7158>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

¹⁸ Blog PurePeople. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/novela-babilonia-cenas-de-beijo-entre-teresa-e-estela-sao-cortadas_a51001/1>. Acesso em: 24 mar. 2016.

A personagem de Sophie Charlotte, Alice, também teve sua história modificada¹⁹. A filha de Inês tinha como destino virar garota de programa do cafetão Murilo (Bruno Gagliasso) após ter a autoconfiança abalada pela mãe. Sem saber, ela iria realizar seu primeiro programa graças a uma armação do cafetão e ficaria indignada com a situação. Capítulos depois, cansada das brigas com a mãe, a personagem procuraria Murilo e toparia virar garota de programa. Seu primeiro cliente seria Guto (Bruno Gissoni) e depois, Evandro (Cássio Gabus Mendes).

Devido à forte rejeição do público nas primeiras semanas, os autores optaram por não colocar as cenas no ar e resolveram fazer com que a jovem desistisse da ideia e acabasse se envolvendo com Evandro. Dessa maneira, Alice passou a ser uma nova mocinha e caiu no gosto do público, que torceu para que o romance entre os dois desse certo. A tática também serviu para evitar problemas relacionados à classificação indicativa da novela, pois o horário não permite a exploração da prostituição.

Outra estratégia para ganhar audiência foi a antecipação do segredo do passado das vilãs Beatriz e Inês²⁰. O público não entendia a inveja e obsessão que Inês sentia por Beatriz. A saída para acabar com essa dúvida foi revelar uma história do passado envolvendo as duas, o pai de Inês e Teresa. A antecipação dos fatos foi uma manobra para gerar interesse do público pela trama das duas vilãs.

A própria Beatriz, mulher fria, calculista, sedenta por sexo e poder, passou a ser romântica e apaixonou-se pelo nadador Diogo (Thiago Martins), filho do seu amante, o qual ela mesma assassinou. Inês também não escapou das mudanças. Se antes ela tinha uma relação conturbada com a filha Alice, passou a tê-la como melhor amiga.

Os autores também apostaram no humor do triângulo amoroso envolvendo Norberto (Marcos Veras), Valeska (Juliana Alves) e Clóvis (Igor Angelkorte). O cômico ganhou espaço no núcleo político, evangélico e corrupto da família Pimenta, repleta de críticas aos governos corruptos, à homofobia e à intolerância religiosa.

Após as mudanças, os índices melhoraram em todo o país. Em Santa Catarina, por exemplo, a audiência subiu de 12 para 42 pontos. Em compensação, o sucesso não foi o mesmo em São Paulo, onde a telenovela chegou a perder para a trama das 19h.

Os altos e baixos marcaram toda a trajetória de Babilônia. No último capítulo, conquistou 32,2 pontos, caracterizando a pior audiência de um final de telenovela das nove de

¹⁹ Notícias da TV Uol. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/pressionada-globo-elimina-trama-de-garota-de-programa-de-babilonia-7243>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

²⁰ Notícias da TV Uol. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/para-salvar-babilonia-globo-revela-grande-misterio-de-vilas-saiba-mais-7259>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

2015²¹, com uma média geral de 25 pontos na Grande São Paulo, segundo o Ibope. Sua antecessora *Império* marcou 50 pontos em seu último capítulo no Rio de Janeiro e 46 em São Paulo, 18 pontos a mais que o folhetim de Gilberto Braga.

²¹ Uol. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/08/28/ultimo-capitulo-de-babilonia-tem-pior-ibope-e-fica-atras-de-antecessoras.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

3. Representações sociais e telenovelas: construindo realidades

As telenovelas possibilitam a identificação do telespectador com a vida das personagens. Ao acompanhar uma trama, é possível refletir diante das dificuldades e vitórias enfrentadas pelas personagens, pois no folhetim, pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se reconhecem nele ou reconhecem alguém que já viveu ou vive situações parecidas (LOPES, 2009).

Tais interpretações são possíveis graças ao fenômeno das representações sociais. Mas afinal, o que é representação social? Este conceito foi introduzido na psicologia social por Serge Moscovici primeiramente em 1961, com a obra *La Psychanalyse: Son image et son public*. Segundo o autor (2003, p. 34) as representações sociais têm como objetivo dar forma aos objetos, pessoas ou acontecimentos e são criadas por pessoas ou grupos por meio da comunicação e cooperação. Quando criadas, circulam, se modificam, possibilitam a formação de novas representações ao mesmo tempo em que as antigas são reformuladas ou desaparecem. Elas muitas vezes condicionam ou respondem o comportamento e estrutura sociais (2007, p. 41). “Isso é assim, não porque ela possui uma origem coletiva, ou porque ela se refere a um objeto coletivo, mas porque, como tal, sendo compartilhada por todos e reforçada pela tradição, ela constitui uma realidade social *sui generis*”. (MOSCOVICI, 2003, p. 41).

Moscovici (2003, p. 46) esclarece que as representações são equivalentes às imagens e significações, são responsáveis por igualar “toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem”. Assim, elas possibilitam que as pessoas compartilhem ideias e imagens consideradas corretas e aceitas por todos. Diante disto, é possível pensar que as representações sociais são construções culturais que passam a determinar a realidade. E ainda, tais representações são impostas sobre nós, são resultado de uma sequência de formulações e mudanças propagadas ao longo das gerações (MOSCOVICI, 2003, p. 37).

Partindo deste princípio, a televisão, em especial, as telenovelas, podem ser consideradas um meio de criação de representações sociais. As telenovelas são pensadas a partir de elementos culturais reconhecidos pela sociedade, e, desta forma, acabam selecionando e reforçando determinado tipo de construção social, uma vez que

[...] as telenovelas ao cumprirem suas funções de “divertissement” cotidiano preenchem funções latentes tanto de reprodução quanto de mudança social, pode-se considerá-las como uma das principais oficinas de construção, reformulação, mistura, reprodução, transformação e negociação de valores morais individuais e sociais e sociais que, no final do processo participam da

composição das nossas representações sociais de sujeito, família, país, mundo e sociedade. (JUNQUEIRA, 2003, p. 2).

Uma vez que as representações sociais são desenvolvidas por meio da comunicação, a televisão tem forte influência no processo de difusão dessas realidades por ser o meio de comunicação mais utilizados pela população brasileira²². A emergência de novas ferramentas de comunicação de massa deu espaço para diferentes possibilidades de circulação de ideias (DUVEEN, In: MOSCOVICI, 2003, p. 17).

Essa propagação de representações é reforçada por meio das telenovelas, ferramentas de entretenimento que trazem em seus enredos acontecimentos cotidianos como política, romance, traição, entre outros. Com a função de divertir quem as assiste, elas são ferramentas de construção, transformação e debate de princípios e valores que participam da composição das representações sociais de homem, mulher, idoso, família, orientação sexual, padrão de beleza, etc. Elas oferecem uma quantidade variada de representações que são interpretadas e reelaboradas pelo telespectador de acordo com experiências obtidas dentro de sua cultura específica. Neste contexto, é possível perceber que as personagens reúnem valores e características reconhecidos pelas pessoas e, conseqüentemente, reforçam e estimulam certos comportamentos e discursos que são enraizados na sociedade.

Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. (MOSCOVICI, 2003, p. 8).

Moscovici (2003, p. 54) apresenta três hipóteses que justificam o porquê de criarmos representações sociais. A primeira explica que elas são geradas para responder a determinada necessidade. Em seguida, têm-se as representações como respostas a um estado de desequilíbrio. Por último, a ideia que de representações são criadas para favorecer a dominação impopular, da mesma forma que “métodos de controle ‘comportamental’ e de propaganda que exercem uma coerção forçada em todos aqueles a quem eles estão dirigidos”. O autor vai além e sugere que o objetivo das representações é transformar algo não-familiar em familiar. Moscovici (2003, p. 55) explica que a dinâmica das representações sociais e suas relações é uma dinâmica de familiarização, pois tudo é percebido e entendido a partir encontros e paradigmas.

²² Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, 95% dos entrevistados afirmaram ver TV. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2016.

O processo de criação de representações sociais se desdobra da seguinte maneira: a comunicação se dá a partir do momento em que cientistas, filósofos, pensadores, etc., difundem algum tipo de conhecimento. Assim, ideias novas se tornam conhecidas, se popularizam. Com a ideia popularizada, ela se torna foco de debates e, conseqüentemente, tornam-se conhecidas, familiares (MOSCOVICI, 2003, p. 353). As representações mesclam as ideias propagadas ao longo da história com ideias novas, ou seja, estão em constante movimento.

Aquilo que é diferente, excluído do universo familiar gera incômodo. Como é o caso da homossexualidade, por não se enquadrar na representação social de orientação sexual tida como “normal” do ser humano, a heterossexualidade. Quando algo diferente passa a ser conhecido pela sociedade, há “lutas culturais, polêmicas intelectuais e oposições entre diferentes modos de pensar” (MOSCOVICI, 2003, p. 312). E, conseqüentemente, há uma mistura de representações que resultam em algo novo.

As representações sociais funcionam como referência para grupos e indivíduos se identificarem e perceberem como são retratados. Assim, as pessoas podem se “definir, ver seus desejos e possibilidades publicamente expressados”. Os movimentos sociais também reivindicam a mudança nas representações em busca daquelas que sejam adequadas à realidade (MONTORO; MENDONÇA, 2015, p. 169). É o caso do movimento feminista, por exemplo, que luta contra os padrões de dominação masculina e busca a igualdade entre os sexos.

Como a sociedade imagina uma lésbica? Por que as lésbicas são constantemente associadas à elementos masculinos? Por que o idoso é muitas vezes reconhecido como incapaz, doente, isolado?

É possível desenvolver representações por meio de mecanismos que Moscovici (2003, p. 60) chama de ancoragem e objetivação. Uma vez que as representações sociais não são as mesmas para todas as pessoas (dependem do contexto sociocultural no qual o indivíduo está inserido), é comum que diferentes ideias e situações surjam. Diante de novas e estranhas informações, o indivíduo tende a classificar esses novos elementos de conhecimento a partir de uma ideia pré-existente, uma imagem comum, e rotulá-los com um nome conhecido, familiar. Tal tendência é denominada “ancoragem”: “Esse é o processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2003, p. 62).

É o caso de se pensar o casal homossexual dentro de padrões heterossexuais, por exemplo. Um casal clássico lésbico é composto por uma lésbica *butch* (mulher macho) e uma *femme* (lésbica feminina), fazendo alusão a um homem se relacionando com uma mulher (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 40). Dessa forma, uma ideia nova ou estranha (um casal formado duas mulheres) é ancorada à representação social do casal visto como “normal” para a sociedade, ou seja, o casal heterossexual (homem/mulher).

O mecanismo da objetivação, segundo Moscovici (2003, p. 61), “procura transformar algo abstrato em algo quase concreto”. É como dar uma identidade ao que não estava identificado, converter algo inexistente em conhecido, transformar as representações em realidade. Tudo isso por meio de um reagrupamento de ideias e imagens focadas no mesmo assunto. A pessoa adquire conhecimento por meio da comunicação e da disseminação das representações sociais, a partir de diferentes perspectivas. Durante este processo, recorre a informações e ideias já conhecidas para tentar compreender o estranho, para então transformar o abstrato em concreto e, posteriormente, considerar esse novo elemento como parte da realidade. (MOSCOVICI, 2003, p. 71).

Estes mecanismos são desenvolvidos ao mesmo tempo, são complementares e dão significado às representações sociais. A partir do momento que se categoriza alguém ou alguma coisa, faz-se uso de ideias presentes na memória para estabelecer relações. Moscovici comenta:

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (2003, p. 78).

Neste cenário de representações, as minorias são definidas a partir de determinados aspectos históricos e culturais propagados ao longo de gerações. Os pertencentes a esse grupo, como lésbicas e idosos, por exemplo, “veem-se mais ou menos coagidos a entrar no molde preparado e a adotar uma atitude conformista” (MOSCOVICI, 1978, p. 49). Por isso é comum vermos idosos representados por características negativas (decadentes), homens representados por executivos poderosos, mulheres donas de casa ou secretárias, o *gay* afetado, a lésbica mulher-macho, etc. Tais representações foram criadas socialmente.

As representações são fundamentadas em valores e princípios nos quais a sociedade, os grupos e os indivíduos se baseiam para formularem os sentidos de suas ações. O estudo dessas representações sociais a partir de teorias e percepções do movimento feminista,

movimento lésbico e a velhice, por exemplo, permite entender como são construídas as representações sobre mulheres, lésbicas e idosos, como é o caso das personagens Teresa e Estela, analisadas neste trabalho.

4. Em busca de direitos iguais

Neste trabalho, será feita a análise das personagens Teresa e Estela da telenovela *Babilônia* da Rede Globo, que fazem parte de minorias sociais: ambas são lésbicas e idosas. Diante disto, é importante apresentar alguns movimentos históricos nos quais estas minorias estão inseridas, para compreender melhor em que contextos as suas representações foram construídas e entender a necessidade do debate sobre essas questões. Dentre os movimentos que serão discutidos ao longo deste trabalho, está o movimento feminista, que deu espaço para o surgimento do movimento LGBT e, posteriormente, o movimento lésbico.

Durante séculos, as mulheres foram silenciadas por questões religiosas e políticas, quando não podiam estudar, votar e trabalhar. Suas vidas se resumiam a cuidar da casa, dos filhos e serem boas esposas para seus maridos. O homem era o centro da sociedade e as mulheres, submissas a eles. Aos poucos elas se uniram para questionar as “normas e condições que presidiam seu destino pessoal e seu confinamento à esfera privada” (DESCARRIES, 2000, p. 10). Essa união caracteriza o movimento feminista, que questiona os padrões de dominação masculina, o patriarcado e a hierarquização dos sexos. O movimento feminista procura a “explicação da origem da opressão feminina, ao mesmo tempo que fundamentava uma identidade universal de ser mulher” (MARIANO, 2012, p. 134).

O feminismo fundou-se na tensão de uma identidade sexual compartilhada (“nós mulheres”), evidenciada na anatomia, mas recortada pela diversidade de mundos sociais e culturais nos quais a mulher se torna mulher, diversidade essa que, depois, se formou como identidade de gênero, inscrita na cultura (SARTI, 2008).

O movimento não é organizado de uma maneira centralizada e única, e sim pela “auto-organização das mulheres e suas múltiplas frentes, assim como em grupos pequenos, onde se expressam as vivências próprias de cada mulher e onde se fortalece a solidariedade” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 8-9).

O desenvolvimento de teorias feministas plurais vem estimulando um refinamento de análises teóricas que desconstroem os modelos únicos do ‘ser

mulher'. Nesse sentido as lesbianas, as negras, as mulheres oriundas de países outrora colonizados denunciam a nova representação hegemônica sob a imagem da mulher branca, heterossexual, classe média, abrindo o caminho para se pensar o múltiplo. (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 87).

Assim, variáveis como raça, classe e orientação sexual compõem a diversidade de representações e experiências de mulheres que auxiliam na desconstrução de um padrão único de mulher. Diante dessa diversidade, a ideia de um feminismo singular, com estratégias e discursos únicos, é desfeita (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 87-88).

A primeira fase do movimento envolveu a luta pelo sufrágio feminino, uma igualdade política entre homens e mulheres. Um dos momentos iniciais do feminismo ocorreu em 1848, quando foi realizada a Convenção dos Direitos da Mulher, nos Estados Unidos (ALVES; PITANGUY, 1985). Antes disso, na Revolução Francesa (1789) as mulheres já haviam se manifestado na luta por direitos iguais. Entre os anos 60 e 70, a segunda onda feminista questiona a condição subordinada da mulher tida como natural, em busca da igualdade e do fim da discriminação entre os sexos.

A relação de poder entre homens e mulheres é estabelecida a partir do momento em que o macho (homem), forte e viril, domina a fêmea (mulher), indefesa e delicada. É da natureza feminina ser dominada, é um fator biológico. Será? Bom, pensou-se assim por um tempo.

Contrapondo-se a esse pensamento, Beauvoir afirmou que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009, p. 361), ou seja, é a sociedade em que ela vive que a ensina a ser mulher de acordo com padrões pré-estabelecidos durante o seu desenvolvimento, pois o feminino não é um fator biológico, é construído pela sociedade. Neste contexto, além de reivindicar os direitos políticos, trabalhistas e civis das mulheres, o movimento passa a questionar as origens culturais destas desigualdades. Passou-se a contestar a função biológica reprodutora das mulheres e analisar o contexto histórico da construção de seu papel na sociedade, defendendo o direito das mulheres de vivenciar a sua sexualidade.

A afirmação de Beauvoir acaba por distinguir o “componente social do sexo feminino de seu aspecto biológico, ainda sem conceituar gênero” (SCAVONE, 2008, p. 175). E foi neste período do movimento, nos anos 1970 na busca por uma nova proposta conceitual para o “componente social do sexo”, no qual iniciaram-se os estudos de gênero. Nessa nova perspectiva, o sexo é um elemento biológico, marcado pela presença das genitálias que diferenciam os seres humanos entre machos e fêmeas. O gênero passa a ser o elemento construído culturalmente e que “responde pela construção social das diferenças entre os sexos” (SCAVONE, 2008, p. 179).

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser. (BUTLER, 2015, p. 69).

Após a formulação desse conceito “gênero”, é possível afirmar que o movimento feminista tem como objetivo desconstruir os binarismos de gênero. O novo conceito ainda criou a oportunidade de se discutir o ser homem e ser masculino, assim como ser mulher e ser feminina, não ficando restrito apenas à relação de domínio/subordinação entre os sexos. O debate de gênero possibilita a desconstrução de padrões de identidade que regulam a vida das pessoas (MATOS, 2008).

4.1. O feminismo em terras brasileiras

Após a conquista do direito ao voto em 1932, o Brasil protagonizou um aumento da presença feminina nas campanhas nacionais (ALVES; PITANGUY, 1985). Apesar de ter havido na história brasileira experiências feministas relevantes antes dos anos 1970, foi nesse período que o movimento ganhou força devido à oposição à ditadura militar.

O golpe de 1964 freou a liberdade de expressão e instaurou uma política totalitária. As mulheres se viram na obrigação de se manifestar e questionar seu papel na sociedade, afinal, por muito tempo elas foram silenciadas por sua posição tradicionalmente secundária, restrita aos afazeres do lar. Foi então que questionaram, foram às ruas em busca de seus direitos, pegaram em armas, foram presas, exiladas e assim como os homens, acabaram mortas. “Impulsionados por algumas militantes da esquerda revolucionária, intelectuais e pelas exiladas, que traziam na bagagem a experiência do feminismo europeu, diversos grupos de mulheres começaram a se formar” (ZAPPA; SOTO, 2008, p. 214).

O feminismo no Brasil iniciou-se nas camadas médias, onde as mulheres tiveram acesso à educação universitária, e ganhou força a partir da união com as camadas populares e suas organizações de bairro. O movimento também se aliou à Igreja Católica e a grupos de esquerda (SARTI, 2008).

Parte dos grupos feministas era influenciada pelo marxismo que, atrelado ao combate à ditadura, “imprimiu ao movimento características próprias” (SARTI, 2008, p. 36). Com a união das mulheres, o movimento conseguiu impactar instituições políticas, sociais e costumes, além de ampliar o espaço de atuação pública feminina.

Embora o feminismo comporte uma pluralidade de manifestações, ressaltar a particularidade da articulação da experiência feminista brasileira com o momento histórico e político no qual se desenvolveu é uma das formas de

pensar o legado desse movimento social, que marcou uma época, diferenciou gerações de mulheres e modificou formas de pensar e viver. (SARTI, 2008, p. 36).

Outros acontecimentos que influenciaram o desenvolvimento do movimento feminista brasileiro foram as mudanças na situação da mulher no Brasil a partir dos anos 60, com a modernização no país questionando a hierarquia de gênero, e a declaração do ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher pela ONU, instituído graças ao grande impacto do feminismo europeu e norte-americano nas discussões da condição da mulher, que deu visibilidade ao movimento feminista em nível mundial (SARTI, 2008).

Nesse mesmo ano, um grupo de mulheres realizou uma semana de debates sobre a condição da mulher, no Rio de Janeiro. Ainda em 1975, foi fundado o *Centro da Mulher Brasileira* no Rio de Janeiro e em São Paulo. No mesmo período, os jornais feministas *Brasil-Mulher* e *Nós Mulheres* foram editados (ALVES; PITANGUY, 1985).

Com o desenvolvimento do movimento e sua disseminação pelo país, as mulheres passaram também a agir de forma especializada, com um olhar técnico e profissional. Assim, alguns grupos se transformaram em organizações não-governamentais e “buscaram influenciar as políticas públicas em áreas específicas” (SARTI, 2008, p. 42)

Nos anos 1980, desenvolveu-se a pesquisa acadêmica sobre a mulher, foram criados conselhos da condição feminina no governo, a violência contra a mulher passou a ser tratada em delegacias próprias, entre outros. Houve ainda uma alteração da condição da mulher na Constituição Federal de 1988, que deu fim à tutela masculina na sociedade conjugal (SARTI, 2008).

4.2. Mais do que questões de gênero, uma discussão sobre sexualidade: movimentos homossexuais e Teoria *Queer*

A sociedade costuma excluir aqueles que não se enquadram no interpretado como “normal”. Entre outras características, a heterossexualidade é um dos pilares dessa “normalidade” social. Mas, o que dizer daqueles que não são heterossexuais? Não existem?

Teresa e Estela são lésbicas, fator que as coloca no grupo das minorias sociais, dos excluídos. Mas, antes de discutir a lesbianidade em si, com o objetivo de compreender a inserção social do tema é interessante apresentar como surgiram os movimentos homossexuais e suas principais características.

De acordo com Guacira Lopes Louro (2001), a homossexualidade e o sujeito homossexual surgiram no século XIX. Em uma época onde as relações amorosas e sexuais

entre pessoas do mesmo sexo eram condenadas, o surgimento dessas novas categorias gerava um desvio à norma estabelecida.

A primeira manifestação a favor dos homossexuais surgiu na Alemanha, com o movimento homófilo, quando o termo começou a ser utilizado para definir sujeitos que não seguiam a norma heterossexual (JAGOSE, 1996, p. 22). Nesse momento, a luta era por maior tolerância em relação aos homossexuais que queriam ser reconhecidos como parte da sociedade (GOMIDE, 2006).

Foi a partir dos anos 70, junto com o movimento feminista, que os movimentos *gay* e lésbico surgiram e começaram a questionar o *status quo* masculino e heterossexual. As primeiras manifestações dos movimentos ocorreram nos Estados Unidos e Inglaterra de maneira discreta em mídias impressas, no teatro e nas artes (LOURO, 2001). Em 1969, no bar *Stonewall* em Nova York, gays, lésbicas e travestis se manifestaram contra a presença constante de policiais no local. Daí surgiu o *Gay Liberation* (JAGOSE, 1996, p. 30), um movimento que “criticava as estruturas e os valores da sociedade heterossexual dominante e desafiava os conceitos hegemônicos sobre comportamento de gênero, monogamia e a santidade da lei” (GOMIDE, 2006, p. 19).

No mesmo período, a homossexualidade começou a ser debatida nas artes, na publicidade e no teatro brasileiros. Foi em 1975, com a volta de exilados da ditadura militar, que foi criado o Movimento de Libertação Homossexual no Brasil. Aqueles que retornaram ao país, trouxeram consigo inquietações políticas, feministas, sexuais, ecológicas e raciais para serem discutidas (LOURO, 2001).

A principal crítica do movimento é voltada para a heterossexualização da sociedade e a necessidade de criação de uma identidade enquanto grupo social. É um momento no qual foi possível mostrar-se homossexual, pois o tema passou a ser discutido na política, nas universidades e na mídia. Com isso, o movimento buscava a “aceitação e a integração dos/das homossexuais no sistema social” (LOURO, 2001, p. 544).

Com a descoberta da Aids nos anos 80, o preconceito em relação aos homossexuais ficou mais evidente, pois em um primeiro momento, ela foi classificada como a doença dos *gays* devido a sua forma de contágio por meio de relações sexuais sem proteção. Por outro lado, ganharam forças uniões além daquelas baseadas na identidade, com um sentimento de afinidade que uniu os homossexuais e seus amigos, familiares, profissionais da saúde, entre outros (LOURO, 2001, p. 545).

Dentro do que se entende por homossexual, alguns subgrupos surgiram, como as lésbicas, bissexuais e transexuais, questionando a “concepção de identidade homossexual que

estava sendo construída na base dessa política de identidade” (LOURO, 2001, p. 545). Afinal, os questionamentos das lésbicas, por exemplo, nem sempre são os mesmos dos *gays*, pois tratam-se de realidades diferentes dentro de um mesmo contexto. “Uma identidade *gay* unificada repetia processos de centralização e marginalização para algumas pessoas e grupos” (GOMIDE, 2006, p. 21).

Foi neste cenário de busca por reconhecimento, identidade, inclusão e desconstrução de dicotomias (masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual) que surgem novas teorias, entre elas a Teoria *Queer*.

Segundo Leandro Colling²³, a Teoria *Queer* começou a ser desenvolvida a partir do final dos anos 80 por diversos pesquisadores e ativistas dos Estados Unidos. “*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais”. (LOURO, 2001, p. 546).

Queer é um termo utilizado para designar aqueles que não seguem o padrão da heterossexualidade, e passou a ser adotado com a intenção de romper a ordem heterossexual estabelecida na sociedade. *Queer* é uma “prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas”²⁴. De acordo com Guacira Lopes Louro (2001, p. 548), os pensadores/as da Teoria *Queer* enxergam que a dicotomia heterossexualidade/homossexualidade pode ser criticada e abalada por meio de processos desconstrutivos.

Segundo os teóricos e teóricas *queer* é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. (LOURO, 2001, p. 549).

Louro trabalha com a ideia de que a teoria “permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero” (2001, p. 550). O pensar *queer*, pensar o diferente, é questionar todas as formas de conhecimento, é pensar fora do padrão existente, o que coloca em debate a superioridade da heterossexualidade construída a partir do “processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados” (LOURO, 2001, p. 550).

²³ COLLING, Leandro. **Teoria Queer**. Contribuição para o Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page_id=823>. Acesso em: 29 mar. 2016.

²⁴ *Ibid.*, p. 1.

Uma das principais teóricas *queer*, Judith Butler (1999) levanta novas questões referentes ao sexo, sexualidade e gênero. Para ela, a sociedade constrói normas e condutas que regulam a identidade de sexo e que são repetidas e reafirmadas para se concretizarem. O gênero então, tem caráter performático, pois se molda de acordo com os contextos nos quais o sujeito está inserido. Aqueles que não seguem os padrões estabelecidos no binário masculino/feminino e heteronormativo são punidos pela sociedade, tornando-se excluídos, como é o caso de Teresa e Estela, que são lésbicas.

Com a Teoria *Queer* pôde-se discutir a sexualidade dos indivíduos dentro de estudos de gênero, afinal, os assuntos estão relacionados. A sexualidade, ou orientação sexual, é a maneira como as pessoas expressam o seu desejo sexual pelo outro (MUSSKOPF, 2005). Ao se trabalhar sexo, gênero e sexualidade, é possível debater as diferentes identidades que homens e mulheres podem assumir, desconstruindo os papéis de gênero construídos sobre os corpos nos quais a sexualidade se manifesta seguindo o padrão heteronormativo.

4.3. Mulheres que gostam de mulheres

Ao longo da história, a homossexualidade feminina foi pouco discutida. Tania Navarro-Swain (2004, p. 19) explica que a homossexualidade masculina foi considerada crime e banida da sociedade, enquanto a homossexualidade feminina desaparecia da ordem do discurso. O fato de não se falar sobre a homossexualidade feminina implica a sua não existência.

Outro ponto que associa a lesbianidade à inexistência, é a ideia de que não é possível que uma mulher não tenha interesse sexual por um homem. Ora, não vivemos em uma sociedade na qual o sexo e a reprodução são fundamentais para a nossa existência? Como a lésbica existe uma vez que as mulheres não podem excluir o ser masculino de seu cotidiano? A partir desta perspectiva, a homossexualidade feminina é a negação da natureza feminina, é a mutilação do ser mulher (NAVARRO-SWAIN, 2004).

O debate sobre tal parcela da sociedade constantemente excluída é necessário. É preciso falar sobre as lésbicas, o amor lésbico, sexualidade e sobre a existência das mesmas. Teresa e Estela possibilitam a discussão sobre o tema.

Por muito tempo associou-se a homossexualidade à uma inversão de sexo, ou seja, o fato de uma pessoa se sentir atraída por outra do mesmo sexo implicaria em ela querer ser do sexo que não é. Neste caso, o *gay* é um homem que pretende ser mulher e a lésbica é uma

mulher que pretende de ser homem. Este pensamento reforça a lógica binária na qual as pessoas se atraem pelo sexo oposto (SILVA, 2015).

Como então entender essas novas identidades? O termo *queer* foi utilizado para definir as pessoas que não correspondem ao padrão heterossexual, mas como diferenciar essas identidades? Todas correspondem a uma mesma vivência? O que é ser lésbica?

Em uma sociedade machista e heteronormativa, as mulheres que não seguem a lógica do desejo heterossexual são descartadas. Entende-se por heteronormativa a sociedade que tem a heterossexualidade como natural. De que servem aquelas que desobedecem ao discurso reprodutivo? A homossexualidade feminina, partindo do ponto de vista masculino e heterossexualizado, é a recusa da sexualidade, uma vez que essa sexualidade é supostamente heterossexual (BUTLER, 2015). As lésbicas tornam-se invisíveis na sociedade, pois não podem ser consideradas mulheres a partir do momento que fogem da representação de mulher, daí o porquê de as lésbicas representarem a “dessexualização do corpo feminino”.

Pode-se dizer ainda, seguindo o pensamento de uma sociedade que tem o sujeito masculino como centro dos acontecimentos, que a mulher homossexual está em busca de uma masculinidade, pois o desejo sexual por mulheres é uma característica estritamente masculina (BUTLER, 2015). A imagem da lésbica é constantemente associada à imagem da mulher-macho, sapatão. E dentro deste padrão, os casais lésbicos também são associados aos casais heterossexuais. Não é à toa que o casal lesbiano clássico é composto por uma lésbica *butch* e uma *femme* (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 40). *Butch* é a lésbica que se enquadra nos comportamentos reconhecidos como masculinos (veste-se com roupas de homens, é durona, etc.), que quer imitar o homem, a lésbica “masculina” (BEAUVOIR, 2009, p. 525). Em oposição, a *femme* é aquela que se veste e tem trejeitos ditos femininos (é meiga, frágil, etc.).

É possível que a rigidez da divisão binária da sexualidade humana faça com que a atração por outras mulheres crie a necessidade de adotar características masculinas, físicas e comportamentais, tosca forma de encenar a sedução. Dessa forma, as mulheres em geral ‘femininas’, poderiam sentir-se atraídas por esses topos masculinizados. Temos aí o esquema da ordem heterossexual em corpos biologicamente femininos, o casal *butch/femme*”. (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 80).

Outros tipos de lésbicas, segundo Tania Navarro-Swain (2004, p. 80-81), são a *esportiva*, que devido a sua liberdade corporal desperta dúvidas na sociedade, e a *lesbian chic*, uma mulher andrógina, com cuidado no visual.

Se as lésbicas não existem por não seguirem os padrões sociais e não podem ser classificadas como lésbicas pois estão, na verdade, buscando uma masculinidade, como elas

existem afinal? A heterossexualidade compulsória condena e inviabiliza as lésbicas da sociedade.

A homossexualidade quebra padrões sociais, desperta o preconceito e gera rejeição tão somente por não ser aquilo com o que as pessoas estão acostumadas. O amor, o carinho, a cumplicidade entre duas mulheres, sendo estas amantes, amigas ou colegas de trabalho, muitas vezes é algo que deve ser escondido, mascarado, para não sofrer represálias.

4.4. O cenário lésbico

As relações sexuais, amorosas e afetivas entre mulheres sempre existiram nas diferentes culturas e períodos da sociedade. De acordo com Jules Falquet (2004), houve manifestações lésbicas na Índia, com mitos que falavam sobre o papel destacado das mulheres e esculturas muito explícitas com relações sexuais entre elas; o desaparecimento de Tsitsi Tiripano, militante do grupo lésbico-gay GALZ, no Zimbábue prova que a lesbianidade também existe na cultura africana; as *tomboys* indonésias são mulheres definidas como masculinas, que se relacionam com outras mulheres; fora as poetisas que, em primeira pessoa, falaram sobre a sua vivência lésbica. Enfim, a autora descreve variadas situações nas quais a lesbianidade é protagonista.

“Cada sociedade construye e interpreta estas prácticas sexuales y amorosas entre mujeres de forma diferente, y su visibilidad y legitimidad varían enormemente según la concepción que cada sociedade tiene de lo que es ser mujer u hombre”. (FALQUET, 2004, p. 4)

Diante de uma sociedade heterossexualmente enraizada, as discussões que giram em torno das relações amorosas e sexuais entre mulheres quase sempre são tidas como tabus. Ainda assim, com o passar dos anos, as lésbicas foram ganhando espaço na sociedade e foi possível “sair do armário” e discutir as questões que permeavam suas realidades.

Com o surgimento do feminismo, pôde-se questionar a opressão patriarcal que coloca as mulheres como subordinadas aos homens. Em um cenário de reivindicações no qual os homossexuais puderam se manifestar, foi necessário diferenciar homens homossexuais das mulheres homossexuais. Mesmo em uma luta comum, as mulheres vivem em um espaço no qual os homens são reconhecidos como superiores, logo, a busca por direitos nem sempre é igual, mesmo em se tratando desta minoria composta por homossexuais. Daí a necessidade de utilizar o termo lésbica em contraponto ao *gay*.

Usar el término de lesbiana, por tanto, permite evitar la confusión entre prácticas que si bien son todas homosexuales, no tienen en absoluto el mismo significado, las mismas condiciones de posibilidad ni sobre todo el mismo alcance político según el sexo de quienes las llevan a cabo. (FALQUET, 2004, p. 7).

Apesar de o movimento feminista ser para as lésbicas uma porta de entrada para questionar estereótipos e opressões femininos, as lésbicas não enxergam na luta feminista a mesma disposição que elas têm para questionar a heterossexualidade (FALQUET, 2004). Diante disso, no final dos anos 60, lésbicas se unem para criar um movimento próprio e criticar a misoginia, o patriarcado e o falocentrismo.

“De manera más general, el “lesbianismo político” nace em diferentes partes y épocas, de las rupturas y a la vez de los intentos de conciliación com el feminismo”. (FALQUET, 2004, p. 14).

O movimento lésbico se dividiu em três vertentes: o lesbianismo feminista, o radical e o separatista. Dentro de suas diferenças, têm como ponto em comum a luta pela criação de uma cultura e uma ética lésbicas. O primeiro critica o heterofeminismo e a falta de reflexão sobre a heterossexualidade, porém, preza pela solidariedade política das mulheres. O radical pretende fazer uma análise mais complexa sobre a opressão social vivenciada pelas mulheres. Já o lesbianismo separatista busca criar ou ocupar espaços físicos ou simbólicos somente por e para lésbicas (FALQUET, 2004).

Essa breve apresentação histórica sobre alguns dos acontecimentos que influenciaram a formação da identidade feminina e lésbica em uma sociedade heteronormativa são importantes para entender a realidade das personagens objeto de estudo deste trabalho, Teresa e Estela, da telenovela *Babilônia*.

5. O que é a velhice?

É importante abordar esta questão pois, neste trabalho será feita a análise da representação de duas personagens de telenovela que, além de serem lésbicas, são idosas. Os idosos, assim como as lésbicas, sofrem com o preconceito e configuram uma minoria social, pois não estão dentro dos padrões estabelecidos socialmente de idade (o jovem é bastante valorizado na sociedade contemporânea) e orientação sexual (heterossexual). As lésbicas muitas vezes são interpretadas como a negação do feminino, pois rejeitam o desejo por pessoas do sexo oposto. Os idosos são vistos como incapazes e inúteis pois não podem mais trabalhar e contribuir socialmente “A sociedade moderna não prevê um papel específico ou uma atividade para os velhos, abandonando-os a uma experiência sem significado” (DEBERT, 1999, p. 71).

Em determinados casos, quando se fala em velhice, uma das primeiras coisas que vem à mente é a decadência do ser humano e o desgaste físico do corpo, como consequência de seu avanço cronológico. Além disso, o idoso, em algumas situações, é visto como alguém solitário, um fardo para a família e dependente. Consequentemente, a sociedade os ignora, despreza, estigmatiza e abandona (GOLDENBERG, 2013, p. 19). Como vivemos em uma sociedade que costuma enaltecer a juventude como um dos melhores momentos da vida e um período repleto de conquistas, quando atinge-se a velhice, o idoso se vê excluído por não fazer parte desta realidade.

Porém, nos últimos anos, foi possível presenciar as mudanças dessas representações da velhice e a inserção do tema nas discussões sociais.

Hoje, no debate sobre políticas públicas, nas interpelações dos políticos em momentos eleitorais e até mesmo na definição de novos mercados de consumo e novas formas de lazer, ‘o idoso’ é um ator que não mais está ausente do conjunto de discursos produzidos. (DEBERT, 1999, p. 11).

Um exemplo foi a criação do Estatuto do Idoso em 2003 no Brasil, que assegura os direitos fundamentais das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos: o direito à vida, à saúde, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária²⁵. A formulação de leis que garantem direitos básicos para as pessoas da terceira idade foi um importante passo dado pela política brasileira na busca pela igualdade social. “Além disso, novos projetos de lazer, que tanto preenchem o vazio de um estilo de vida de aposentado ocioso, têm possibilitado novos olhares sobre os indivíduos velhos” (MOTA, 2009, p. 34).

Um dos fatores que influenciaram na maior preocupação da sociedade com o idoso é o fato de essa população ter aumentado significativamente nos últimos anos. Dados da OMS apontam que em 2006, o número de pessoas idosas no mundo era de 50 milhões. A previsão para 2025 é de que a população dobre e que, em 2050, a população idosa chegue a mais de 900 milhões de pessoas²⁶. Ademais, as transformações do entendimento do que é o envelhecimento fez com que os idosos ganhassem expressão e legitimidade nas discussões sociais.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os idosos são classificados cronologicamente como aqueles com 65 anos ou mais em países desenvolvidos, e com 60 anos ou mais em países em desenvolvimento²⁷. Para ser aceito como ser humano ativo em nossa sociedade, são necessárias três competências: ter habilidades cognitivas (capacidade de comunicação); ter o controle do corpo (conseguir movimentar os membros, o rosto, a cabeça; conseguir sentar e andar; além de conter e reter os fluidos corporais); e ter controle emocional (controlar sentimentos como a raiva, o ódio, tristeza, etc., de maneira aceitável). Logo, há várias pessoas com 60 anos ou mais que se enquadram nessas características. É essa perda de controle que passa a marcar a velhice e reforçar suas representações sociais negativas (DEBERT, 1999, p. 67).

É como se a velhice fosse um momento apenas de prejuízos, pois o ser humano não tem mais o controle sobre si. Porém, essa ideia negativa da velhice tem se transformado, e “as novas imagens do envelhecimento, na luta contra os preconceitos, tratam de acentuar os ganhos que o avanço da idade traz” (DEBERT, 1999, p. 68).

²⁵ Legislação sobre o idoso. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/acessibilidade/legislacao-pdf/Legislaoidoso.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

²⁶ Informações retiradas de reportagem da ONU Brasil. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/em-dia-internacional-onu-pede-inclusao-e-politicas-publicas-para-os-idosos/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

²⁷ Organização Mundial da Saúde, Resolução CE 122.R9, 1998. Saúde das Pessoas Idosas.

A partir da segunda metade do século XIX, a velhice é interpretada como uma decadência física das pessoas que as impede de exercer os papéis sociais, pois os idosos não são mais considerados pessoas autônomas. Além disso, associa-se a velhice com um momento de perdas e de dependência. Entretanto, tais condições possibilitaram a legitimação de direitos sociais dos idosos, como a aposentadoria (DEBERT, 1999, p. 14). Vale ressaltar que a experiência da velhice não ocorre da mesma maneira em todas as sociedades, ela varia de acordo com hábitos, costumes e cultura.

A experiência de envelhecimento que foi estabelecida até a década de 1960, segundo Debert (1999, p. 74), apresentava um idoso ativo e valorizado de uma família na qual as diversas gerações convivem em um mesmo ambiente. A interação com essa família é primordial para o bem-estar do idoso, e acreditava-se na “homogeneidade da experiência de envelhecimento frente às diferenças de classe e etnicidade”. Com a modernidade e a industrialização, vieram os aspectos negativos da velhice, pois o idoso deixou de ter um papel específico ou uma atividade social, uma vez que não tem mais condições de trabalhar.

Já a discussão contemporânea substitui esse processo de perdas pelo fato de que a velhice ser um momento de “novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação social” (DEBERT, 1999, p. 14).

Neste novo cenário, considera-se que o envelhecimento é um processo heterogêneo. Cada velhice é única, pois é vivenciada a partir de experiências individuais. As mudanças do corpo podem vir a acontecer ainda enquanto somos jovens, ou somente quando envelhecemos, aparecem em diferentes intensidades, têm influência de fatores genéticos e principalmente dos hábitos diários de cada pessoa (OLIVEIRA, 2008, p. 55). Logo, as opiniões sobre a vivência da velhice também são divergentes.

Para muitas mulheres idosas, por exemplo, a velhice é um período de liberdade, pois nela é possível realizar atividades que proporcionam prazer, coisa que antigamente não era possível, pois, após os quarenta anos, muitas mulheres não podia sair de casa, suas atividades eram restritas aos afazeres do lar, etc. As idosas contemporâneas se sentem livres dessas “obrigações e controles a que se submeteram quando mais jovens” (DEBERT, 1999, p. 27).

No caso feminino, há uma ruptura que gosto de chamar de “clique”, uma verdadeira revolução em suas vidas: elas deixam de se concentrar no cuidado dos outros e passam a cuidar mais de si mesmas. O presente se torna muito melhor do que o passado, pois elas se sentem livres pela primeira vez na vida. (GOLDENBERG, 2013, p. 43).

Por outro lado, alguns homens idosos preferiam o estilo de vida da velhice antiga, na qual o velho era respeitado e era um dos pilares de sua família (DEBERT, 1999, p. 28).

Em uma pesquisa realizada por Mirian Goldenberg (2013, p. 24), os idosos entrevistados afirmaram que a partir do momento em que foram envelhecendo, conquistaram a liberdade de viver de acordo com as suas vontades, indo contra comportamentos considerados adequados para um idoso. Eles prezam pela liberdade de escolha e não se sentem mais na obrigação de agir de acordo com as demandas de seus familiares ou da sociedade, como faziam quando jovens.

São homens e mulheres que não se paralisaram e não se aposentaram de si mesmos. Eles souberam, quiseram e lutaram para ser “eles mesmos”, muitas vezes contestando corajosamente os preconceitos, os modelos e as regras sociais que criavam obstáculos para os seus projetos de vida. (GOLDENBERG, 2013, p. 24).

Ao mesmo tempo em que há uma nova forma de falar sobre a velhice, há novas maneiras de vivenciá-la com mais liberdade e menos preconceito, “criando novas e positivas representações sobre a velhice” (GOLDENBERG, 2013, p. 24).

A velhice tem sido percebida como uma etapa da vida em vertiginosa decadência física, perda da autonomia individual e ausência de possibilidades afetivo-sexuais. Entretanto, esta perspectiva estereotipada está sendo revista, culminando com a legitimação de direitos sociais, uma evidente tendência contemporânea para rever os estigmas que se tornaram legados do envelhecimento. Em consequência estabeleceu-se novo vocabulário para sua referência, como por exemplo, a invenção da categoria *terceira idade*. (MOTA, 2009, p. 43).

O termo velho é carregado de sentido pejorativo e ideias negativas da velhice, como aquilo que não tem mais utilidade. A velhice passou a ser chamada de terceira idade; aposentadoria ativa deu lugar à aposentadoria; asilos agora são centros residenciais; assistente social se transformou em animador social; e o que antes era conhecido como ajuda social, hoje é denominado gerontologia. A aposentadoria não mais é vista como um período de descanso e recolhimento. Agora é o momento de atividade e lazer do idoso, um momento de redescoberta (DEBERT, 1999, p. 61). São novas imagens e formas de gestão da velhice que rompem com representações tradicionais, dando um tom mais positivo a esse período da vida.

Ainda assim, Debert explica que, na modernidade, os ciclos de vida são burocratizados por meio da “massificação da escola pública e da aposentadora”. Foram estabelecidos três segmentos da vida: juventude e vida escolar; mundo adulto e trabalho; e velhice e aposentadoria (1999, p. 56). Dessa maneira, a velhice fica taxada como um período no qual o idoso não tem validade social, pois não está mais apto a exercer nenhuma função laboral e acaba se tornando um fardo para a sociedade. “[...] a impossibilidade de trabalho ecoa como

um exílio; o idoso é, pessoal e socialmente, visto como um ser improdutivo e incapaz, não merecedor de respeito e reconhecimento” (OLIVEIRA, 2008, p. 57).

Algumas teorias e pensamentos surgiram com o intuito de entender o processo de envelhecimento. Até o final da década de 1960, duas teorias dominavam os estudos sobre os idosos: a teoria da atividade e a teoria do desengajamento. Nas duas, a velhice é reconhecida como um momento de perda dos papéis sociais, que varia dependendo do grau de atividade dos idosos. A primeira teoria prevê que os velhos são mais felizes quando descobrem atividades que compensem a perda que permeia a sua realidade, tornando-os ativos. Já a segunda “vê, no desengajamento voluntário das atividades, a chave do envelhecimento bem-sucedido” (DEBERT, 1999, p. 72).

Outros estudos mais atuais apresentam duas ideias antagônicas presentes nesse debate sobre o que é a velhice. Em uma das ideias, “trata-se de construir um quadro apontando a situação de pauperização e abandono a que o velho é relegado, em que ainda é, sobretudo, a família que arca com o peso dessa situação” (DEBERT, 1999, p. 73). Esse pensamento acaba reforçando as representações negativas da velhice, na qual o idoso é dependente, doente, isolado, etc. Em contrapartida, a outra ideia trabalha o idoso como alguém ativo e capaz, contestando as representações negativas.

O idoso fadado ao abandono e à inutilidade, foi substituído por aquele que tem na sua experiência acumulada uma “vantagem” sobre os jovens. Sua sabedoria, seu desprendimento e a possibilidade de “libertação das angústias e da pressa dos mais jovens” (DEBERT, 1999, p. 100), faz com o que a velhice seja um momento de redescoberta, um momento no qual pode-se aproveitar a vida com novas conquistas, deixando de lado a ideia de que o velho não consegue mais trabalhar, se divertir, conhecer novas pessoas, se apaixonar, etc. A velhice se distancia da característica da debilidade física e ganha novos nuances.

Tais aspectos agregam outros valores simbólicos e possibilitam encorajar novas experiências e estilos, que contribuem para uma revisão da gestão da velhice no curso da vida e o repensar sobre a exclusão no processo de construção social no âmbito das gerações (MOTA, 2009, p. 46).

O pós-modernismo, período de intensas modificações científicas, artísticas e sociais que se iniciaram nos anos 1950 e perduram até os dias atuais²⁸, incentiva a variedade e a diferença. Como consequência, a velhice ganha novos formatos e interpretações. Porém, uma das características marcantes desse momento é a valorização da juventude, “associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico” (DEBERT, 1999,

²⁸ SANTANA, Ana Lucia. **Pós-Modernismo**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/movimentos-artisticos/pos-modernismo/>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

p. 66). E com essa valorização, relacionamentos afetivo-sexuais acabam se tornando atividades restritas a pessoas jovens, com boa aparência física e boa saúde. Não é comum a discussão de que os idosos mantêm relações sexuais e se apaixonam por uma pessoa do sexo oposto ou até do mesmo sexo.

5.1. Os velhos também amam

Falar sobre sexualidade já é tabu na sociedade. Discutir a sexualidade na terceira idade então, nem se fala. A velhice é comumente associada a impossibilidade da prática sexual e acredita-se que os idosos são assexuados, pois já não possuem desejo sexual ou estão ativos sexualmente (ARAÚJO, 2010, p. 386).

Diferente do que normalmente se pensa, os idosos podem se relacionar da mesma forma que qualquer outro tipo de pessoa. “[...] a velhice é uma idade tão frutífera como qualquer outra no que se refere à vivência do amor e à questão da prática da sexualidade” (ALMEIDA; LOURENÇO, 2008, p. 131). Araújo (2010, p. 386) explica que é a sociedade que dessexualiza o idoso, por conta da ideia de inatividade sexual e também por conta da dificuldade de discutir esse tema. A discussão escassa sobre essas questões ajuda a manter os preconceitos voltados ao idoso.

Como vivemos em uma sociedade que ainda não fala abertamente sobre a sexualidade, muito menos quando ela é vivenciada na terceira idade, os próprios idosos não têm espaço para discutir e esclarecer algumas dúvidas sobre o tema, pois “a terceira idade é percebida como um período do ‘não sentir’, do ‘não desejo’, do ‘não querer’, entre outros rótulos que a sociedade costuma enfatizar” (ARAÚJO, 2010, p. 387). Logo, qual a necessidade de um debate sobre a sexualidade na velhice?

Para Debert (1999, p. 150), na velhice, “a questão sexual é redimensionada no sentido do amor, do calor humano, da partilha, da intimidade do toque entre pessoas” (DEBERT, 1999, p. 150). Porém, devido a grande valorização do corpo em nossa sociedade, principalmente o do jovem, algumas mulheres não se sentem aptas a se envolver afetivamente e sexualmente por não corresponderem a esse modelo. Por vivermos em uma cultura na qual o corpo é um capital, o envelhecimento pode ser visto como um período de grandes perdas, marcado pela impossibilidade de exercer a sexualidade (GOLDENBERG, 2013).

Não se pode esquecer de que os idosos também têm sentimentos, vontades e desejos; têm afetividade; também gostam de abraçar e de serem abraçados, de beijar e de serem beijados, de fantasiar e vivenciar fantasias e de se relacionarem sexualmente, e tudo isso nada mais é que o exercício da sexualidade. (ARAÚJO, 2010, p. 385).

Mirian Goldenberg (2013, p. 54) ressalta que a velhice pode ser vivida de diferentes maneiras para homens e mulheres. No caso das mulheres, já que faz parte da sua realidade ser vista como um objeto erótico que tem no corpo o seu poder de sedução, “ao ficar velha ela perderia o lugar do que lhe é destinado na sociedade: torna-se um *monstrum* que suscita repulsa e até mesmo medo”. No caso do homem, a velhice pode ser interpretada como uma fase de maturidade, charme, poder. A partir destas afirmações, é possível perceber que as experiências sexuais na terceira idade também são determinadas pelas questões de gênero (MONTORO; MENDONÇA, 2015, p. 169).

O que falar das idosas lésbicas então? Para Mota (2009, p. 27), os idosos LGBTs são marcados pelo “silêncio e duplo estigma”. Para o autor, a sexualidade na velhice é apresentada com ternura e carinho. Por outro lado, a homossexualidade “está crivada pelos estereótipos do tipo ‘bicha velha’ ou ‘coroa assanhado’”. No caso das lésbicas, são mulheres que “ficaram para a titia”, não foram capazes de conhecer um homem, são “velhas sapatonas” e são excluídas da sociedade por não terem sido capazes cumprir a função reprodutiva do ser humano. Qual a necessidade do exercício da sexualidade e a troca de afeto se o idoso não mais cumpre a função de reprodução?

[...] qual o lugar social dos velhos com práticas homossexuais nessa sociedade marcada pela ótica da vida jovem, pelo valor do individualismo, pelas políticas mediadas pelo *heterossexismo* e pelo padrão de família que desvaloriza e renega a homossexualidade? (MOTA, 2009, p. 29).

Pessoas da terceira idade que são *gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais ou transgêneros, vivenciam a invisibilidade social com maior intensidade, pois, além de não se enquadrarem na heteronormatividade, são velhas.

A forma considerada “normal” de viver os gêneros e ainda de viver a velhice se sustenta e é definida de acordo com o que determina a sociedade, ou melhor, o que ela designa como modo de ser homem ou mulher, velho e jovem, *gay* e hétero. Consequentemente, não há lugar para aqueles homens e mulheres que, de algum modo, perturbam a ordem ou tentam escapar destes padrões. (OLIVEIRA, 2014, p. 10).

5.2. Como a terceira idade é representada nos folhetins

Geralmente, os idosos são apresentados em telenovelas como personagens excêntricos, teimosos, sozinhos, maltratados, entre outros. Mas também é possível ter a presença de idosos “ativos, comprometidos socialmente e, às vezes, dispostos a revolucionar conceitos estabelecidos e a adotar estilos de vida mais alternativos” (OLIVEIRA, 2008, p. 137). Ao

mesmo tempo em que os personagens idosos possuem características modernas, ainda existem representações mais conservadoras da velhice.

A expressão do abandono e da solidão nas novelas tem certamente nos velhos um elemento forte, mas eles agora são também apresentados como ativos, capazes de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais, reciclando identidades anteriores, desenvolvendo novas formas de sociabilidade e de lazer e redefinindo as relações com a família e os parentes. (DEBERT, 1999, p. 217-218).

De acordo com Ferreto (2010, p. 29), a mídia não trabalhava a imagem do idoso antes dos anos 1970. Quando o fez, o idoso era visto de maneira negativa, marcado por elementos como a dependência física e afetiva, eram pessoas inseguras e geralmente isoladas. Quando não eram abordados dessa maneira, eram associados ao cômico, com elementos de teimosia e tolice.

A partir dos anos 1980, a velhice passou a ser apresentada de maneira positiva, associada ao poder, a riqueza, ao prestígio social, etc. Dentro deste novo cenário, é importante destacar que eram principalmente os homens que ocupavam esta posição de prestígio, enquanto as mulheres tinham papéis secundários e associados às atividades do lar. Para Ferreto (2010, p. 29) as telenovelas abordam a velhice a partir de um olhar conservador, na qual “a velha ordem é celebrada com a defesa dos valores e estilos de vida da sociedade patriarcal”.

Em seu trabalho, Acosta-Orjuela (1999, p. 204) fala que alguns autores concluíram que os personagens idosos da TV geralmente têm problemas de saúde, não fazem ou não conseguem mais ter relações sexuais, são rabugentos, ineficientes, não são atraentes, são infelizes, teimosos, pessoas que incomodam, etc. Muitas vezes o idoso é escalado para papéis cômicos e acabam virando piada. Estas representações só reforçam a imagem negativa que a velhice tem. Poucas vezes apresenta-se idosos realizados e felizes.

É importante ressaltar que a televisão, em especial as telenovelas, funcionam como meios nos quais são retratadas pessoas e histórias inspiradas na realidade, fazem uso das representações sociais.

Já que aparecer na TV quase invariavelmente conota importância e é para muitas pessoas fonte de informação exclusiva e veraz sobre a realidade social, a frequência e a forma como os idosos são insistentemente apresentados nesse meio de comunicação podem influir nas representações que eles mesmos, sua própria família e o grande público têm sobre a velhice. (ACOSTA-ORJUELA, 1999, p. 205).

Diante disso, é possível afirmar que as representações apresentadas na televisão podem influenciar no modo como os idosos são vistos pelas diversas parcelas da população.

Uma importante representação do idoso nas telenovelas foi em *Mulheres Apaixonadas* (2003), a qual foi pioneira na discussão sobre os idosos.

Desde o primeiro capítulo, quando o idoso, ao descer do carro, é atropelado por uma bicicleta na calçada, e ouve de sua neta uma série de impropérios e a acusação de ser ele o culpado porque “não tinha nada que andar na rua, pois lugar de velho é no asilo”. A audiência chocou-se com a dureza da cena mostrando o cotidiano dos idosos brasileiro. (OLIVEIRA, 2008, p. 139).

Maria Helena Oliveira (2008) fez um levantamento das representações da terceira idade nas telenovelas da Globo e entrevistou alguns idosos para que eles lhe explicassem até que ponto essa representação condizia com a sua realidade. Todos os entrevistados questionaram o fato de as telenovelas apresentarem famílias grandes morando juntas e isso não condizer com a realidade por eles vivenciada ou conhecida (OLIVEIRA, 2008, p. 151). O que geralmente ocorre, é o velho acabar morando sozinho ou em casas de repouso. E quando é acolhido pela família, normalmente mora com um dos membros, e não com todos da família juntos em uma mesma casa. Ao apresentar um idoso morando com uma família numerosa, as telenovelas tentam desconstruir a ideia do velho abandonado, porém nem sempre essa representação condiz com a realidade.

Além deste fator, a questão voltada para o trabalho “não está em conformidade com a realidade por eles vivenciada e/ou conhecida” (OLIVEIRA, 2008, p. 158). De acordo com os entrevistados, nas telenovelas os idosos não trabalham ou não sentem falta de trabalhar. Para eles essa representação não é fiel à realidade, pois para os idosos o trabalho é uma forma de manter-se ativo e ocupar a cabeça (OLIVEIRA, 2008, p. 154).

Temos em Teresa e Estela, personagens da telenovela *Babilônia*, que, apesar de estarem na terceira idade, não se enquadram nas representações comumente utilizados para apresentar os idosos na televisão. Elas são mulheres idosas que ainda trabalham, longe da imagem da mulher restrita às atividades de casa, e, apesar de não ser apresentado da mesma maneira que os outros relacionamentos da trama devido à algumas mudanças que tiveram de ser feitas por conta do público, vivem um relacionamento com troca de carícias, possuem um filho que as ama, são respeitadas por quase todos, etc. Ou seja, são personagens que desconstroem a ideia negativa de um idoso inútil.

6. Telenovela: um novo espaço de debate

A televisão tornou-se uma ferramenta essencial da cultura de massa nos últimos 60 anos. A partir do momento em que ela se consolidou como o principal meio de comunicação, por conta de seu alcance e linguagem de fácil entendimento, deu espaço para que vários assuntos como o racismo, homossexualidade, o papel da mulher, drogas, deficiência física, entre outros, fossem colocados em pauta. Com a televisão, essas questões podem ser acessíveis a todos, independentemente de sua classe social ou região do país.

A televisão possui uma penetração intensa na sociedade brasileira devido à sua peculiar capacidade de criar e de alimentar um repertório comum, por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras. (LOPES, 2009, p. 22).

Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015 (PBM)²⁹ realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), encomendada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República, evidenciam o fato de a televisão ser o meio de comunicação mais utilizado pela população brasileira. De acordo com a pesquisa, 95% dos entrevistados afirmaram ver TV, sendo que 79% assistem à televisão para se informar e saber das notícias e 67% assistem por diversão e entretenimento.

Inaugurada no Brasil em 18 de setembro de 1950, por Assis Chateaubriand, a TV Tupi foi a primeira televisão brasileira. Devido à falta de tecnologia, a programação não tinha como ser gravada, logo, era feita ao vivo e repleta de improvisos. De lá para cá, muito foi

²⁹ A pesquisa é o maior levantamento sobre os hábitos de consumo de mídia dos brasileiros. Para a PBM 2015, foram feitas entrevistas domiciliares pessoais com 18.312 pessoas maiores de 16 anos em 848 municípios. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2016.

mudado no modo de fazer televisão devido às transformações tecnológicas como o surgimento do *videotape* nos anos 1960 no Brasil (o equipamento foi lançado em 1956 nos Estados Unidos), por exemplo, que possibilitou a gravação de imagens e sons e, conseqüentemente, a produção em série (PRIOLLI, 2003, p. 17).

Em 2016, existem seis redes nacionais da televisão aberta brasileira: TV Globo, SBT, Record, Rede TV!, TV Bandeirantes e TV Brasil. A televisão aberta é aquela que oferece uma programação gratuita ao usuário. Já a televisão fechada, fornece uma programação paga. Segundo a Lei da Comunicação Audiovisual de Acesso Condicionado³⁰, que estabelece regras para a televisão por assinatura, o serviço deve conter programação de conteúdos brasileiros nos canais de espaço qualificado e de canais brasileiros dentro de cada pacote ofertado ao assinante. Os canais de televisão aberta, canais esportivos e canais jornalísticos não tem de cumprir obrigações de veiculações de obras nacionais³¹.

De acordo com a Constituição brasileira (Art. 221)³², as emissoras de televisão devem atender a certos princípios, como dar preferência à programação educativa, artística, cultural e informativa; promover a cultura nacional e regional além de estimular a produção independente; regionalizar a produção cultural, artística e jornalística de acordo com percentuais estabelecidos em lei; e respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Das citadas, a única televisão pública é TV Brasil, criada em 2007 (LOPES, 2009, p. 22). A televisão privada, ou comercial, tem sua grande preocupação com a publicidade e os anunciantes, ela configura um empreendimento comercial como outro qualquer. A televisão pública, por sua vez, é mantida sem propagandas, livre de disputas por audiência, e tem como objetivo a produção de uma programação educativa, cultural e jornalística que auxilie na formação crítica do cidadão (LEAL FILHO, 2003).

Ao se falar de televisão como uma importante ferramenta da cultura de massa, não se pode deixar de lado as telenovelas. De acordo com dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, a população costuma assistir TV das 18h às 23h, período no qual as telenovelas são predominantes na programação. Elas são instrumentos de entretenimento que retratam os acontecimentos e realidades presentes na sociedade, tornando-se um produto de expressão da cultura brasileira. A abordagem utilizada por essas ferramentas de comunicação tende a atingir diversos públicos, fornecendo imagens com as quais as pessoas possam se identificar.

³⁰ BRASIL, Presidência da República, Lei nº 12.485, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12485.htm>. Acesso em: 25 mai. 2016.

³¹ ANCINE, **Tire suas dúvidas sobre a Lei da TV Paga**. Disponível em: <<https://www.ancine.gov.br/?q=faq-lei-da-tv-paga>>. Acesso em 25 mai. 2016.

³² BRASIL, Presidência da República, Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 25 mai. 2016.

A telenovela é um gênero televisivo que narra uma história, exibida de segunda a sábado em forma de capítulos, repleta de elementos reais, como relações amorosas, conflitos, traição, política, inseguranças, desejos, etc. Além de terem uma narrativa central, os enredos das telenovelas podem apresentar outras narrativas entrelaçadas e paralelas que se ligam ao conflito principal, normalmente apresentado no início da trama e resolvido nos capítulos finais (OLIVEIRA, 2008, p. 94).

A telenovela é um produto ficcional, que tende a focar uma temática envolvendo um romance sentimental, que é abalado ao longo dos capítulos, mas tem um final feliz, a explorar o universo familiar e trazer em seu enredo situações vividas no cotidiano humano, gerando fortes emoções no telespectador. (OLIVEIRA, 2008, p. 94).

As telenovelas brasileiras têm forte influência dos folhetins franceses do século XIX, além de elementos da *soap opera*³³ americana e das radionovelas latino-americanas. Uma das características principais da telenovela é o melodrama, que faz uso da história de amor repleta de sofrimento em busca do final feliz (SILVA, 2015, p. 22). “O melodrama é a matriz do gênero da telenovela e a ele é atribuído o sucesso alcançado nos relatórios de audiência” (OLIVEIRA, 2008, p. 105). Além disso, as telenovelas possuem um roteiro aberto, que pode ser modificado de acordo com as reações e necessidades do público (LOPES, 2003, p. 26).

Outra característica das telenovelas brasileiras é a sua narrativa seriada. Segundo Arlindo Machado (2000, p. 84), a narrativa (que pode conter narrativas entrelaçadas e paralelas) das tramas se desenvolve a partir de capítulos apresentados diariamente, até o seu desfecho, geralmente apresentado nos últimos capítulos. Os conflitos e desdobramentos da narrativa podem se repetir ao longo dos capítulos ou desencadear novas situações, tudo depende de como a história é recebida pelo público.

Essa serialidade é essencial para conseguir prender a atenção do telespectador, pois diminui as chances de dispersão. Uma programação “recorrente, circular, reiterando ideias e sensações a cada novo plano” consegue gerar interesse e manter a atenção do público (MACHADO, 2000, p. 87),

Outra estratégia utilizada pelas telenovelas para prender a atenção do telespectador durante a programação é a realização de intervalos comerciais. Além de sua função econômica, eles funcionam como um momento de respiro no qual o telespectador absorve as informações que lhe foram dadas no bloco recém exibido. Além disso, exploram “ganchos de tensão que permitem despertar o interesse da audiência” (MACHADO, 2000, p. 88).

³³ A *soap opera* é a novela americana e tem esse nome pois as primeiras produções foram patrocinadas por fabricantes de sabonete e sabão.

As telenovelas envolvem o telespectador, motivam o interesse a partir da divulgação de histórias repletas de elementos de sua própria realidade. Elas trabalham temas públicos como a corrupção, o racismo, as minorias, a reforma agrária, o tráfico de mulheres, a violência contra a mulher, entre outros, ao mesmo tempo em que apresentam temas da vida privada como a família, o romance, o casamento e a separação. Dessa maneira, “[...] a fusão dos domínios do público e do privado realizada pelas novelas lhes permite sintetizar problemáticas amplas em figuras e tramas pontuais e, ao mesmo tempo, sugerir que dramas pessoais e pontuais podem vir a ter significado amplo”. (LOPES, 2003, p. 28).

Não é à toa que a telenovela se tornou um dos principais produtos da televisão brasileira. Além de ser um espaço de discussões para temas variados, ela foi a primeira produção nacional televisiva a ser exibida fora do Brasil - *O Bem-Amado* (1973) foi exportado para o Uruguai em 1976 e desde então iniciou as vendas internacionais da produção brasileira de televisão e tornou-se um importante produto de sua lucratividade -; e tem forte ligação com a publicidade, pois é também um espaço de propaganda de roupas, discos, cosméticos, entre outros, transformando os telespectadores em consumidores. A telenovela é uma “possibilidade concreta de integração social por meio do consumo” (LOPES, 2003, p.25). Ela pode ser reconhecida como um produto cultural do Brasil, além de ser um importante espaço de debate sobre a identidade do país.

Alçada à posição de principal produto de uma indústria televisiva de grandes proporções, a novela passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, das intimidades privadas às políticas públicas. Essa capacidade de sintetizar o público e o privado, o político e o doméstico, a notícia e a ficção, o masculino e o feminino, está inscrita no texto das novelas que combinam convenções formais do documentário e do melodrama televisivo. (LOPES, 2003, p. 25).

6.1. Dos anos 1950 aos anos 2000

A telenovela nasceu como gênero derivado dos folhetins e da radionovela. A primeira telenovela da TV brasileira, intitulada *Sua Vida Me Pertence*, escrita e dirigida por Walter Foster, foi ao ar em 1951 na pioneira TV Tupi. Por ser exibida ao vivo, foram realizados 15 capítulos veiculados duas vezes por semana (ALENCAR, 2005, p. 3). Já a telenovela como a conhecemos hoje, uma produção seriada e exibida diariamente, surgiu em 1963, na TV Excelsior, intitulada *25499 Ocupado*, escrita pelo argentino Tito di Miglio (GOMIDE, 2006, p. 52).

E para falar de telenovela é preciso falar da principal rede de televisão do país, a TV Globo³⁴. Inaugurada em 26 de abril de 1965, com sua programação baseada em jornalismo e entretenimento, tem a telenovela como o um dos principais produtos de sua programação³⁵. Com a falência da TV Tupi nos anos 70, a Rede Globo ganhou espaço e passou a produzir três telenovelas diárias seguindo a linha mais realista de produção que refletia o cotidiano da sociedade brasileira, o que atraiu o público. De 1965 a 2015, foram 287 telenovelas produzidas, número que evidencia o investimento na produção em larga escala deste produto. Para Lopes (2003, p. 26), a junção dos bons profissionais com intenções variadas, dramaturgos e escritores de esquerda, atores de talento, produtores e publicitários com uma visão de mercado, as telenovelas se configuraram como o principal produto da Rede Globo e a ajudaram a se projetar como o maior conglomerado brasileiro de mídia, competindo em nível internacional.

De acordo com Maria Immacolata Lopes (2009), um dos agentes que influenciou na ascensão da Rede Globo foi o Estado. Na época do regime militar, o Estado utilizou as telecomunicações como um elemento político de desenvolvimento, integração e segurança nacional do regime. Ao investir neste setor, possibilitou a formação de redes nacionais (sistema microondas, satélites, etc.). A Globo foi a primeira emissora a transmitir em rede pelo país, em setembro de 1969, com a exibição do principal jornal televisivo do Brasil até hoje, o Jornal Nacional (ALMEIDA, 2001, p. 8).

Nos anos 1970, a Rede Globo estabeleceu os horários das novelas, entre as 17h30 e as 22h. Foi neste período que ela passou a exibir três novelas diárias: as das 18h, das 19h e das 20h. Antes da novela das 18h, é exibida a série *Malhação*, com uma temática voltada para o público infanto-juvenil. O folhetim das 18h geralmente exibe histórias românticas ou de época. Já a trama das 19h tem temas atuais e cômicos, direcionados para o público jovem. A novela das 20h, que na verdade é exibida a partir das 21h, traz enredos de cunho social e adulto. No espaço de tempo entre cada novela, um telejornal vai ao ar, os regionais e o nacional. Dessa forma, “combina-se noticiário e melodrama, ficção e realidade” (LOPES, 2009, p. 24). A partir de 2011, com a segunda versão de *O Astro*, passou-se a exibir telenovelas na faixa das 23h.

Ainda segundo o levantamento de Lopes (2009, p. 24), o custo médio de uma novela de 200 capítulos é de 16 milhões de dólares. São, em média, 36 cenas gravadas para realizar

³⁴ Mais informações sobre a história Rede Globo e suas principais produções estão disponíveis em <www.memoriaglobo.globo.com>.

um capítulo diário. De acordo com a autora são realizadas 20 horas de gravação e 27 horas de edição para um capítulo de 45 minutos de conteúdo no ar, sem comerciais. As novelas têm gravações em estúdio (entre 60 a 70% das cenas) e externas (de 30 a 40%). Uma novela de sucesso alcança por volta de 45 pontos de audiência, uma média de 45 milhões de telespectadores.

A Rede Globo, emissora que “cobre 99,8% das cidades brasileiras, através de 113 estações filiadas” (LOPES, 2009, p. 21), em 1995 inaugurou a Central Globo de Produção, o Projac, complexo de estúdios e produção da emissora, onde as telenovelas, séries, programas de humor, variedades e *reality shows* da Globo ganham vida. Lá encontram-se dez estúdios de gravação, a cidade cenográfica, fábrica de cenários, acervos de figurinos e outros departamentos.

Durante as décadas de 1950 e 1960, as telenovelas seguiam uma linha dramática, com personagens vivendo fora do país e enredos mais fantasiosos. Também foi um período marcado pela adaptação de textos estrangeiros para a produção de novelas³⁶.

A partir dos anos 1970, com a novela *Beto Rockfeller* (Tupi, 1968), as produções passaram a apresentar temas mais contemporâneos da sociedade brasileira, com uma linguagem coloquial, personagens ambíguos (que transitam entre o bem e o mal) e com características nacionais. “As telenovelas refletiram a mobilidade social seguindo uma nova estrutura de linguagem que buscava maior realismo” (PERET, 2005b, p. 37). *Beto Rokfeller*, representa a ruptura do modo de fazer telenovela e passa a apresentar a vida do cidadão brasileiro. A novela conta a história de um homem pobre que é capaz de qualquer malandragem para subir na vida. Dessa forma, o protagonista apresentado como um anti-herói, distanciando-se dos padrões dramáticos.

As telenovelas passaram a abordar temas com os quais a população brasileira se identificasse de alguma forma, assumindo um papel de crônicas do cotidiano (PERET, 2005b, p. 66). Essa mudança de linguagem foi determinante para os folhetins conquistarem o posto de gênero mais popular e lucrativo da televisão.

Mauro Alencar, em entrevista para o Globo Universidade³⁷, destaca, além de *Beto Rockfeller*, algumas telenovelas marcantes que auxiliaram a Globo a se consolidar como a principal produtora de telenovelas. Entre elas estão: *Irmão Coragem* (Globo, 1970/71) – que

³⁶ Os parágrafos referentes ao histórico das telenovelas foram produzidos a partir de informações disponibilizadas pelo Centro de Estudos da Telenovela da Universidade de São Paulo, disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nucleos/cetvn/telenovela_historia.php>. Acesso em: 7 abr. 2016; e pelo trabalho de Maria Immacolata Vasallo Lopes acerca das telenovelas (2003 e 2009).

³⁷ Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/09/entrevista-mauro-alencar-fala-sobre-estudos-da-teledramaturgia.html>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

uniu garimpo e vida urbana por meio do futebol e conquistou audiência masculina (as novelas eram interpretadas como coisas de mulher); e *Roque Santeiro* (Globo, 1985) – após ter sido censurada na época da ditadura, a novela discutiu fé, política e religião; *Vale Tudo* (Globo, 1988) – que discutiu a corrupção no país.

Vale lembrar que foi na década de 1970 que a televisão brasileira sofreu com a censura do regime militar. O país estava descontente com a política e a censura tentava “ocultar ao máximo determinadas ideias consideradas subversivas” (PERET, 2005a, p. 78). Como exemplos de novelas censuradas tem-se: *Irmãos Coragem* (1970) – que apresentava dois garimpeiros que lutavam contra os abusos de poder de latifundiários. Além do forte teor político, a censura alegou que a trama tinha “imagens negativas” e “diálogos de baixa cultura”. Como resultado, a novela teve mudar a sua classificação indicativa de 12 para 16 anos; *O Bem-Amado* (1973) – a história apresentava um político corrupto que enganava o povo nordestino e, segundo o governo, continha diversas situações de duplo sentido. Por conta da censura, a novela teve cenas cortadas e mudou para um horário mais apropriado para este tipo de abordagem, passando a ser exibida às 22h; e *Roque Santeiro* (1975) – pode-se considera-la o exemplo mais conhecido da censura militar na história das telenovelas. A primeira versão foi totalmente vetada pelo governo que alegou existirem mensagens subliminares que criticavam a ditadura e poderiam ofender a moral, os bons costumes e inclusive a Igreja. A telenovela só foi ao ar novamente em 1985, com o fim do regime militar³⁸.

Na década de 1970 e 1980, com a consolidação da Globo como principal rede de televisão do país, as telenovelas se configuram em espaços de problematização do Brasil, das questões privadas às políticas públicas (LOPES, 2003, p. 25). Elas traziam representações da sociedade brasileira se modernizando, mostrando basicamente angústias da vida privada da classe média do Rio de Janeiro e São Paulo.

Como já foi dito antes, as telenovelas têm a capacidade de mesclar os temas públicos e privados em uma coisa só, dessa forma, os telespectadores passam a se reconhecer nas tramas e discutir sobre os temas apresentados. Os temas da vida privada são aqueles que se referem à família, trabalho, amigos, relações amorosas. Já como exemplo de temas públicos tem-se a corrupção política, criminalidade, o racismo, entre outros. “A novela se tornou um veículo que capta e expressa a opinião pública sobre padrões legítimos e ilegítimos de comportamento

³⁸ ALMEIDA, Maria Fernanda. **Censura nas novelas: o que você não viu na TV**. Guia do Estudante Abril, 2001. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/censura-novelas-voce-nao-viu-tv-434615.shtml>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

privado e públicos, produzindo uma espécie de *fórum de debates* sobre o país”. (LOPES, 2003, p. 27).

A partir dos anos 1990, com o fim do regime militar e a consequente redemocratização do país, o mercado televisivo se segmentou devido à introdução da TV a cabo e o aumento da competição entre as redes da TV aberta. As emissoras passaram a operar em um cenário de disputa por audiência, no qual os profissionais de *marketing*, propaganda e televisão “constroem imagens da audiência e sintonizam emissores e receptores, garantindo uma dinâmica constante de captação e transformação das representações desses agentes” (LOPES, 2003, p. 21).

Se o social da novela nas décadas anteriores se referia ao fosso entre ricos e pobres ou entre a cidade e o campo, a dos 1990 assume assuntos que pertencem à agenda pública mais insistente, como a corrupção, o narcotráfico, a crise da política ou a pobreza. (LOPES, 2009, p. 34).

A audiência passou a ter papel determinante no desenvolvimento das telenovelas. Quando a novela vai ao ar, apenas 25 capítulos estão gravados, o que garante que os próximos podem ser produzidos a partir das mudanças que vão sendo feitas no roteiro baseadas na reação do público (LOPES, 2003, p. 27). O telespectador participa ativamente do desenvolvimento da trama. Essa é uma característica da telenovela como um novo espaço de discussões, no qual diversos assuntos podem ser debatidos dentro de casa, no trabalho, na mídia, etc. A telenovela em si configura esse espaço de debates de temas representativos da realidade brasileira.

Tudo leva a dar cada vez mais peso ao jogo de interação da novela e do público, a mobilização da empatia pelos conteúdos temáticos, formais e estéticos, onde tudo conta: a abertura, a história central, as tramas paralelas, os atores, os cenários, as músicas, os figurinos. (LOPES, 2003, p. 27).

Heloísa Almeida (2001, p. 13) explica que a eficiência das telenovelas ocorre principalmente pelo fato de atingir um público variado, de todas as classes sociais, idade e sexo. Almeida enfatiza a estratégia como uma maneira de manter a variedade e a amplitude da audiência, fazendo com o que o telespectador se familiarize com diferentes “mundos sociais”, estilos de vida, etc. Um importante mecanismo para esse efeito é o uso dos sentimentos e das relações sociais (amor, família, amizade), que atraem o telespectador.

Dessa maneira, é possível colocar em discussão nessas novas realidades que envolvem questões raciais (*I Love Paraisópolis*, 2015), o papel da mulher (*Lado a Lado*, 2012), diferenças culturais (*Caminho das Índias*, 2009), dependência química (*O Clone*, 2001), corrupção (*Deus nos Acuda*, 1992), orientação sexual (*Insensato Coração*, 2011), maus tratos

contra o idoso (*Mulheres Apaixonadas*, 2003), entre outros. Tal abordagem permite ao telespectador fazer reflexões acerca de sua realidade e daquelas diferentes à sua.

Pelas comparações que fazem entre os personagens e as pessoas com que convivem em suas vidas cotidianas, pela aproximação que sentem com certos personagens ou certas situações vividas por eles, é possível notar como os espectadores reveem a si mesmos, colocam-se em diálogo com a narrativa. (ALMEIDA, 2001, p. 170).

Dos anos 1990 até os dias de hoje, pode-se citar algumas produções como *Barriga de Aluguel* (1990) – fala sobre inseminação artificial; *O Rei do Gado* (1996) – que discutiu a reforma agrária e o Movimento dos Sem-Terra; *Laços de Família* (2000) – abordou a leucemia e questões familiares; *Mulheres Apaixonadas* (2003) – discutiu a violência contra a mulher, alcoolismo e lesbianidade; *Salve Jorge* (2012) – fala sobre o tráfico humano; entre outras.

Um dos debates mais constantes nessa produção é a questão do papel da mulher na sociedade, e é sobre isso que falaremos a seguir. Tal discussão é importante pois, neste trabalho, trataremos de personagens que fogem do padrão heterossexual e ainda se destacam por serem mulheres que atingiram o sucesso profissional e tem isso reconhecido na telenovela (Teresa é uma importante advogada e Estela uma empresária), construíram uma família e não são caricaturadas (com roupas e trejeitos masculinizados). E é justamente neste cenário de trajetórias femininas com a representação do amor e da sexualidade, que se configura uma excelente forma de questionamento do padrão tradicional estabelecido.

6.2. O papel da mulher nas telenovelas brasileiras

Os meios de comunicação, em especial as telenovelas, representam relações de gênero, construindo ou reforçando determinados tipos de construções femininas, masculinas e sexuais (ALMEIDA, 2007, p. 178).

Ao longo dos anos, foi possível perceber uma “trajetória de liberalização crescente dos papéis femininos” (HAMBURGER, 2007, p.165). Quando se fala sobre o papel da mulher, é possível destacar dois tipos de representações comuns nas telenovelas: a dona-de-casa tradicional, que cuida da família e dos afazeres do lar, e a mulher moderna, que consegue cuidar da família e ainda trabalhar fora de casa.

É importante destacar a incidência do papel social da mulher como dona de casa. Tal fato não ocorre no universo masculino. Por mais que o homem seja marido, filho ou pai, antes de tudo ele é um empresário, médico, policial, fazendeiro e tem isso evidenciado (ROSA; GOMES, 2006).

Boa parte dos enredos das telenovelas brasileiras gira em torno dessa protagonista mulher, que lida com diversas situações e dificuldades até o final, na busca pelo final feliz. Nos últimos anos, é crescente a representação de mulheres que querem conquistar seus objetivos independente de marido ou filhos. Hamburger (2007, p. 165) conta que elas deixaram de ser “casadoiras e mães” para buscarem o seu próprio caminho e felicidade.

A autora (2007, p. 165) cita algumas personagens que discutiram esse papel da mulher: as protagonistas de *Irmãos Coragem* (1970), na qual uma delas desfez seu casamento para se relacionar com seu irmão de criação, o que foi recriminado pelo público e a personagem, punida com a morte; *Selva de Pedra* (1972) com uma protagonista que se realiza profissionalmente independente de seu marido; e a Porcina de *Roque Santeiro* (1985), uma mulher espalhafatosa, decidida e livre no amor.

Outro tipo de representação comum é a da mulher que sofre “violência física e simbólica/psicológica por parte dos homens” (CARVALHO, 2007, p. 125). A mulher é caracterizada por uma dominação masculina naturalizada, uma condição de “vítima feminina”. É o caso de Raquel de *Mulheres Apaixonadas* (2003), que sofre na mão de Marcos, seu marido violento.

Heloísa Almeida (2007, p. 188) afirma que as telenovelas trabalham como uma tecnologia de gênero, pois constroem as heroínas melodramáticas urbanas e independentes, que trabalham fora, ajudam nas despesas da casa, querem se realizar afetivamente, são mães dedicadas, bonitas, elegantes, na moda, entre outros. Ao mesmo tempo em que essas mulheres estão quebrando padrões, mantém características tradicionais, pois a “mulher ideal” é aquela que lida com essas duas questões: a vida fora e dentro do lar. Com isso, as telenovelas acabam por definir algumas concepções que, devido a reprodução em massa, se tornaram construções hegemônicas como a da mulher rica que só se preocupa com a aparência; a mulher batalhadora que trabalha fora e ainda consegue cuidar da casa, do marido e dos filhos; e a dona de casa tradicional. O que foge disso, muitas vezes é descartado.

As personagens objeto de estudo deste trabalho, Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathália Timberg), são representantes da classe média carioca, bem sucedidas, com uma família feliz, respeitadas, mulheres exemplos desse tipo de heroína moderna. Porém, elas carregam um detalhe que permite colocar em debate outro ponto delicado e que quebra essa imagem da mulher ideal da televisão brasileira: a sexualidade. Teresa e Estela são duas idosas lésbicas que formaram uma família e enfrentam dificuldades ao longo da trama, principalmente em relação ao preconceito. O fato de serem idosas, influencia ainda mais a discussão sobre as personagens, pois além de entrar em questão a idade das personagens e

como elas devem se comportar diante da sociedade, questiona-se também a sexualidade na velhice, tema pouco explorado pelas telenovelas.

6.3. Algumas representações lésbicas das telenovelas da Rede Globo³⁹

Antes de falar especificamente sobre Teresa e Estela, é interessante apresentar algumas das personagens lésbicas⁴⁰ que estiveram nas produções da Rede Globo nos últimos anos para entendermos como essa representação está sendo feita.

Será utilizado como referência o quadro com os personagens LGBTs (lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais e transgêneros) nas telenovelas da Globo entre 1970 e 2013 elaborado por Fernanda Silva (2015, p. 57). A autora identificou 126 personagens que integram o grupo composto por lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, presentes em 62 narrativas. Dentre esses personagens temos: 25 lésbicas, 73 *gays*, 17 bissexuais, 1 travesti, 8 transexuais e 1 transgênero. A pesquisa feita por Silva foi até *Salve Jorge* (2012/13). Após esse período, foi feita uma pesquisa sobre quais personagens LGBTs estiveram presentes nas telenovelas seguintes, até *Babilônia*, objeto de estudo do trabalho. Ao todo foram identificadas 9 personagens lésbicas, 13 *gays*, 3 bissexuais, 1 travesti e 1 transgênero.

Segundo Leandro Colling (2007), são três os perfis com os quais as telenovelas apresentam personagens que fogem do padrão heteronormativo: criminosos, afetados e heterossexualizados. Fala-se de personagens ligadas à criminalidade porquê de alguma maneira elas se envolvem com o meio (se prostituem, matam por ciúmes, entre outros). Quando a personagem é afetada, sua personalidade está intimamente ligada à comédia, o que gera maior aceitação do público. Já a personagem heterossexualizada está relacionada à “narrativa de revelação”. No caso das lésbicas apresentadas a seguir, o que predomina é a narrativa de revelação, onde aos poucos as personagens se descobrem homossexuais ou se revelam homossexuais para o telespectador.

A primeira aparição de personagens lésbicas nas telenovelas brasileiras foi em *O Rebu* (1974). Roberta (Regina Vianna) e Glorinha (Isabel Ribeiro) têm relacionamentos heterossexuais mas acabam se envolvendo. Ao final da história, deixam seus respectivos parceiros para viajarem juntas.

Em *Vale Tudo* (1988), discute-se a questão dos direitos sexuais. Laís (Cristina Prochaska) é uma empresária de classe alta que se relaciona com Cecília (Lala Deheinzelin), também empresária, morre em um acidente de carro. A partir daí, Laís disputa a herança de

³⁹ Utilizo no trabalho as telenovelas da Rede Globo por esta ser a principal produtora do gênero no país.

⁴⁰ Deixarei de fora as personagens lésbicas que não configuraram um casal.

Cecília com seu cunhado, que não reconhece o relacionamento das duas e conseqüentemente, não reconhece Laís como herdeira. No final do processo, Laís consegue o direito aos bens de sua ex-mulher e conhece a nova companheira, Marília (Bia Seidl).

Apenas quase dez anos depois das personagens de *Vale Tudo*, é que lésbicas são novamente representadas na televisão. Em *Salsa e Merengue* (1996), Dayse (Rosi Campos) e Tereza (Ângela Rebello) são duas trabalhadoras da classe popular que se envolvem com um mesmo homem mas acabam o deixando para viverem um romance.

Um episódio muito famoso foi exibido em *Torre de Babel* (1998). A novela discutia o preconceito e a discriminação contra identidades sexuais e de gênero não normativas. Rafaela (Christiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeiffer) são duas mulheres de classe alta e empreendedoras que se envolvem e são livres de estereótipos. A trama escrita por Silvio de Abreu teve muitos problemas com a audiência e as personagens acabaram morrendo na explosão do *shopping* no qual trabalhavam, logo do início da trama.

As personagens Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli) de *Mulheres Apaixonadas* (2003), foram as primeiras mulheres lésbicas mais jovens a serem apresentadas ao público. Ambas são estudantes de classe média que vão descobrindo sua sexualidade ao longo da história, colocando em discussão conflitos familiares e o preconceito em relação a orientação sexual. Elas inclusive chegam a se beijar no capítulo final, no qual estão encenando a peça *Romeu e Julieta* de William Shakespeare. É importante destacar que nesta cena, uma delas está vestida de homem, representando Romeu. Talvez tenha sido por isso que o tal beijo não tenha sido rejeitado pela audiência, pois as duas estavam representando um casal heterossexual.

Uma novela que trabalhou novas questões do relacionamento lésbico foi *Senhora do Destino* (2004). Leonora (Mylla Cristie) e Jennifer (Bárbara Borges) que encaram a descoberta da sexualidade, conflitos familiares relacionados à orientação sexual das duas e o preconceito da sociedade. Elas formaram um casal a partir da metade da trama, ou seja, a descoberta da sexualidade veio durante a história, o que deu tempo de desenvolver a história das duas. Apesar de não trocarem beijos como os casais heterossexuais, houve carícias e cenas mais ousadas, gravadas na cama e no banheiro. Foi a primeira vez em que falou-se sobre uma família composta por duas mulheres e uma criança. Na telenovela, o casal é livre de caricaturas e adota uma criança que foi achada em uma caçamba de lixo. O resultado é uma representação pautada do amor romântico e com associações a casais heterossexuais.

Em *Belíssima* (2005), o casal formado por Rebeca (Carolina Ferraz) e Karen (Mônica Torres) não estava previsto na sinopse da novela e só se formou no final da trama. Já na

novela *A Favorita* (2008), Stela (Paula Bulamarqui) perdeu sua companheira para o câncer e se apaixonou pela protagonista Catarina (Lília Cabral). Stela sofre principalmente com o preconceito e machismo do marido de Catarina, Léo (Jackson Antunes), que expõe a todos a orientação de Stela e a ridiculariza. Ao final elas viajam juntas, mas não fica claro se formam um casal ou se são apenas amigas.

A presença do casal lésbico de *Fina Estampa* (2011) é sutil. Íris Siqueira (Eva Wilma) e Alice (Thaís Campos) se relacionam discretamente durante telenovela e ao final, viajam a bordo de um caminhão pelo país. Vale ressaltar que a personagem de Eva Wilma é a lésbica mais velha apresentada até agora, com 60 anos.

Em Família (2014) apresenta Clara (Giovanna Antonelli), casada e com um filho, descobrindo o seu interesse por mulheres ao conhecer a fotógrafa Marina (Tainá Muller). Clara assume aos poucos sua homossexualidade para seu marido, filho e restante da família durante a telenovela. As personagens são sem estereótipos, trocam carícias e inclusive se beijam mais de uma vez. A princípio o casal não foi bem aceito pelo público, principalmente pelo fato de Clara deixar seu marido doente e filho pequeno para viver com outra mulher. Porém, o tema foi trabalhado de maneira delicada, dando a oportunidade para o público se acostumar com as duas e apoiá-las. Elas se casam no final e mantém uma relação boa com o ex-marido de Clara, Cadu (Reynaldo Gianecchini).

Marina é uma mulher que tem a questão da sua homossexualidade bem resolvida e é aceita pelo meio em que vive e trabalha, afinal ela trabalha com arte, local onde a presença homossexual é maior. Ela inclusive é disputada por Clara e Vanessa (Maria Eduarda de Carvalho), sua colega de trabalho com quem já se relacionou algumas vezes e sempre foi apaixonada por ela.

Finalmente em *Babilônia* (2015), Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathália Timberg) chegam para levantar novos debates sobre relacionamento homossexual nas telenovelas. São duas mulheres bem sucedidas, com um relacionamento longo e estável, criaram Rafael (Chay Suede) como filho - ele é filho da falecida filha de Estela -, tem uma boa relação com seus familiares e são respeitadas. Porém, além de serem duas mulheres lésbicas, elas são idosas. Esse ponto também desperta o preconceito das pessoas, pois a sexualidade na velhice ainda é tabu, não é muito discutida.

Logo no primeiro capítulo protagonizaram uma cena comum de um casal que vive junto há vários anos: um delicado beijo. A cena causou grande impacto no público. Um absurdo duas mulheres se beijarem assim, como se fosse normal, certo? O que explicar para

os seus filhos? Isso é exemplo que a televisão dê? Desde quando “velho” se beija? Esses e outros pontos são levantados durante o trabalho a partir da análise dessas duas personagens.

Como se pode perceber, no âmbito das personagens lésbicas não há pluralidade de representações. A sexualidade muitas vezes é regulada ou não é reconhecida; poucas tiveram a oportunidade de constituir uma família ou tiveram suas tramas bem desenvolvidas; quase todas são mulheres brancas na faixa de 31 e 40 anos; o relacionamento é baseado em um padrão heteronormativo (relacionamentos estáveis, monogâmicos, duradouros, não procriativos e discretos) (SILVA, 2015, p. 75); entre outros. “Ao apresentar lésbicas dentro de um modelo heteronormativo, as telenovelas reproduzem uma regulação da sexualidade feminina, questionada desde as primeiras conceituações sobre a temática de gênero”. (SILVA, 2015, p. 86).

Onde estão as lésbicas vivendo uma vida considerada normal, ao de alguém que se ama, com família, amigos, aceitas pela sociedade, com um emprego, da mesma maneira com que os casais heterossexuais são apresentados? Esse tipo de representação, sem um maior desenvolvimento, sem a oportunidade de ser apresentado como um relacionamento comum entre duas pessoas, reforça uma cultura de exclusão de corpos não padronizados.

7. Metodologia de pesquisa

A presente pesquisa tem caráter exploratório e descritivo. De acordo com Gil (2002, p. 41), a pesquisa exploratória tem como objetivo fornecer informações sobre objeto de estudo e envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão. A pesquisa descritiva (GIL, 2002, p. 42) tem como finalidade observar, registrar e analisar características de determinada população ou de fenômenos, além de estabelecer relações entre as variáveis do objeto de estudo.

Para analisar a representação de duas personagens lésbicas e idosas, primeiramente foram realizadas algumas reflexões que auxiliam na compreensão do objeto em estudo dentro de um mundo contemporâneo.

Em seguida, o trabalho foi direcionado para uma análise de conteúdo das cenas nas quais as personagens Teresa e Estela estão inseridas, com o objetivo de entender como as cenas e diálogos da telenovela *Babilônia* funcionam no combate ou manutenção de certas representações sociais de pessoas da comunidade LGBT, em especial as lésbicas. É importante destacar que outro elemento presente na realidade de Teresa e Estela é que elas são idosas, e o idoso, assim como *gays*, lésbicas, bissexuais e transexuais, também estão marcados por representações, o que também será verificado neste trabalho.

Dentro da área de pesquisa, é possível trabalhar com dois tipos: a pesquisa quantitativa e a qualitativa. Segundo Bauer e Gaskell (2002, p. 23), a pesquisa quantitativa é aquela que utiliza números e modelos estatísticos para explicar os dados. Um exemplo é a pesquisa de opinião. Por outro lado, a pesquisa qualitativa não lida com números, e sim com interpretações das realidades sociais, como por exemplo a entrevista em profundidade, e busca verificar como o problema de pesquisa se manifesta no cotidiano. Adotou-se neste trabalho a pesquisa qualitativa, tendo como instrumento a análise de conteúdo.

Neste tipo de pesquisa, a análise dos dados segue o método indutivo, que é um processo de raciocínio a partir da observação de fatos ou fenômenos particulares para conhecer as suas causas. Em seguida, é feita a comparação para identificar a relação entre eles para, enfim, pensar estes fatos ou fenômenos de maneira geral (GIL, 2002, p. 10).

Segundo Bauer (2002, p. 192), um dos objetivos da análise de conteúdo é refletir sobre “um símbolo que representa o mundo”, ou seja, é refletir sobre as próprias representações. “Através da reconstrução de representações, os analistas de conteúdo inferem a expressão dos contextos, e o apelo através desses contextos” (BAUER, 2002, p. 192). As telenovelas são produções de ficção da televisão repletas de representações, logo, a análise de conteúdo serve como ferramenta para identificar mudanças e manutenções nessas representações sociais.

De acordo com a metodologia de pesquisa estabelecida por Bauer e Gaskell (2002, p. 19), existem quatro dimensões que descrevem o processo de pesquisa. Primeiro, é preciso delinear a pesquisa de acordo com alguns princípios estratégicos (observação participante, estudos de caso, levantamento por amostragem, etc.); em seguida, faz-se a coleta de dados por meio de entrevistas, observação, busca de documentos, entre outros; o terceiro passo é fazer a análise desses dados; e, por último, é realizado o controle, a construção do consenso ou a emancipação dos sujeitos do estudo.

Outra autora que fala sobre a análise de conteúdo, seguindo os moldes de Bauer e Gaskell, é Diana Rose (2002). Rose desenvolve uma metodologia de análise de conteúdo específica para imagens em movimento, o que pode ser aplicado para analisar as cenas de uma telenovela. Para a autora, “as representações da mídia são mais do que discursos. Elas são um amálgama complexo de texto, escrito ou falado, imagens visuais, e as várias técnicas para modular e sequenciar a fala, as fotografias e a localização de ambas” (2002, p. 345).

Primeiramente, deve-se selecionar os programas a serem gravados para, em seguida, transcrever as cenas, de maneira que os dados possam passar por uma análise cuidadosa e uma codificação. É necessário definir qual o referencial de codificação será utilizado (codificação de símbolos, imagens, tema, entre outros). Neste caso, optou-se pela codificação

temática, pois ao analisar como a temática lésbica e idosa é trabalhada na trama, é possível compreender como as cenas e seus diálogos contribuem para a ruptura ou manutenção de representações sociais de tais minorias. O processo tem fim com a análise e tabulação dos resultados (ROSE, 2002, p. 346).

Os objetos de análise deste trabalho são as cenas protagonizadas pelas personagens interpretadas por Fernanda Montenegro e Nathália Timberg, que logo no primeiro capítulo da telenovela *Babilônia*, chamaram a atenção ao protagonizarem um beijo. Por conta desta cena e da sua repercussão, que inclusive culminou em algumas mudanças em cenas posteriores das personagens, foi definido que a pesquisa seria feita a partir da análise da representação das minorias lésbica e idosa na telenovela em questão.

Posteriormente, para a coleta de dados, foram assistidas as cenas do casal, tendo como critério a presença de diálogos que tivessem como foco a homossexualidade ou a velhice. Também foram incluídas algumas cenas sem a presença das senhoras idosas, e sim de personagens próximos (família, amigos, conhecidos e “inimigos”) que tivessem as duas como pauta da conversa. No total, foram assistidas aproximadamente 70 cenas.

Como o número é consideravelmente alto para se fazer a transcrição, foi necessário selecionar as cenas consideradas principais, contemplando a relevância do conteúdo produzido com o intuito de responder a questões, como por exemplo, como a relação das duas é abordada; quais discursos estão presentes na representação de lésbicas e idosas durante a trama; como o casal é visto pelas demais personagens; e se o preconceito é combatido ou reforçado.

Após a seleção, fez-se a transcrição completa de cerca de 20 cenas, tendo como foco o texto, uma vez que ele é “a representação e a expressão de uma comunidade que escreve” (BAUER, 2002, p. 192).

A análise de conteúdo nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades. Em outras palavras, a análise de conteúdo é pesquisa de opinião pública com outros meios. Quando o foco está no público, o texto é um meio de apelo: uma influência nos preconceitos, opiniões, atitudes e estereótipos das pessoas. (BAUER, 2002, p. 192).

Como o referencial de codificação escolhido foi o temático, optou-se por dividir a análise nas seguintes temáticas:

- O casal Teresa e Estela – com a descrição das cenas que mostram como a relação das duas foi construída;

- As *Sapatosas* – com a descrição das cenas que trazem preconceito e discriminação sofrido pelas personagens;
- Discussão dos Resultados – neste ponto é feita uma reflexão sobre a representação da velhice e da lesbianidade apresentadas em *Babilônia* a partir das cenas analisadas;

A descrição é importante para organizar as informações das cenas e destacar aquilo que é mais importante nos diálogos travados entre as personagens. Feita a transcrição, foram selecionados os trechos mais marcantes que funcionam como formadores das representações e dos discursos utilizados para construir as lésbicas e idosas na telenovela *Babilônia*. Para finalizar, é feita a análise das cenas e a discussão dos resultados.

8. Análise

Este capítulo é dedicado à análise de conteúdo de aproximadamente 20 cenas de *Babilônia* organizadas a partir das temáticas, **O casal Teresa e Estela; As Sapatosas; e Discussão dos Resultados**, explicitadas com detalhes no capítulo sobre a metodologia de pesquisa. A decisão pela codificação temática objetiva compreender como as cenas e os diálogos contribuem para a ruptura ou manutenção de certas representações sociais de lésbicas e idosos. Para isso, foram selecionadas cenas protagonizadas pelas personagens Teresa e Estela, que abordam a homossexualidade ou a velhice, além daquelas com a presença de personagens próximos ao núcleo formado pelo casal de senhoras idosas, nas quais elas são tema das conversas. A análise não se constitui de maneira cronológica.

8.1. O casal Teresa e Estela

No dia 16 de março de 2015, primeiro capítulo de *Babilônia*, o público foi apresentado a um casal formado por duas senhoras idosas, juntas há mais de 35 anos. Teresa (Fernanda Montenegro) é uma advogada que lutou pela liberação de presos políticos na época da ditadura militar, além de advogar em prol dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais,

transexuais e transgêneros (LGBTs). Estela (Nathália Timberg), sua companheira, é dona de um antiquário e mãe de uma das protagonistas da trama, Beatriz (Glória Pires). Juntas, as duas criam Rafael (Chay Suede), filho da falecida filha de Estela, que as chama de mãe.

Em sua primeira cena juntas, o casal conversa em seu quarto sobre o dia que tiveram. Sentadas lado a lado, Teresa fala que teve um dia cansativo no escritório enquanto Estela desabafa sobre as preocupações com a filha Beatriz, que voltou ao Brasil após se envolver em um escândalo em Portugal. Teresa procura confortar a amada, que parece aflita.

Estela – A Beatriz, depois que ficou viúva, não soube administrar sozinha a empresa. Eu temia que alguma coisa acontecesse (fala enquanto se levanta).

Teresa – Minha querida, (se levanta, vai de encontro a companheira, coloca o braço sobre seus ombros e conversa olhando-a nos olhos) veja bem, com a sua filha, com a Beatriz, nós temos que estar sempre de olhos bem abertos, hã? Sempre foi assim. No momento não há nada que você possa fazer além de dar o seu apoio. E você está dando o seu apoio, concorda?

Ao fundo, ouve-se uma música cantada por Maria Bethânia, intitulada *Eu te desejo amor*. Tal canção é a música tema do casal. O fato de as personagens terem uma música tema as configura como personagens importantes para a telenovela, uma vez que é comum personagens centrais terem suas próprias canções tema (GOMIDE, 2006, p. 78). Quando a música começa, Estela beija a mão de Teresa e fica com ela junto ao rosto.

T – Diz que concorda pra mim, diz que concorda (fazendo um carinho no rosto de Estela enquanto esta ri como se confirmasse). Minha querida... (As duas se inclinam e beijam-se com ternura, trocam breves carícias e encerram a cena abraçadas).



Figura 3- O primeiro capítulo, o primeiro beijo (Foto: TV Globo)

A cena chamou a atenção e dividiu o público. Uns torceram pelo sucesso do casal e aplaudiram a iniciativa de apresentar um casal LGBT representado por duas das maiores atrizes da televisão, cinema e teatro brasileiros. Por outro lado, telespectadores criticaram a presença de tais personagens por considerarem uma afronta à moral, que a Rede Globo está

incentivando a homossexualidade. Foi o caso da Frente Parlamentar Evangélica⁴¹ do Congresso Nacional, que chegou a divulgar uma nota oficial de repúdio ao beijo protagonizado pelas atrizes.

Em produções anteriores, o telespectador foi sendo preparado ao longo da trama para se acostumar com o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Foi o caso de Niko (Thiago Fragoso) e Félix (Mateus Solano), de *Amor à vida* (2013), que foram desvendando os sentimentos que sentiam um pelo outro a medida que o público também foi descobrindo. O beijo foi apresentado apenas no último capítulo, se transformando no primeiro beijo *gay*⁴² das telenovelas da Globo. No caso de Marina (Tainá Muller) e Clara (Giovanna Antonelli) de *Em Família* (2014), o beijo veio quando o amor delas já havia sido revelado, o que deu tempo para o telespectador se acostumar com a ideia de relacionamento entre duas mulheres.

Em *Babilônia*, o casal está junto há mais de 35 anos, logo, espera-se que troquem carinhos, abraços e beijos cotidianamente, assim como qualquer outro casal. Em entrevista para o jornal O Globo⁴³, Ricardo Linhares, que assina a novela com Gilberto Braga e João Ximenes Braga, afirmou que “é preciso não transformar o beijo num evento. O objetivo não é chocar. E, sim, mostrar com naturalidade uma situação natural da vida de um casal”. O que chocou tanto o público, uma vez que não foi a primeira vez que duas pessoas do mesmo sexo trocaram este tipo de carinho em telenovelas?

Após este primeiro momento, as personagens voltaram a se beijar no dia 18 de março. Diante dessa insatisfação logo no começo da trama, acrescida de outras críticas que vieram posteriormente relacionadas a outros personagens, os autores tiveram de fazer algumas mudanças no roteiro previsto. Entre elas, tiveram de evitar cenas que tivessem algum tipo de conotação sexual entre as personagens. Depois que as alterações na trama foram feitas, passaram-se 140 capítulos até que, no último dia de exibição de *Babilônia*, Teresa e Estela voltaram a trocar beijos em duas situações.

Em uma delas, as duas senhoras estão conversando com Paula (Sheron Menezes), advogada do escritório de Teresa, e Bento (Dudu Azevedo) sobre a bonita família que eles formam com Manu, criança recém adotada pelo casal. Paula afirma que quer dar para a filha o

⁴¹ Blog Radar Cultural. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/radar-cultural/frente-evangelica-da-camara-lanca-nota-de-repudio-a-beijo-gay-em-babilonia/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

⁴² Outras personagens como Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli) de *Mulheres Apaixonadas* (2003), e Leonora (Mylla Cristie) e Jennifer (Bárbara Borges) de *Senhora do Destino* (2004), também protagonizaram beijos, porém foram selinhos (beijos rápidos). No caso de *Amor à vida*, os personagens protagonizaram um beijo mais demorado.

⁴³ O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/estela-teresa-se-casam-diante-de-quase-todo-elenco-de-babilonia-15656554>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

mesmo que as duas deram para Rafael, “a família perfeita”. Estela afirma que o segredo está no amor e beija a amada. Ainda nesta cena, os diferentes casais da trama são mostrados para o telespectador. A cena dá a entender que o amor não tem cor, idade, orientação sexual ou gênero, além de funcionar como uma estratégia de combate ao preconceito

Em sua última cena na novela, Teresa sai de uma audiência no tribunal, acompanhada de seu filho Rafael e a namorada Laís, e vai ao encontro da mulher que a espera. Ao vê-la, beija rapidamente nos lábios. A trajetória das personagens é encerrada com um beijo, da mesma forma que foi iniciada.

Em Babilônia, enquanto os personagens heterossexuais protagonizam cenas de amor e de sexo em todos os episódios, o casal de idosas tem este tipo de manifestação podado. A ausência de beijo em uma relação por tanto tempo, como foi o caso das personagens Teresa e Estela, acaba por dessexualizá-la, pois exclui uma das principais demonstrações de afeto entre duas pessoas que se gostam. Essa dessexualização está presente na representação de lésbicas, pois existe a ideia de que elas recusam a sexualidade tida naturalmente como heterossexual (BUTLER, 2015), e é marcante no que diz respeito ao idoso. O beijo e o casal chocaram, pois a sexualidade do idoso é ignorada, é pouco debatida, uma vez que ele é visto como pessoa assexuada por não ter mais desejo sexual (ARAÚJO, 2010).



Figura 4 - Teresa e Estela se beijam no casamento de Regina e Vinícius (Foto: TV Globo)



Figura 5 - Teresa e Estela se beijam emocionadas ao saber que poderão se casar (Foto: TV Globo)



Figura 6 - Última cena, último beijo (Foto: TV Globo)

No terceiro capítulo de *Babilônia* (18 de março)⁴⁴, Teresa e Estela recebem a notícia de que poderão se casar. Luiz Mello (2005) afirma que as mudanças sociais, entre elas o fato de *gays* e *lésbicas* poderem se assumir publicamente como casal, possibilitaram que essas minorias questionassem algumas representações e preconceitos direcionados a elas.

Teresa – Estela, acabo de receber um telefonema do escritório.

Estela – Algum problema?

T – Não, pelo contrário. É uma notícia maravilhosa! A minha assistente foi ao cartório. Saiu o certificado de habilitação! (Estela se emociona ao ouvir as palavras a amada e a abraça. As duas continuam a conversa de mãos dadas). Agora podemos marcar a data, meu amor. Agora podemos!

E – Pro casamento?

T – Nós vamos transformar a nossa união civil em casamento, como qualquer casal. Com igualdade. Ah, há quanto tempo nós esperamos por isso... há quanto tempo! (As duas se aproximam e Estela acaricia o rosto de Teresa).

E – Um tempo tão feliz! (Começa a música tema das duas e elas se beijam com ternura, por um breve momento, e se abraçam emocionadas).

Durante anos a homossexualidade foi considerada um crime. O fato de Teresa e Estela poderem casar⁴⁵, é uma maneira de legitimá-las como casal perante a sociedade e auxilia na quebra de representações que veem a relação homossexual como uma infração da lei, algo ligado à criminalidade.

Por meio da constituição de casais conjugais, cujos membros geralmente se autodefinem como uma família, os homossexuais passam a desvincular-se dessas representações sociais e reivindicam não mais apenas o direito à cidadania, em nível individual, mas, também, o direito à constituição de grupos familiares, integrando-se ao rol de sujeitos sociais portadores de demandas que, no mundo ocidental convencionalmente realizam-se por meio da constituição do casal conjugal e da socialização de crianças – filhos biológicos ou adotivos. (MELLO, 2005, p. 200).

Quando recebeu a notícia de que finalmente poderia se casar, Estela ficou emocionada de poder confirmar diante da lei o relacionamento com a sua companheira de vida. Porém, depois de um tempo, pareceu um pouco receosa quanto a isso⁴⁶.

Teresa – Meu amor, você era a mais animada com essa nossa festa. Queria entender por que agora você está nesta dúvida.

Estela – Não sei, vão explorar nossa vida (fala nitidamente nervosa). Vai acabar em uma reportagem escandalosa sobre duas *lésbicas* que vivem juntas há anos! Forcei muito sorriso para coluna social no passado. Nós temos vivido a nossa vida tão discretamente esses anos todos, eu queria preservar isso.

⁴⁴ Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4045614/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

⁴⁵ A partir da Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013, publicada em 15 de maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça autorizou o casamento entre pessoas do mesmo sexo, seja por habilitação direta, seja por conversão de união estável. Disponível em: <<http://www.oabj.org.br/artigo/3623-aprovado-o-casamento-gay-no-brasil---raquel-castro>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

⁴⁶ Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4068248/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

T – Meu amor, eu quero resguardar a nossa privacidade. Nós lutamos contra preconceitos, contra um falatório horrível, torpe, só porque nós queríamos ter uma vida digna. Eu não quero voltar a nos expor. Mas por outro lado, é claro que esse nosso casamento a essa altura da nossa vida, minha querida, é a prova de que nós somos duas românticas incuráveis! Por outro lado, queremos ou não, é um ato político. É uma prova de que nós não recuamos, não nos intimidamos com preconceitos sobre sexo, sobre idade. Pense nisso antes de tomar uma resolução definitiva. Estarei com você sempre, seja qual for a resolução.

Quanto Teresa afirma que seu casamento com Estela é um ato político, ela enfatiza que a luta por reconhecimento social e jurídico de sua relação está ligada à afirmação ou negação da ideia de complementaridade dos sexos e dos gêneros, que atribui ao casal heterossexual (homem-mulher) a competência moral e social de constituir uma família, especialmente quando se fala em ter filhos (MELLO, 2005, p. 201). Consequentemente, o casamento é também um ato político contra o preconceito e discriminação sofridos por esta parcela da população.

A cena do casamento foi ao ar no dia 22 de abril. Teresa e Estela seguem em direção ao altar de mãos dadas, sob os olhares de quase todo o elenco de *Babilônia*, visivelmente feliz com a conquista das duas, o que reforça a aceitação da orientação sexual do casal por outros personagens. No meio da cerimônia, Lauro (Dennis Carvalho), filho de Teresa, interrompe o discurso da juíza de paz. Teresa fica sem reação com a chegada do filho que não via há anos. Quando assumiu ser lésbica, a advogada foi rejeitada pelo marido e filho, e, desde então, havia deixado de se relacionar com eles. Teresa chega a afirmar que os dois nunca entenderam ela e a mulher como seres humanos, nem a sinceridade da vida que escolheram viver juntas.

Em uma conversa com Rafael, no dia 3 de abril⁴⁷, Teresa chorou ao afirmar que falar sobre o filho Lauro é difícil pois se trata de “uma ferida antiga, mas que dói, dói muito”. Segundo a mulher de Estela, eles tiveram discussões horríveis nas quais ela foi desprezada e humilhada por Lauro. Em outro momento, no dia 4 de abril, ela afirma que “o que hoje chamamos de preconceitos, naquele tempo eram valores morais”. Lauro viu seus valores morais destruídos quando sua mãe o “abandonou” para viver com outra mulher. A reação de Lauro é reflexo de uma sociedade heteronormativa, que tem como um de seus principais valores a família, construída a partir da relação entre o binário homem-mulher. O que foge disso é renegado, excluído (BUTLER, 2015).

⁴⁷ Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4085484/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

Ao saber do casamento das duas senhoras, o ex-marido de Teresa entrou em contato com ela e mostrou-se indignado com a decisão dela de se casar com a companheira. Teresa interpretou as ofensas do ex como se fossem do filho.

Teresa – É muita arrogância! Muita arrogância! Como é que um filho pode condenar a própria mãe por causa de um sentimento que ele não entende? Ele não entende! Estela, ele não entende, mas nós entendemos. Esse sentimento existe! Ele existe!

Estela – Era o seu filho ao telefone?

T – Que humilhação! Não, pra mim chega! Não vou mais pedir o amor de um filho que renega. Não vou mais! Não vou! (Teresa rasga um papel com informações sobre o filho).

E – Teresa, pelo amor de Deus, fala comigo! O que foi que te deixou nesse estado?

T – O meu ex-marido nesse telefone. Os Almeida passaram por Roma e comentaram sobre o nosso casamento.

E – Foi o Ubaldo que te deixou assim? O que ele disse?

T – Horrores, Estela... horrores, baixezas. Disse coisas terríveis de nós duas. Que este casamento é um vexame, uma vergonha, é patético, que nós somos duas velhas despudoradas, que quando ele pensa que se livrou de mim, da lembrança deplorável que foi o fim do nosso casamento. [...] Me pergunto como é que uma pessoa pode julgar outra pessoa só porque este ser humano quer amar alguém, seja lá quem for. (Teresa ainda fala que não tem mais tempo para humilhações, injustiça, sofrer por um filho intolerante).

Apesar dos problemas, Teresa sente muita falta do filho, por isso Estela e Rafael decidem enviar uma carta para Lauro convidando-o para o casamento sem que a advogada soubesse. Passado o susto durante a cerimônia, mãe e filho se reencontram e encerram as suas diferenças. Lauro deixa de lado a raiva e o preconceito, e entende as razões da mãe ao terminar o casamento com seu pai para viver seu amor com Estela. Após a conversa, os dois se entendem e Lauro encaminha a mãe ao altar.

É importante ressaltar que o primeiro casamento homossexual em uma telenovela da Globo foi apresentado em 2014, no folhetim *Em Família*, de Manoel Carlos, com a união de Clara e Marina. Esta foi a segunda vez que um casamento entre pessoas do mesmo sexo foi



Figura 7 - Teresa e Estela se dirigem ao altar (Foto: TV Globo)



Figura 8 - Lauro conduz a mãe até Estela (Foto: TV Globo)

exibido em uma novela da Globo.

Figura 9 - Teresa e Estela se abraçam no final da cerimônia

Apesar de terem sido privadas de trocarem beijos, as idosas continuaram protagonizando cenas com trocas de carinho, cumplicidade e respeito, construídas com muita delicadeza, nas quais o diálogo era marcado por palavras de afeto como “minha querida”, “meu amor”, “você é o amor da minha vida”, entre outras. Debert (1999, p. 150) fala que na terceira idade, a questão sexual ganha um novo formato, onde o amor e a intimidade do toque dão uma dimensão de ternura e carinho para a sexualidade na velhice.

Assim como qualquer casal, Teresa e Estela também tiveram momentos de crise no relacionamento. O primeiro conflito foi apresentado no dia 4 de maio, quando as duas discutiram por não concordar que Beatriz, filha de Estela, seja isenta de culpa em um crime ao qual está sendo acusada. Apesar de não acreditar na inocência da enteada, Teresa segue como sua advogada e consegue tirá-la da cadeia.



Estela – As suas suspeitas me ferem profundamente, Teresa.

Teresa – As suas palavras também me feriram. Me feriram muito, foram cruéis.

E – Eu não podia ter falado tudo aquilo!

T – Eu também disse coisas insensatas. Completamente insensatas.

E – Você está recuperada mesmo? Sua pressão, como está? Você está se sentindo bem?

T – Tive um piripaque bobo!

E – Essa sua mania de minimizar os seus problemas de saúde... você não se cuida!

T – Então, cuida de mim! (Começa a música tema delas ao fundo). Estela, o que mais me fere é saber que a minha companheira, a minha grande companheira de tantos anos, está contra mim. Eu preciso de você, Estela. Eu preciso muito, muito, muito...

E – Você é capaz de perdoar tudo o que eu te falei?

T – Você também tem que me perdoar, Estela. Vamos pensar em nós, só em nós. Não vamos deixar que problemas que são graves afetem o nosso amor, minha querida, o respeito que nós sempre tivemos uma pela outra... não vamos deixar, pelo amor de Deus!

E – Eu te amo, Teresa (chorando)! Eu te amo!

T – Eu também te amo, Estela, minha querida... minha querida! (As duas encerram a discussão e terminam a cena abraçadas).

É possível perceber nesta cena a cumplicidade do casal e o amor que sentem uma pela outra, alguns dos princípios que regem o relacionamento delas. Falar sobre afeto e amor renderia um outro estudo interessante, visto que a sociedade atual se apresenta cada vez mais individualista, na qual as pessoas têm dificuldades de projetar as suas emoções. A televisão funciona como vitrine para essa expressão de sentimentos, da mesma maneira que evidencia o crime, o preconceito, a homofobia, etc. Teresa e Estela são amigas, companheiras, carinhosas, não têm medo de expressar o que sentem uma pela outra. Seria interessante verificar como a relação de amor entre as personagens foi construída diante de uma sociedade tão individualista.

A relação das duas foi mostrada a partir de situações que são vivenciadas por qualquer casal. Uma delas, por exemplo, é a da separação. Elas discutem e fazem as pazes, o que faz parte de uma problemática comum ao ser humano, independentemente de sua orientação sexual.



Figura 11 - Teresa e Estela conversam (Foto: TV Globo)



Figura 10 - Teresa e Estela fazem as pazes (Foto: TV Globo)

De acordo com Colling (2007), durante anos os personagens homossexuais foram mostrados nas telenovelas de maneira estereotipada, caricata, voltados para o humor. Teresa e Estela fogem deste tipo de abordagem. São personagens densos que apresentam ao telespectador elementos que compõem a vida de uma pessoa, a narrativa delas é desenvolvida ao longo da trama. Diferente de Rafaela (Christiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeiffer) de *Torre*

de *Babel* (1998), que morreram em uma explosão do *shopping* no qual trabalhavam logo no início da trama por não terem sido bem aceitas pela audiência.

Em uma sociedade onde as pessoas se tornaram mais conscientes da sua condição de cidadania, representações caricaturadas não são mais aceitas com tanta passividade como antigamente. As pessoas querem espaço como consumidoras também. A televisão, antes demais nada, “é a maior mídia do Brasil e capaz de vender uma ampla gama de produtos” (ALMEIDA, 2007, p. 180) e hoje o mercado de idosos e homossexuais é emergente. Na nova representação de casais homossexuais que se firma a partir dos anos 2000 (no caso da representação lésbica em 2003, na novela *Mulheres Apaixonadas*), não se pode dizer que não existem mais personagens caricatos, porém, a descaracterização desses personagens é forte tendência nas produções da Rede Globo.

Na cena que foi ao ar dia 18 de junho⁴⁸, Teresa ainda não havia contado para Estela sobre os ataques que o filho delas, Rafael, vinha sofrendo por conta de um vídeo que “viralizou” na *internet*, no qual o jovem aparece como namorado de Ivan (Marcello Melo Jr.), seu instrutor de *slackline*. A advogada foi à delegacia com o filho denunciar o caso e descobriu-se, posteriormente, que o vídeo havia sido gerado no computador de Guto (Bruno Gissoni), enteado de Beatriz. A polícia apareceu na casa do garoto para confiscar seu computador. Estela fica perplexa e com muita raiva ao descobrir tudo por meio de sua filha, e não por sua mulher.

Estela – Como você pôde esconder isso de mim?!

Teresa – Estela, se eu tivesse contado pra você, você ia, claro, ter comentado com a sua filha e a Beatriz iria informar o Guto, e o Guto ia destruir todas as provas que existem contra ele!

E – Você me acha mesmo uma idiota, não é?

T – Não, não fale assim! Eu não quis arriscar. O nosso filho está sofrendo uma agressão violenta...

E – Que você escondeu de mim! Isso é imperdoável, Teresa. É desumano! É uma afronta ao meu amor de mãe!

T – Eu quis poupar você, Estela!

E – Ah não, não, não! Tudo menos isso! Eu não sou uma incapaz, uma tonta, uma inútil! Eu odeio essa mania que você tem de me poupar, isso é arrogância sua! Você acha que é dona da verdade... advogada, promotora e juiz! Eu nunca te perdoei por considerar que a minha filha é uma assassina. Você está errada!

T – Ouça, ouça bem o que você está falando... você tenha calma...

E – E ainda resolve dar entrevista! Com certeza se exibindo com essa conversa de defensora da justiça! Eu cansei! Cansei de ser tratada como uma tonta, de quem é preciso esconder tudo o que é importante porquê a pobrezinha aqui não ia aguentar! Isso não é de hoje, nem de ontem. Só que eu não quero mais isso na minha vida!

T – O que é que você está dizendo?

⁴⁸ Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4263158/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

E – Eu estou dizendo que acabou! Não vou mais suportar! Eu nunca imaginei que isso um dia pudesse acontecer, mas aconteceu. Eu não quero mais ser tratada como uma incapaz. Eu estou indo embora, Teresa! Eu estou me separando de você.

Nas discussões protagonizadas pelas duas, Estela geralmente questiona o fato de Teresa menosprezar a sua opinião com a desculpa de querer poupá-la por considerá-la mais frágil. Durante a trama, Estela é taxada de sentimental por “agir com o coração”. É possível enquadrar a empresária na clássica representação da mulher delicada, frágil e gentil. Já Teresa age pela razão, é pragmática, se posiciona diante das adversidades e toma a maioria das decisões, o que a aproxima do referencial de homem para a sociedade.

A partir desta percepção, é possível relacionar a representação do casal de *Babilônia* com a ideia do casal lésbico clássico formado por uma *butch* e uma *femme* (NAVARRO-SWAIN, 2004) pautado na necessidade de se identificar um macho e uma fêmea na relação, o que acaba reforçando a ordem heterossexual. Mesmo o casal sendo representado fora da configuração homem-mulher, a audiência e até mesmo o roteiro ainda buscam essa caracterização, pois a representação da *butch* e da *femme* ainda é muito presente. Mesmo propondo algo novo, os autores ainda reproduzem este tipo de representação.

O episódio do dia 18 se encerra com Teresa indo até o antiquário de Estela pedir perdão. O fato de o capítulo ter sido encerrado com uma cena das duas reforça a importância das personagens para a trama. Apesar de serem coadjuvantes, estão intimamente ligadas à trama principal e têm a sua própria história destacada. O capítulo seguinte (19 de junho)⁴⁹ apresenta a continuidade da cena das duas. Estela ainda está muito chateada e continua firme com a decisão de se separar, mesmo após Teresa procurá-la e se desculpar. Teresa volta para casa desolada e passa a noite em claro em seu escritório mandando mensagens e tentando ligar para a ex-companheira, enquanto esta segue trabalhando no antiquário sem se manifestar. No dia seguinte, Teresa tem uma queda de pressão e desmaia. Ao saber do ocorrido, Estela volta para casa.

Teresa – A ideia de trazer você aqui foi da Wilma.

Estela – De novo querendo me poupar... você não vê que essa mania causou grande parte dos nossos problemas?

T – Não quis te poupar, Estela. Eu quis me poupar. Eu tenho medo que você queira voltar por pena de mim. Eu detesto chantagem emocional.

E – Você nem percebe como é orgulhosa! Eu vim por carinho e você pensa em pena. Sempre foi assim! Você acha que sabe mais de mim do que eu, me atribui emoções e sentimentos que não são meus. O problema começou com um ataque ao Rafael, mas já vem de longe, quando começamos a viver juntas. Eu fiz mal em vir, melhor ir embora.

⁴⁹ Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4263158/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

T – Não, não vai embora não, por favor! Eu aceito que você volte mesmo que seja por pena de mim. Eu não aguento viver sem você, Estela. Não aguento. Diz pra mim, diz o que você quer que eu mude que eu vou mudar, pra você me perdoar e voltar pra mim.

E – É isso, é isso que eu quero! Eu quero que você se comprometa a mudar comigo, um comprometimento profundo!

T – Eu dou a minha palavra de honra que eu vou mudar. Você me dá o seu voto de confiança?

E – Claro, minha querida! Teresa, eu te amo! Eu confio e acredito em você!

T – Obrigada pelo seu perdão, Estela. Eu te amo! Eu te amo!

Figura 12 - Teresa e Estela se reconciliam (Foto: TV Globo)

A maneira como o casal formado pelas duas senhoras é apresentado ao público, as situações que enfrentam diariamente para manter o relacionamento vivo, além de questões familiares

fazem parte
duas,
perspectiva
diferencia
dos demais
orientação



que
frequentemente
da realidade das
reiteram a
de que que
Teresa e Estela
casais é a
sexual.

Apesar do relacionamento delas ser mais conservador se comparado aos outros relacionamentos heterossexuais da trama, pode-se considerar inovadora a abordagem de um relacionamento lésbico formado por idosas, dentro do contexto histórico descrito neste trabalho e das telenovelas. Durante os quase 60 anos de televisão, nunca antes havia sido mostrada a relação entre duas mulheres da terceira idade, dentro de um contexto brasileiro com forte influência religiosa e que acredita na família tradicional formada por um casal de homem-mulher com

filhos. Além disso, é apenas a segunda vez em que um casal de mulheres é apresentado com filhos.

8.2. As *Sapatosas*

O prefeito Aderbal Pimenta (Marcos Palmeira) juntamente com sua mãe, Consuelo (Arlete Salles), são os protagonistas das falas homofóbicas de *Babilônia*. Inclusive foi Consuelo quem primeiro adotou o termo pejorativo utilizado para intitular esta categoria de análise, que aborda o preconceito e discriminação sofridos por Teresa e Estela. *Sapatosa* é a junção de sapatão com idosa.

Além desse, Consuelo constantemente usa expressões homofóbicas como “invertida que vive em pecado com outra pederasta”, “mestra das lésbicas”, “bruxa da inversão”, “pederasta mais famosa do Brasil”, “fanchona” e “sapatão”, com o objetivo de ofender o casal de lésbicas vivido por Fernanda Montenegro e Nathália Timberg. Tais adjetivos são reflexo do preconceito sofrido por pessoas que não seguem o padrão heteronormativo estabelecido pela sociedade. Além disso, Teresa e Estela são duplamente discriminadas, por serem duas senhoras.

Mas não vem apenas de Consuelo e Aderbal o preconceito vivenciado pelo casal. Na segunda semana de exibição da trama, no dia 27 de março, há uma cena de manifestação de discriminação contra as lésbicas. Olga (Lu Grimaldi), mora no mesmo prédio que o casal e é dona de um restaurante no bairro do Leme. A dona do estabelecimento recebe um telefonema com um pedido de entrega para as duas idosas e um dos garçons que trabalha com ela se manifesta:

Garçom – Ih, o entregador vai chiar. Ele não gosta de ir lá por causa das madames. Um dia desses ele viu as duas abraçadas.

Olga – Eu sei, ele ficou chocado e não é pra menos, mas aquela casa é tão grande que eu acho que a Teresa e a Estela nem vão na cozinha. Quem atende é a Wilma.

G – Mas nem precisa ir lá, a gente cruza com elas todo dia aí no bairro. Não me leva a mal não? Eu acho isso muito esquisito. A senhora acha isso normal?

O – Ai, cada pergunta! É... natural eu não acho, me incomoda também. Mas eu não sou intolerante. Eu acho que a gente deve aprender a conviver mesmo que não concorde.

G – Eu não gosto de atender elas quando vêm aqui. É um desfrute! Duas mulheres daquela idade?

O – Nós não podemos discriminar nenhum cliente, é contra a lei. E chega dessa conversa fiada, vamos trabalhar.

O discurso de que o relacionamento entre as duas mulheres não é normal é empregado em vários momentos durante a trama, às vezes acompanhado do questionamento sobre se tratar de duas mulheres idosas. Ora, só porquê são idosas não podem se relacionar? Oliveira (2014) afirma que o que é considerado “normal” na vivência dos gêneros e da velhice vai de acordo com o que é determinado pela sociedade. Aquilo que perturba a ordem social, não tem lugar, não é compreendido.

No segundo capítulo (17 de março)⁵⁰, Teresa é chamada pela diretora da escola de seu filho para conversar sobre a postura do menino em relação à suas mães.

Teresa – Eu já me entendi com a diretoria. Pra que essa conversa agora?

Diretora – Então, o ano letivo tá só começando e é uma turma nova. O Rafael disse para alguns colegas que ele tem duas mães. Eu não tenha nada contra isso...

T – Mas?

D – Mas alguns pais ficaram incomodados. Se eu dissesse “mãe” e “tia”, acho que ficaria mais fácil de explicar essa situação, não acha?

T – A mãe do Rafael era filha da minha companheira. Infelizmente essa moça morreu logo depois que o Rafael nasceu. O pai do menino optou por não estar presente na vida do filho. Então legalmente, a senhora tem razão. Tem toda razão. A minha companheira é avó do menino, tem a posse legal dele. Eu sou a tia.

D – Então a senhora concorda?

T – Concordo, concordo... concordo que há certas leis que tem que se adaptar à realidade, minha senhora. Apesar da minha idade, olha bem pra mim. Eu sempre peguei o meu menino aqui, no meu colo. Sempre acalentei ele. Cuidei dele nas noites de febre, dei mamadeira, cantei pra ele dormir, dei amor, dei muito amor... e educação. Ele me chama de mãe. Espontaneamente. Ninguém nunca exigiu isso dele, isso nunca lhe foi imposto.

D – Mas se ele lhe chamasse de tia, seria mais fácil dele viver em sociedade.

T – A senhora quer que eu chegue para o meu filho, para o filho que eu crio, e diga pra ele não me chamar de mãe? A senhora quer que o meu filho tenha vergonha do amor maternal que é o mais, o mais forte que existe na vida? E a senhora ainda acha que isso é o mais fácil? A sociedade de vez em quando, ela tenta mudar, tenta esconder pessoas como eu. Não consegue. Não vai conseguir nunca, nunca! E nós já estamos em 2006! Eu tenho certeza, meu Deus, certeza de que pessoas como Estela, como eu, ainda vamos mudar a sociedade.

A cena evidencia a dificuldade que as pessoas têm de conversar sobre a homossexualidade, por não ser algo considerado natural. Como explicar à uma criança que o colega de classe em vez de ter um pai e uma mãe, tem duas mães? Teresa deixa claro que a sua família com Estela e Rafael foi construída com base no amor, assim como outra qualquer. Mello (2005, p. 26) afirma que a família moderna é caracterizada pela escolha do cônjuge guiada pelo amor.

⁵⁰ Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4042837/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

Inclusive foi o amor que Teresa e Estela sentiram uma pela outra que deu a elas força de enfrentarem a sociedade e se assumirem. Gomide (2006, p. 112) explica que as personagens terem se apaixonado confirma o pressuposto de idealização do parceiro encontrado no amor romântico. Tal constatação apresenta Teresa e Estela como duas pessoas que se apaixonaram, o que pode acontecer com qualquer um, independente de sua orientação sexual.

Nos diferentes momentos que Teresa e Estela falaram sobre sua relação, também evidenciam as dificuldades que enfrentaram.

Estela – Lembra Teresa, de quando a gente se viu pela primeira vez?

Teresa – Você me deixou desnordeada! (Fala entre risos).

E – Você acha que foi fácil pra nós vivermos juntas todos esses anos? No início foi muito difícil.

T – Nós éramos duas mulheres casadas com homens. Ela gozava de prestígio Social, era citada nas colunas mais badaladas. Eu era muito respeitada pelo meu trabalho como advogada, defendendo presos políticos da ditadura. Você não sabe, meu filho, nossas famílias fizeram terrível...

E – Você tem ideia Rafael, do choque que nós causamos por conta da nossa decisão há 35 anos? (Risos) Duas mães de família largam os maridos para viverem juntas. Nós éramos olhadas com desprezo, até repugnância.

T – O Ubaldo, meu ex-marido, se mandou pra Itália, foi morar em Roma dizendo que não aceitaria a humilhação pública de ser trocado por uma mulher. Como se ser trocado por um homem resolveria o problema dele! Eu nunca esperei isso dele, nunca.

E – A minha relação com meu marido já estava pra lá de desgastada, mas a minha mãe ainda era viva... ela ficou com ódio de mim. A única pessoa que me apoiou foi Elizabete, minha filha, sua mãe biológica.

A rejeição faz parte da realidade dos homossexuais, pois a sociedade tem o costume de excluir aqueles que não condizem com a heteronormatividade.

T – A Estela e eu, nós nos conhecemos no anos 1970. O país dominado por uma ditadura horrenda meu filho, um período horrível. Amigos presos, torturados... alguns desapareceram pra sempre. Eu nunca tinha visto a Estela. Nós tínhamos uma amiga em comum [...].

Rafael – Foi nessa época que vocês duas começaram a viver juntas?

T – Não, não meu filho. Anos 70! Ato 5! Preconceito por todo canto. Proibições por todo canto. Quando Estela e eu nos encontramos, nós tivemos uma identificação imediata, e logo nós vimos o que queríamos de verdade para nossa vida. Foi um encontro de vida, meu filho. Nós queríamos o nosso afeto, o nosso amor, a nossa natureza sem disfarces. Sabe o que é isso filho? A natureza sem disfarces, meu filho. Nós sentíamos atração por mulheres, mas nós não tínhamos coragem de assumir. Imagina, que loucura isso! O que nos deu força foi o nosso amor. Mas quando eu me decidi que eu ia me separar do meu marido e viver com a Estela, (*suspiro*) as consequências, meu filho, foram horríveis, foram terríveis. Foram insuportáveis, meu filho⁵¹.

⁵¹ A cena foi ao ar dia 2 de abril.

Uma das diferentes cenas que exemplificam o preconceito de Consuelo e seu filho foi ao ar no dia 21 de abril. Teresa vai ao programa *Encontro* da Rede Globo da Televisão, da apresentadora Fátima Bernardes, para dar uma entrevista sobre os seus feitos durante a ditadura militar e a luta a favor dos direitos LGBTs. Enquanto a advogada explica como é sua relação com Estela, Consuelo reage indignada.

Fátima – Ela é uma das advogadas mais importantes do país, lutou pela democracia durante o período da ditadura militar e continua atuando em defesa dos direitos civis. Aqui com a gente hoje, Teresa Petrucelli. Bem vinda! (Teresa entra e as duas se cumprimentam). Teresa, de onde veio a coragem para defender os presos políticos durante o período da ditadura militar?

Teresa – A coragem veio da convicção de que o Estado de direito tem que prevalecer. Eu quero dizer, Fátima, que eu me formei tendo como exemplo uma geração de advogados, mas uma geração extraordinária. Tomo como exemplo o Dr. Sobral Pinto, excepcional. Que me ensinou, ensinou muito.

Teresa explica que era uma época de muita repressão e medo. Fátima questiona se a advogada chegou a visitar os presos na cadeia e Teresa afirma que quando conseguia vê-los, percebia marcas de violência no corpo deles. Ela continua dizendo que a luta foi muito difícil e que foi preciso muita coragem para enfrentá-la.

F – Mesmo depois da ditadura você continuou lutando...

T – Não foi planejado. A vida me trouxe uma outra luta, luta que eu não quis ignorar, não quis absolutamente ignorar.

F – Você está dizendo isso por conta da sua luta pelos direitos civis e principalmente pela causa LGBT?

T – É, eu luto pelos meus direitos de ser humano.

F – Você e a Estela devem estar muito felizes com esse casamento, não é?

T – Muito, muito. Vamos dar uma grande festa! [...] A minha família com a Estela existe e nós temos os mesmos direitos que qualquer outra família.

F – Vocês têm inclusive um filho. Ele foi adotado, Teresa?

T – Nós criamos como filho o neto da Estela. Infelizmente a mãe desse menino faleceu e o pai não se interessou pela educação dele.

F – E isso faz muito tempo?

T – O nosso filho já está criado, praticamente é um adulto. Ele é muito ajustado, você não tem ideia que qualidade de ser humano. E se diz muito, muito, muito feliz de ter duas mães. Ele nos aceita como a família dele, que é o que nós somos. [...] Mas na verdade o casamento é mais que isso. O nosso casamento é o reconhecimento diante da lei, de que eu tenho uma família, que a minha família existe.

O fato de Teresa falar em rede nacional sobre a sua orientação sexual e a configuração de sua família, é uma atitude política. Mello (2005) afirma que essa é a postura que muito homossexuais adotam para lidar com a discriminação, eles procuram tornar pública a sua orientação sexual como uma maneira de combater o preconceito. Na continuidade da cena, a câmera corta para Consuelo.

Consuelo – Mulher macho! Invertida! Mas o que é isso? Isso é uma aberração! Esse mundo não tem mais jeito. Fanchona!
 Aderbal – Mas você está gritando com quem, mamãe?
 C – Mas olha pra essa aí confessando em rede nacional que é lésbica! Ora, uma mulher dessa idade! Ora, se dê ao respeito!

Consuelo é extremamente conservadora e acredita na família tradicional, composta por um homem e uma mulher. Aquilo que se distancia desta lógica chega a ser uma afronta, quase um crime. Existe uma certa resistência da parcela conservadora brasileira, principalmente quando esta é influenciada por “ideologias familiares e naturalistas de ordem religiosa”, em aceitar a existência de *gays* e lésbicas, especialmente quando estes procuram lutar pelos seus direitos, entre eles a legitimidade dos grupos familiares que fogem do padrão familiar heterossexual (MELLO, 2005, p. 202). Este senso comum presente no pensamento humano demonstra o poder das representações sociais no discurso social (NAVARRO-SWAIN, 1999, p. 114).



Figura 13 - Consuelo ofende Teresa (Foto: TV Globo)

Laís (Luisa Arraes), filha de Aderbal e Maria José, acaba se envolvendo com Rafael, filho de Teresa e Estela. A princípio, a menina não sabe que as duas senhoras são um casal e que são mães de seu namorado. No dia em que conhece Teresa, em uma festa que foi no dia 20 de abril⁵², Laís fica sem entender o que a advogada quis dizer ao apresentar-se como mãe de Rafael, pois ela já havia conhecido a mãe do jovem (Estela) em outra ocasião e acredita que “ninguém tem duas mães”. Ao perceber que a menina não sabe que Rafael foi criado por duas mulheres, Teresa desconversa e diz ser uma brincadeira da família, como se ela fosse uma mãe honorária.

Laís – Ah, tipo mãe de consideração
 Teresa – É... (visivelmente abalada ao ter de se colocar nessa situação, sendo que criou o menino como filho), uma mãe de consideração.
 L – Eu sabia que você não podia ser mãe dele também, eu só não tava entendendo direito.

⁵² Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4124143/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

Aqui ressalta-se a ideia de que duas pessoas do mesmo sexo não podem ter filhos biológicos ou adotivos, pois a reprodução só é possível quando há um homem e uma mulher além do que a família é formada por, e somente, este binário.

Rafael – Laís, a Teresa é minha mãe, de verdade. Não é de consideração não. (Laís faz uma expressão de quem não entendeu o que o jovem quis dizer). A Teresa e a Estela são um casal. (Laís fica espantada). Elas se conheceram muito antes de eu nascer, e aí, quando a minha mãe faleceu, minha mãe biológica, foram as duas que cuidaram de mim, que me criaram. Na verdade, eu sou um privilegiado por ter duas mulheres maravilhosas que me amam e se amam muito.

Laís – Então... então que dizer que elas são... mas isso é imoral!

R – Não, não! Não é! Elas se amam de verdade, Laís.

L – É pecado! É doença! É perversão! (A menina, horrorizada com o que acabou de descobrir sai correndo e é seguida pelo namorado).

R – Isso que você disse sobre as minhas mães, você não tem o direito, você não tem o direito de tratar o amor delas como doença.

L – Duas mulheres Rafael, isso não é natural.

R – É natural, é natural! É uma relação honesta, elas me criaram!

L – Tá errado!

R – Não é você... não é você que tem que dizer se tá errado ou não. Entende uma coisa, Laís, todas as pessoas, todas as pessoas do mundo, elas têm o direito de amar quem elas quiserem. Desde que elas não façam mal a ninguém.

L – Elas fizeram mal a você, você não consegue ver isso?

R – Elas fizeram mal a mim?

L – Elas te prejudicaram, elas te influenciaram, Rafael!

R – Por quê? Porque eu aceito as pessoas como elas são? Porque eu não fico tentando mudar as pessoas de acordo com a minha vontade? Elas me influenciaram sim.

A discussão segue e Laís afirma que Rafael está tentando convencê-la de que é natural uma coisa que a Igreja diz que é pecado. Laís afirma que sente nojo de Teresa e Estela, que não é certo elas se relacionarem, que são duas pervertidas repugnantes. Os homossexuais são constantemente associados ao pecado, à doença, ao crime, pelos mais conservadores (MELLO, 2005, p. 202).

Apesar de ter ficado horrorizada ao descobrir que seu namorado é filho de duas mulheres, Laís reflete sobre a questão em seu quarto. Ao perceber que a filha está muito pensativa, Maria José fala que estará disponível para conversar sobre as angústias da jovem, caso ela queira. Laís inventa uma história para sondar a mãe e ver o que ela pensa sobre o relacionamento homoafetivo. Ao ouvir o relato da filha de que uma amiga tem um tio que é homossexual, Maria José reage com certo nojo. Ela afirma que uma pessoa que se relaciona com outra do mesmo sexo não é normal pois vão contra a natureza e que um casal só é casal quando formado por um homem e uma mulher.

Segundo Mello (2005, p. 224), as relações amorosas estáveis entre homossexuais passaram a ser reconhecidas como uma das modalidades de família no final do século XX, com a quebra do pensamento de que um casal conjugal está destinado à reprodução biológica e, conseqüentemente, a produção do pensamento que a família é um “espaço de exercício de amor e de cooperação mútua, consagrado à reprodução social”.

As representações sociais são ideias compartilhadas por um grupo de pessoas, porém, constitui para cada pessoa um tipo de realidade (MOSCOVICI, 2003). Laís é apresentada a uma nova realidade quando descobre sobre as mães de Rafael e, após refletir, decide conhecer e compreender esse novo mundo. Após passar mais tempo convivendo com as mães de seu namorado, Laís percebe que é possível sim existir uma família fora dos moldes tradicionais e se desculpa com Teresa e Estela pelo preconceito e a falta de entendimento direcionados a elas. Segundo Moscovici (2003, p. 41), as representações também passam por processos de desconstruções e reconstruções, elas são mutáveis. Laís incorpora à sua realidade uma nova representação de família, de amor e de relacionamento.

O sujeito *queer* representa uma alternativa para a heterossexualidade compulsória e configura um espaço de criação e manutenção de um discurso que desafia e interroga a própria heterossexualidade, ou seja, ele tem importante papel na desconstrução de representações (NAVARRO-SWAIN, 2001, p. 95).

Apesar de não estar acostumada à realidade de Rafael e sua família, Laís se propõe a conhecer e conviver com Teresa e Estela com o objetivo de repensar certas representações relacionadas às pessoas com orientação sexual diferente do padrão heteronormativo. Em contrapartida, a reação de seus parentes ao descobrir que as duas senhoras são um casal (em cena do dia 22 de junho)⁵³ foi bem diferente e, mais uma vez, preconceituosa.

Consuelo e Maria José estão na sala assistindo a uma reportagem na televisão que fala sobre crimes na internet e *bullying*. Consuelo ressalta que gosta muito do programa e afirma que aprende bastante com ele e com as novelas. Durante a reportagem, Teresa aparece dando o seu depoimento sobre esse tipo de crime. Logo que a vê, Consuelo começa a criticar Teresa com as palavras “fanchona”, “despudorada”, “sapatão”.

O conceito de homossexualidade já foi associado à inversão do sexo, ou seja, o *gay* é um homem que quer ser mulher e a lésbica é uma mulher que pretende ser homem (SILVA, 2015). Expressões como “mulher-macho”, “sapatão” e “fanchona” são utilizadas para caracterizar a mulher que renega a representação do feminino. “[...] a prática da sexualidade

⁵³ Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4271196/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

ligada ao sexo biológico remete à construção social, da mesma forma que os papéis sociais do feminino e do masculino” (NAVARRO-SWAIN, 2001, p. 93).

A cena continua e Rafael aparece na entrevista falando do orgulho que tem das duas mães. Maria José e Consuelo ficam chocadas.

Aderbal – Mas que furdunço é esse aqui, gente?

Consuelo – Aderbal, lembra daquela *sapatosa* metida a artista que vez ou outra aparece na TV?

A – *Sapatosa*, mamãe?

C – Sapata idosa!

A – Tá, essa daí. O que é que tem?

C – É, é a outra mãe avó do atezinho da Laís! Ele acabou de aparecer aí dizendo que tem muito orgulho das duas mães.

A – Isso só pode ser brincadeira!

C – Não, não é uma brincadeira! É uma reportagem! Se apareceu na TV é porque é verdade. Elas são sapatões!

Em diversas situações, Consuelo diz que aprende muito com as telenovelas e com a televisão. Lopes (2003, p. 25) afirma que as telenovelas, ao ocuparem a posição de principal produto ficcional televisivo, passaram a caracterizar espaços de problematização do país, nos quais diferentes assuntos são debatidos e conhecimento também é produzido, se transforma em uma verdade.

Maria José – Mas como é que pode essa senhora também ser mãe do Rafael? E a Estela que a gente conheceu?

C – É a outra mãe! São acebadas, ou sei lá. Ele tem duas mães. Ambas invertidas!

A – Filho de pecadoras! (Os três seguem em busca de Laís para cobrar explicações).

Laís – As mães do Rafael não são o que vocês imaginam! Eu também fiquei chocada quando eu descobri, eu cheguei a me afastar do Rafael por um tempo. O que foi um grande erro, porque ele me mostrou um outro lado.

C – O lado indecente!

L – O lado que a gente não conhece! Um lado humano, generoso, aberto... não tem nada de indecente, é amor! Mãe, é amor!

MJ – Laís, você tinha que ter me contado.

L – Elas são muito felizes juntas! E elas não fazem nada de errado, pelo contrário! Elas ajudam, elas praticam tudo o que a Bíblia ensina. (Aderbal dá um tapa na cara da filha e a acusa de herege).

A – É pior, você não pensou em mim! No que isso representa para a minha imagem!

L – É só nisso que você pensa, a sua imagem!

Ao fazer esta afirmação, Aderbal expõe a preocupação com o contexto social ao ser associado a um homossexual. Como boa parte de seus eleitores é conservadora, tal vinculação seria vista como uma coisa ruim, uma vez que os homossexuais são transgressores da moral e dos bons costumes. Aderbal defende a família e a tradição e Teresa é reconhecida pelo político como a líder da “ditadura *gayzista*”.

Em uma conversa com o marido, Maria José chega a afirmar que nunca poderia suspeitar de Estela, uma vez que ela foi “tão simpática, uma senhora idosa, toda feminina”. Ao enquadrar a personagem em um padrão de gênero com elementos que são conferidos ao feminino, não é possível enxergá-la como lésbica, visto que as lésbicas são representadas pela negação de tudo o que é atribuído ao feminino, são a dessexualização do corpo feminino (BUTLER, 2015). O preconceito e a discriminação estão intimamente ligados ao gênero, assim, por não atenderem às normas e convenções estabelecidas para pessoas do gênero feminino, Teresa e Estela são discriminadas (SILVA, 2015, p. 142).

Passado o susto de descobrir que as duas senhoras formam um casal e são mães de Rafael, Maria José decide conhecer a realidade desta família.

Laís – Eu quis trazer a minha mãe aqui pra ela ver que vocês são uma família de verdade.

Maria José – Que isso Laís, imagina. Eu não duvido dos laços familiares de ninguém. Também, do jeito que você falou parece que a nossa família é que tem alguma coisa de falso.

Rafael – Imagina dona Maria José, de jeito nenhum, isso aqui não é uma gincana pra ver que família se sai melhor.

Estela – Eu acho que entendi o que a Laís quis dizer, que é preciso tirar o véu o segredo.

Teresa – Não, mas é um segredo que não é um segredo, dona Maria José. Estela e eu somos legalmente casadas, nós criamos nosso filho desde pequeno, a dinâmica da casa é isso que a senhora vê. Claro, problemas, brigas, pazes, nós nos amamos como qualquer outra família ama e tem toda essa estrutura.

L – É isso que eu queria te dizer, mãe. O amor que os três sentem um pelo outro é igual, é tão importante quanto o amor que a gente sente uma pela outra.



A
pós a
visita,
Maria

José agradece a maneira como foi recebida pelo casal e, apesar de ainda não estar acostumada com duas mulheres vivendo

*Figura 14 - Teresa e Estela recebem Maria José
(Foto: Maria Eduarda Freitas/Gshow)*

juntas, ela se baseia na sua ideia de família para compreender a relação de Teresa e Estela. A mulher do prefeito acredita que a possibilidade de ter filhos (biológicos ou adotados), pessoas unidas pelo amor, o relacionamento ser reconhecido por lei e a confirmação da relação com o

casamento, são elementos que compõem a sua representação de família. Desta forma, Maria José utiliza-se do recurso de ancoragem apresentado por Moscovici (2003), e transforma o estranho (família composta por duas mães e um filho) em conhecimento a partir de uma ideia pré-existente e familiar (família baseada no amor, com filhos e casamento consumado).

O combate à homofobia também é abordado na telenovela, principalmente quando o protagonista do ato é Aderbal. O político decidiu lançar um kit hétero com o objetivo de, como disse Consuelo, “reeducar as moças e rapazes a ter orgulho do próprio sexo”, além de ensinar que “quem tem maçaneta não usa olho mágico e quem tem fechadura só pode usar a chave do marido”. Ou seja, o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo é incompatível, mulher só pode se relacionar com homem e vice-versa. Aderbal ainda tem uma “ideia para aproveitar o tempo ocioso das escolas municipais nos finais de semana e criar o centro da cura *gay*”. Assim, “o sujeito entra eguinha pocotó e sai garanhão”. Aderbal completa dizendo que pretende “refundar a família tradicional”.

Faz parte do senso comum a ideia de que a homossexualidade pode ser curada. Se uma mulher fizesse sexo com um homem seria possível mudar a sua orientação sexual. O mesmo ocorreria se um homem se relacionasse com uma mulher (NAVARRO-SWAIN, 2004).

Teresa fica sabendo das intenções do prefeito por meio do Comitê Nacional de Psicologia, que afirmou que o projeto de Aderbal não tem o aval da categoria, embora o prefeito tenha afirmado que contratará psicólogos para trabalharem no centro de reabilitação de homossexuais em Jatobá. A advogada aproveita a inauguração da nova escola na cidade para encarar Aderbal publicamente com um pedido de liminar em mãos que barra o projeto do político. A liminar foi concedida após Teresa fazer uma denúncia ao Ministério Público como cidadã. No dia da inauguração da escola, Aderbal discursa quando é interrompido por Teresa⁵⁴.

Aderbal – Jatobá será o baluarte do mais importante enfrentamento da sociedade brasileira. A luta pela moral e pela família! Cidadãos de Jatobá, nessa escola, os meninos aprenderão a ser meninos! E as meninas aprenderão a ser meninas! Aqui, entre essas paredes, os meninos serão educados a serem machos! Como o Altíssimo os fez. E as meninas serão educadas a respeitar...

Teresa – Prefeito Aderbal, esse seu projeto homofóbico, sexista, machista, está suspenso por uma decisão judicial! Meu nome é Teresa Petrucelli. Como advogada eu dei entrada a um pedido de limitar que... (Inicia-se uma confusão e Paula – Sheron Menezzes –, que trabalha no escritório de Teresa se manifesta)

Paula – Prefeito Pimenta, é melhor o senhor receber o promotor público e o oficial de justiça que estão nos acompanhando agora.

⁵⁴ Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4314368/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

A – Ah, não precisa de legislação não, gente! Não precisa de legislação! Isso é só mais um golpe *gayzista* contra os cidadãos de bem!



Figura 16 - Teresa surpreende Aderbal em discurso (Foto: Fabiano Battaglin)

Os dois decidem se reunir à sós para uma conversa.

A – Eu vou tentar ser o mais respeitoso possível, em respeito a sua idade.

T – A minha idade é uma circunstância. Eu espero que o senhor respeite a minha posição, que o senhor respeite as minhas escolhas. [...] O senhor manipula a carência, manipula o medo dos seus eleitores. O senhor tem a obrigação de ouvir as vozes dissidentes e não fazer essa política pública contra parte da população!

A – Uma minoria!

T – Uma maioria que não respeita a minoria é ditadura, não é democracia, o senhor aprenda pra sempre. Democracia respeita o direito de todos, todos!

A – A senhora com essa idade, deveria ter o bom senso de parar de ficar falando essas coisas.

T – Por favor, outra vez a minha idade? Gerontofóbico também? Para com esse seu projeto aí imundo e consulte um dicionário. Não sei nem se tem um dicionário aqui. É isso, vai, consulte! O senhor fique sabendo que eu vou lutar, mas eu vou lutar até o fim contra esse projeto. Não se iluda, eu vou longe, bem longe!

Aqui, Aderbal ressalta que a idade de Teresa a qualifica como alguém que não tem mais opinião, que não tem mais o direito de se manifestar contra as injustiças sociais. Os idosos, em algumas situações e de acordo com certas representações, são vistos como incapazes e inúteis pois não poderem mais trabalhar e contribuir socialmente. Assim a sociedade não designa um papel específico para os idosos, por vivenciarem um período sem maiores significados, não tendo espaço de fala e nem direitos (DEBERT, 1999).

8.3. Discussão dos resultados

Babilônia debateu a homossexualidade de Teresa e Estela de diferentes formas ao longo de seus 143 capítulos, seja com a exposição do preconceito, ou com a busca das duas por direitos iguais. Várias outras produções utilizadas a narrativa de revelação (COLLING,

2007) para introduzir os personagens LGBTs ao telespectador, as personagens se descobriram homossexuais junto com o público. Essa é uma estratégia utilizada para se discutir a homossexualidade, mas em *Babilônia* foi diferente. Ao serem apresentadas ao público, as personagens já viviam juntas há 35 anos, já haviam passado pelo momento de se revelarem lésbicas para seus familiares.

Outra característica que diferencia a trama de Gilberto Braga de outras, é a forma como Teresa e Estela se comportam. Peret (2005) afirma ser esperado que alguém orientação sexual diferente da reconhecida como “normal” (heterossexual), tenha um comportamento “desviante”, ou seja, um *gay* é afeminado e a lésbica é masculinizada. O pensamento é marcado por representações sociais da “bicha louca” e da “mulher macho”. Estas são exemplos de construções de gênero construídas pela sociedade que regulam a identidade de sexo (BUTLER, 1999). Este não é o caso de Teresa e Estela, duas mulheres que não carregam caricaturas da representação lésbica.

É válido lembrar que as representações sociais são construídas com particularidades de acordo com tempo e lugar, podendo refletir concepções e interesses diferentes e conflitantes. Tudo depende da realidade e trocas sociais nas quais as pessoas estão inseridas (Moscovici, 2003). A sociedade brasileira vem se transformando ao longo dos últimos anos e algumas representações são colocadas em xeque, como é o caso do conceito de família, que vivencia um processo de reconstrução que busca distanciá-la da ideia consolidada de um único modelo de família (MONTORO; MENDONÇA, 2015, p. 165).

Em 2015, foi votado na Câmara dos Deputados o projeto de lei do Estatuto da Família. Na ocasião, foi mantido o texto que reconhece a família como “a entidade familiar formada a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou de união estável, e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus filhos”⁵⁵. O texto é discriminatório e preconceituoso, pois retira os direitos daqueles que não se enquadram nesse conceito de família.

Em contrapartida, em 2016 o Fantástico⁵⁶ exibiu uma reportagem sobre o dicionário Houaiss que redefiniu o conceito de família. O novo texto reflete as transformações sociais e foi desenvolvido com o auxílio de milhares de pessoas que participaram da campanha “Todas as Família”, criada por uma agência de publicidade. Antes, família significava “grupo de

⁵⁵ Agência Câmara Notícias. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/497879-CAMARA-APROVA-ESTATUTO-DA-FAMILIA-FORMADA-A-PARTIR-DA-UNIAO-DE-HOMEM-E-MULHER.html>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

⁵⁶ Fantástico. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/05/dicionario-houaiss-reescreve-o-verbete-familia.html>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

peças vivendo sob o mesmo teto (especialmente o pai, a mãe e os filhos) [...]”. Após a reformulação, o Houaiss adota o significado de família como “núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária”, uma definição diferente do que propõe o Estatuto da Família e que ainda está em tramitação no Congresso Nacional. Em *Babilônia* a discussão foi explorada ao apresentar uma família que se distancia do padrão estabelecido ao ser formada por duas mães e um filho.

Quando autores optaram por apresentar personagens com sua orientação definida, ou seja, com a revelação já consumada, eles correm o risco de ter de fazer algumas mudanças por conta da reação do público (COLLING 2007, p. 217), como foi o caso de Teresa e Estela. A necessidade dessas mudanças evidencia o quanto o preconceito ainda está presente nesta sociedade e precisa ser combatido. A novela *Babilônia* trabalha, ainda, a importante relação entre imagens e narrativas como elementos auxiliares na busca pela igualdade, poder de fala e legitimidade a determinadas orientações sexuais (MONTORO; MENDONÇA, 2015, p. 167).

A representação da velhice passou por transformações ao longo dos anos graças às mudanças políticas, culturais e econômicas da sociedade. O que antes era entendido como um período de decadência e ausência de possibilidades afetivo-sexuais, deu espaço para uma visão de a velhice é um momento de novas conquistas conduzidas pela busca do prazer e satisfação social (DEBERT, 1999, p. 14).

A forma e a condição em que Teresa e Estela são apresentadas é inovadora para as telenovelas, além de serem pessoas efetivas e importantes para a trama, são duas mulheres que ocupam uma posição de prestígio. Em vez de serem idosas que requerem cuidados, solitárias e infelizes, são pessoas ativas socialmente e têm profissão (rompendo com associação velhice-aposentadoria).

Logo no primeiro capítulo, quando Estela sugere que a mulher já passou da idade de trabalhar com tanta intensidade, a mesma responde: “Amo, amor advogar. Vou morrer advogando”. Em outra cena, que foi ao ar dia 24 de março, ela afirma à Inês (Adriana Esteves) que o seu trabalho “é a coisa mais preciosa que eu tenho nessa minha vida, junto com a minha família”.

Ao longo de toda a trama Teresa aparece trabalhando diariamente, enfrentando diferentes casos. Em nenhum momento a sua capacidade é questionada pelo fato de ela ser idosa, pelo contrário, a advogada é respeitada por toda a sua trajetória. Inclusive nos capítulos

finais, quando decide ingressar na política e concorrer a deputada estadual para fazer oposição à Aderbal Pimenta na Câmara.



Figura 17 - Teresa preside CPI (Foto: Inácio Moraes/Gshow)



Figura 18 - Teresa faz campanha perto da sede do partido de Aderbal (Foto: Ellen)

Figura 19 - Teresa, Estela e Regina recebem Gal Costa na inauguração do restaurante Estela Carioca (Foto: TV Globo)

Apesar de não trabalhar tanto quanto a esposa, Estela também se ocupa. Dona de um antiquário, tem a alma empreendedora e decide, em parceria com Regina, transformar o estabelecimento em um restaurante. A princípio ela se mostra indecisa por ser um projeto audacioso, mas Teresa a apoia e afirma que “a audácia é a força dessa vida. Imagina você, meu amor, uma porta nova que se abre a essa altura da nossa vida... isso revigora, imagina!”.

Estela encara o novo desafio, mas admite que gosta mesmo é de trabalhar com o antiquário. Regina se dispõe a comprar o restaurante, o que agrada a Estela, pois ela poderá enfim descansar. Regina reage dizendo que ainda é muito cedo para a senhora se aposentar e propõe que Estela continue negociando as peças do antiquário enquanto ela se encarrega de vendê-las. A mulher de Teresa aceita a possibilidade e desiste de parar de trabalhar, pois o antiquário é sua paixão.

As personagens vividas por Fernanda Montenegro e Nathália Timberg apresentam ao público uma nova maneira de envelhecer, indo ao encontro a abordagem de Miriam Goldenberg e sua “bela velhice”. Elas não se aposentaram de si mesmas, lutam pelos seus direitos, enfrentam preconceitos e descontrolam modelos e regras sociais. “Ao priorizar a busca de significado para suas existências, recusam uma ‘morte simbólica’ ou uma ‘morte social’, criando novas e positivas representações sobre a velhice” (GOLDENBERG, 2013, p. 24).

A “bela velhice” apresentada por Goldenberg (2013, p. 13), é construída por meio de um projeto de vida, a busca pelo significado da existência, a conquista da liberdade e da felicidade, viver intensamente, etc.

Também romperam com a representação da mulher restrita apenas ao lar. Teresa e Estela são bem sucedidas, realizadas profissionalmente, além de fazerem parte de um núcleo familiar estável e feliz. As personagens exemplificam o tipo de representação da mulher comum na televisão contemporânea: aquela que lida com as questões de dentro e fora do lar (ALMEIDA, 2007). E é a primeira vez que o papel é preenchido por duas lésbicas e idosas.



Figura 20 - Rafael e suas duas mães (Foto: TV Globo)

Outro elemento que configura esta nova velhice das personagens é vivência das duas no plano afetivo, contrapondo-se à representação social de uma terceira idade assexuada, mesmo sem a presença de cenas que sugerem uma maior intimidade entre elas. “Não é a idade que dessexualiza o indivíduo, mas a sociedade. A sociedade ocidental contemporânea relaciona a sexualidade com corpos jovens e saudáveis, e quem está fora desses padrões não pode expressá-la” (ARAÚJO, 2010, p. 386). Adicionado a isso, a presença de um jovem adotado por um casal de idosos implica uma situação de estabilidade, situação pouco abordada em representações anteriores.

A nova representação social da velhice exposta pelas personagens reúne novos valores que dão margem para diferentes experiências e estilos de vida, além de possibilitar “a revisão

da gestão da velhice no curso da vida e repensar sobre a exclusão no processo de construção social no âmbito das gerações” (MOTA, 2009, p. 46).

Ainda assim a expressão da sexualidade na velhice é vista como uma ofensa, especialmente em uma sociedade com forte influência religiosa (ARAÚJO, 2010, p. 388). É possível perceber isso na cena em que Consuelo cobra de Teresa que ela se dê ao respeito. Por ser uma senhora, não poderia estar falando sobre sexualidade. Se discutir sobre orientação sexual é algo que incomoda, imagina falar sobre essa questão na terceira idade? A rejeição aos beijos trocados pelas duas também é um indício da dificuldade de falar sobre a sexualidade na velhice.

Teresa e Estela são personagens que questionam a representação negativa da velhice por meio de práticas cotidianas e descontroem a ideia do idoso dessexualizado ao assumirem uma orientação sexual. Com elas apresentam-se novas possibilidades e significados para o envelhecimento, pois estas senhoras idosas recusam os “rótulos, etiquetas e preconceitos associados à passagem do tempo” (GOLDENBERG, 2013, p. 23).

A trama das 21h procurou debater a homossexualidade ao discutir a trajetória de Teresa e Estela, como elas enfrentaram o preconceito e a discriminação, além de falar sobre seus direitos, que não diferem dos direitos de pessoas heterossexuais. Essa foi a principal bandeira defendida durante os meses de exibição de *Babilônia*. Ainda que as personagens não sejam caricaturadas, como eram e ainda são representados personagens LGBTs, e tenha havido um avanço ao apresentar um casal homossexual na terceira idade, o folhetim de Gilberto Braga teve de lidar com uma sociedade com fortes traços de intolerância em relação ao romance entre duas pessoas do mesmo sexo e não conseguiu ousar nas representações no que se refere a sexualidade.

9. Considerações Finais

A telenovela é um gênero televisivo bastante popular no Brasil que dissemina e auxilia na construção de representações que servem de referência para o telespectador perceber a sua realidade, aquilo que lhe é comum. Assim, ao se reconhecer na tela, ele se aproxima aos temas abordados e é colocado em um espaço de discussão de assuntos polêmicos, como questões de gênero, raça, etnia, sexualidade e idade. As próprias telenovelas utilizam-se das representações sociais presentes na sociedade para construir as suas representações. É uma via de mão dupla, onde desconstruções e criações de realidades sofrem influência de fatores sociais, como cultura, política e economia, específicos de cada sociedade.

A telenovela brasileira tem se mostrado um significativo produtor de sentidos que destoam do discurso heteronormativo, além de questionar valores e princípios enraizados na sociedade. Este produto televisivo pode colaborar para a quebra ou até mesmo para a manutenção de representações da população LGBT e dos idosos, por exemplo.

Babilônia foi um folhetim que apresentou o telespectador com discussões sobre temas bastante delicados, como prostituição, racismo, corrupção, orientação sexual e velhice. A pesquisa buscou analisar como foi feita a representação de mulheres lésbicas e idosas na trama, minorias representadas pelas personagens Teresa e Estela.

Para compreender as origens das representações de lésbicas e idosos, foi apresentado um percurso histórico e teórico sobre aspectos que acabam por definir indivíduos e grupos sociais a partir de valores estabelecidos socialmente. Esse levantamento foi fundamental para compreender o casal e, a partir de marcos de observação, diferenciá-lo de outras representações.

Assim, foram apresentados pensamentos e conceitos a respeito de gênero, sexualidade, velhice, telenovelas e representações sociais. Tal levantamento foi essencial para perceber dentro de que contexto foram desenvolvidas as temáticas sobre Teresa e Estela. O fato do casal ser formado por duas mulheres idosas diferencia esta das outras representações lésbicas nas produções da Rede Globo e permite novas discussões sobre a representação da velhice e suas particularidades, principalmente no que diz respeito à vivência da terceira idade.

Babilônia continuou com representações de LGBTs que priorizam as discussões sobre preconceitos, discriminações e legitimidade social em aspectos tais como a constituição de uma família, vida profissional, a adoção e o casamento. Foram apresentadas diversas situações nas quais os personagens vivenciaram preconceitos de formas diferentes. Tal abordagem mostrou as dificuldades de identidades sexuais que não se enquadram nos aspectos biológicos, morais e religiosos da sociedade.

Em continuidade a isso, *Babilônia* inovou ao apresentar um casal homoafetivo pertencente à terceira idade. A discussão sobre a velhice é apresentada com uma representação que se diferencia da que é normalmente associada ao idoso. Em vez de serem idosas que necessitam de cuidados, são solitárias e infelizes, Teresa e Estela são ativas, lutam pelos seus direitos, se relacionam e trabalham. As personagens desconstróem essa representação negativa da velhice e apresentam ao público uma nova maneira de envelhecer.

Em relação às manifestações de amor e sexualidade do casal, a maneira como as cenas foram construídas para as personagens foi diferente das que envolveram personagens heterossexuais. O que pesou nessa diferenciação, além da orientação sexual das duas, foi a questão da idade. Um simples beijo entre as senhoras incomodou tanto a ponto de cenas com conotação sexual entre as duas serem cortadas e, conseqüentemente, o romance lésbico, dessexualizado. Durante todo o período de exibição, a novela apresentou baixos índices de audiência. Além disso, a Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional divulgou uma nota oficial de repúdio alegando que *Babilônia* tem como objetivo afrontar os cristãos, atacar a família brasileira e disseminar a ideologia de gênero.

O casal chocou porque a sexualidade do idoso é ignorada, pouco debatida, uma vez que o eixo central da representação do idoso leva em conta essa assexualidade. Este tipo de representação perturba a ordem e valores vigentes. Mesmo com limites nas demonstrações de afeto, o relacionamento das duas foi apresentado de maneira delicada, com trocas singelas de carinho, o que auxilia na desconstrução da velhice assexuada.

Outro ponto que diferencia Teresa e Estela de outros casais homossexuais, foi o fato de, pela primeira vez um casal constituir uma família desde o início da trama, sem passar por processos de adoção, como foi o caso de alguns personagens de outras produções, como Eleonora e Jennifer, de *Senhora do Destino* (2004). Apesar de não se enquadrarem no padrão tradicional de família, as duas personagens lésbicas apresentam elementos que se assemelham aos de uma relação heterossexual, pois moram juntas, têm filhos e a relação é monogâmica. Este modelo está dentro do padrão da hegemônico e a representação funciona para demonstrar ao público que as diferenças entre casais homossexuais e heterossexuais existem apenas no

que diz respeito à orientação sexual. Além disso, Teresa e Estela foram o segundo casal LGBT a se casar, o que legitima a relação das duas perante a sociedade.

As representações sociais estão fortemente ligadas às tradições, hábitos e costumes de uma sociedade, o que permite compreender a resistência à mudança. Mesmo com os avanços que evidenciam minorias, como o Estatuto do Idoso e o reconhecimento por lei de relações homoafetivas, em conjunto com as novas representações que permitem questionar a heteronormatividade, percebe-se que o preconceito e a intolerância ainda estão bastante presentes na sociedade brasileira. Assim, é possível entender o porquê de Teresa e Estela e a representação do amor lésbico na terceira idade terem causado tanto incômodo.

Esta pesquisa é a minha primeira experiência científica e possibilitou que, por meio da análise de representações sociais de um dos principais produtos de comunicação que é a telenovela, houvesse a discussão dos assuntos velhice e lesbianidade, questões tão relevantes para a sociedade. Como pesquisadora, aprendi a utilizar as ferramentas de pesquisa para compreender como essas representações são construídas e transformadas em realidade. Além disso, a pesquisa possibilitou que eu mesma desconstruísse algumas representações próprias e mudasse o meu olhar sobre o idoso. Como resultado, é possível afirmar que o grande desafio das telenovelas hoje para lidar com temas como lesbianidade e velhice, é o conservadorismo social, que ainda é muito presente e impede que assuntos mais polêmicos sejam abordados sem ressalvas.

Acredito que este trabalho deixa em aberto a possibilidade de, em um outro momento, discutir o relacionamento homossexual na velhice a partir do afeto, amor e da família, como outro aporte teórico. A oportunidade surgiu ao longo do desenvolvimento da pesquisa, mas não foi possível fazê-la neste momento pois não era o objetivo principal do trabalho.

10.Referências

ACOSTA-ORJUELA, Guillermo Maurício. **O uso da televisão como fonte de informação sobre a velhice: fatos e implicações.** In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin. **Velhice e sociedade.** Campinas, SP: Papirus, 1999.

ALENCAR, Mauro. **A Telenovela como Paradigma Ficcional da América Latina.** In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UERJ, Rio de Janeiro, 2005.

Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/107556379514525862227919082428423291947.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2016.

ALMEIDA, Heloísa. **Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela.** Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 1, 2007, p. 177-192. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000100011/7112>>. Acesso em: 3 de abr. 2016.

_____. **“Muitas mais coisas”: telenovela, consumo e gênero.** Campinas, 2001.

Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000237834&opt=4>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

ALMEIDA, Thiago; LOURENÇO, Maria Luiza. **Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado.** Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, v. 5, n. 1, 2008, p. 130-140. Disponível em:

<<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/104>>. Acesso em: 23 de abr. 2016.

ALVES, Branca; PITANGUY, Jacqueline. **O que é FEMINISMO.** Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ARAÚJO, Ednaldo Cavalcante. **Exercício da Sexualidade na Terceira Idade: Riscos Prementes às Infecções Sexualmente Transmissíveis.** In: MALAGUTTI, William; BERGO, Ana Maria Amato (Org.). **Abordagem interdisciplinar do idoso.** Rio de Janeiro: Rubio, 2010.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático,** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUER, Martin. **Análise de conteúdo clássica.** In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático,** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Tradução, Sérgio Milliet, 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar, 8ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: Louro, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.

CARVALHO, Marília Gomes de. **Gênero e Mídia (Apresentação)**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 1, 2007, p. 123-130.

CENTRO DE ESTUDOS DA TELENOVELA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **História da Telenovela**. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nucleos/cetvn/telenovela_historia.php>. Acesso em: 7 abr. 2016.

COLLING, Leandro. **Aquenda a metodologia! Uma proposta a partir da análise de avental todo sujo de ovo**. Trabalho apresentado no IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14306.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

_____. **Personagens homossexuais nas telenovelas da rede globo: criminosos, afetados e heterossexualizados**. Revista Gênero, v. 8, n. 1, 2007 p. 207-222. Disponível em: <<http://bit.ly/1Lhr85R>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

_____. **Teoria Queer**. Contribuição para o Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page_id=823>. Acesso em: 29 mar. 2016.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

DEBERT, Guita Grin; HENNING, Carlos Eduardo. **Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas**. Mais60: Estudos sobre Envelhecimento, São Paulo, v. 26, n. 63, 2015, p. 8-31. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/online/artigo/9759_VELHICE+GENERO+E+SEXUALIDADE+REVISANDO+DEBATES+E+APRESENTANDO+TENDENCIAS+CONTEMPORANEAS#/tagcloud=lista>. Acesso em: 17 mai. 2016.

DESCARRIES, Francis. **Teorias Feministas: liberação e solidariedade no plural**. In: NAVARRO-SWAIN, Tania (org.). **Feminismos: Teorias e Perspectivas**. Textos de História: Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, Brasília: UnB, 2000, vol. 8, n. 1/2.

FALQUET, Jules. **Breve reseña de algunas teorías lésbicas**. México, 2004.

FERRETO, Lirane Elize. **Representação Social no Envelhecimento Humano**. In: MALAGUTTI, William; BERGO, Ana Maria Amato (Org.). **Abordagem interdisciplinar do idoso**. Rio de Janeiro: Rubio, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GOMIDE, Silvia. **Representações das identidades lésbicas na telenovela *Senhora do Destino***. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/3376>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

HAMBURGER, Esther Império. **A expansão do “feminino” no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 1980**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.15, n.1, 2007, p. 153-175. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000100010/71111>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

JAGOSE, Annamarie. ***Queer Theory An Introduction***. New York, 1996.

JUNQUEIRA, Lília. **Reflexões sobre a ficção televisiva brasileira e as representações sociais do personalismo**. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/118896481263995427960776796320056612358.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

LEAL FILHO, Laurindo. **A TV pública**. In: BUCCI, Eugênio (org.), **TV aos 50: Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 153-165.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 1, n.26, 2003, p. 17-34. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewfile/4195/3934>>. Acesso em 7 abr. 2016.

_____. **Telenovela como recurso comunicativo**. Matrizes (USP. Impreso), v. 3, n. 1, 2009, p. 21-48. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/127/207>>. Acesso em: 7 abr. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer**. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000100018/7616>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

_____. **Teoria Queer – Uma política pós identitária para a educação**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001, p. 541-553. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012/8865>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. Editora Senac, São Paulo, 2000.

MARIANO, Silvana Aparecida. **O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo**. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Teoria política e feminismo: abordagens brasileiras**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2010, p. 127-156.

MATOS, Marlise. **Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 333-357, 2008.

MELLO, Luiz. **Outras famílias: A construção social da conjugalidade homossexual no Brasil**. Revista Cadernos Pagu, Campinas, n. 24, 2005, p. 197-225. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a10.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

MONTORO, Tânia; MENDONÇA, Maria Luiza. **O beijo subversivo que subverte a telinha**. Revista Lusófona de Estudos Culturais, v. 3, n. 1, 2015, p. 163-175. Disponível em: <<http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/207>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

MOTTER, Maria Lourdes. **O que a ficção pode fazer pela realidade?** Comunicação & Educação, São Paulo: CCA/ECA & Salesiana, v. 26, n. 26, 2003, p. 75-79. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37473/40187>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOTA, Murilo Peixoto. **Homossexualidade e Envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência**. Revista Sinais, Vitória, v. 1, n. 6, 2009, p. 26-51.

MUSSKOPF, André. **Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram: reflexões sobre as pesquisas de gênero e sua relação com a Teoria *Queer* a partir da teologia**. Revista História Unisinos, v. 9, n. 3, 2005, p. 184-189. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6428>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é Lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão**. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 12, 1999, p. 109-120. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634809/2728>> Acesso em: 8 jun. 2016.

_____. **Para além do binário: os *queers* e o heterogêneo**. Revista Gênero, v. 2, n. 1, 2001, p. 87-99. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/287/203>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

OGURI, Lúcia Maria Bittencourt; CHAUVEL, Marie Agnes; SUAREZ, Maribel Carvalho. **O processo de criação das telenovelas**. Revista de Administração de Empresas, v. 49, n. 1, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902009000100006>. Acesso em: 25 mai. 2016.

OLIVEIRA, Maria Helena Castro. **Estrelas refletidas nas noites da Rede Globo – estudo de representações de idosos nas telenovelas da rede globo de televisão**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/2092>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

OLIVEIRA, Jacqueline. **Percepções de mulheres autointituladas lésbicas sobre a velhice**. Revista Psicologia em Foco, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://177.135.198.140/online/index.php/psicologioemfoco/article/view/88/161>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

PERET, Luiz Eduardo (a). **Do Rebu à América: 31 anos de homossexualidade em telenovelas da Rede Globo (1974-2005)**. Revista Contemporânea, v. 3, n. 5, 2005, p. 33-45. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_05/contemporanea_n05_04_eduardo.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2016.

_____ (b). **Do armário à tela global: A representação social da homossexualidade na telenovela brasileira**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.ppgcom.uerj.br/teses/2005/pdf/04/Peret%20Dissert%20DC.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

PRIOLLI, Gabriel. **Antenas da brasilidade**. In: BUCCI, Eugênio (org.), **TV aos 50: Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 13-24.

ROSA, Luiza Maria; GOMES, Márcia. **Telenovelas e imaginário social: estereótipos e simbologia na imagem de brasileiro representado**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UnB, Brasília, 2006. Anais eletrônicos Intercom 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1196-1.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

ROSE, Diana. **Análise de imagens em movimento**. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SARTI, Cynthia. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2008, p. 35-49.

SCAVONE, Lucila. **Estudos de gênero: uma sociologia feminista?** Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 1, 2008, p. 173-186. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000100018/5528>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

SILVA, Fernanda. **Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na novela Amor à Vida**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/7112>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. **1968 – Eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

Internet

ALMEIDA, Giselle; RIBEIRO, Marcela; “Tem de tratar com naturalidade”, diz Fernandona sobre casal *gay* em novela. **Uol**, 12 mar. 2015. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/03/12/tem-de-tratar-com-naturalidade-diz-fernandona-sobre-casal-gay-em-novela.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

ALMEIDA, Maria Fernanda. Censura nas novelas: o que você não viu na TV. **Guia do Estudante Abril**, 2001. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/censura-novelas-voce-nao-viu-tv-434615.shtml>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

ANCINE. **Tire as suas dúvidas sobre a Lei da TV Paga**. Disponível em: <<http://www.ancine.gov.br/?q=faq-lei-da-tv-paga>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

BRASIL, Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2016.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 25 mai. 2016.

_____. **Lei nº 12.485**, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12485.htm>. Acesso em: 25 mai. 2016.

BRAVO, Zean. Estela e Teresa se casam diante de quase todo o elenco de ‘Babilônia’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 de mar. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/estela-teresa-se-casam-diante-de-quase-todo-elenco-de-babilonia-15656554>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

CASTRO, Daniel. Big Brother e novela das sete superam audiência de Babilônia. **Notícias da tv – Uol**, 26 mar. 2015. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/big-brother-e-novela-das-sete-superam-audiencia-de-babilonia-7130>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

CASTRO, Daniel; PACHECO, Paulo. Globo faz operação de salvamento e relança Babilônia após queda. **Notícias da tv – Uol**, 29 mar. 2015. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-faz-operacao-de-salvamento-e-relanca-babilonia-apos-queda-7158>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

CASTRO, Daniel; PEREIRA, Márcia. Pressionada, Globo elimina trama de garota de programa de Babilônia. **Notícias da tv – Uol**, 3 abr. 2015. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/pressionada-globo-elimina-trama-de-garota-de-programa-de-babilonia-7243>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

_____. Para salvar Babilônia, Globo revela grande mistério de vilãs; saiba mais. **Notícias da tv – Uol**, 6 abr. 2015. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/para-salvar-babilonia-globo-revela-grande-misterio-de-vilas-saiba-mais-7259>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

FANTÁSTICO. **Dicionário Houaiss reescreve o verbete “família”**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/05/dicionario-houaiss-reescreve-o-verbete-familia.html>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

FOLHA. ‘Babilônia enfrenta crise nacional de audiência. **Blog Outro Canal – Folha de São Paulo**, 13 abr. 2015. Disponível em: <<http://outrocanal.blogfolha.uol.com.br/2015/04/13/babilonia-enfrenta-crise-nacional-de-audiencia/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

GLOBO PLAY. **Teresa diz a Estela que as duas finalmente poderão se casar**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4045614/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Estela pensa em desistir da festa para comemorar seu casamento com Teresa**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4068248/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Teresa conversa com Rafael sobre os desafios que enfrentou para ficar com Estela**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4085484/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Estela choca ao anunciar separação**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4263158/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Teresa passa mal após separação**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4263158/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Teresa conversa com a professora de Rafael**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4042837/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Rafael defende Teresa e Laís vai embora transtornada**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4124143/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Aderbal e Consuelo descobrem a verdade sobre a família de Rafael**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4271196/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Teresa faz escândalo e interrompe discurso de Aderbal**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4314368/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

GLOBO UNIVERSIDADE. **Entrevista: Mauro Alencar fala sobre estudos da teledramaturgia**. 2013. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/09/entrevista-mauro-alencar-fala-sobre-estudos-da-teledramaturgia.html>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

HAJE, Lara. Câmara aprova Estatuto da Família formada a partir da união de homem e mulher. **Agência Câmara Notícias**, 10 out. 2015. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/497879->

CAMARA-APROVA-ESTATUTO-DA-FAMILIA-FORMADA-A-PARTIR-DA-UNIAO-DE-HOMEM-E-MULHER.html>. Acesso em 8 jun. 2016.

IBOPE. TOP 5 GSP – Audiência de TV – 16/03 a 22/03/2015. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/top-5-gsp-audiencia-de-tv-1603-a-22032015/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

JARDIM, Lauro. O Ibope de “Babilônia”. **Blog Radar On-line - Veja**, 16 mar. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/televisao/o-ibope-de-babilonia/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

_____. Sinal amarelo. **Blog Radar On-line – Veja**, 22 mar. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/televisao/sinal-amarelo-na-globo-ibope-de-babilonia-despancou-no-sabado/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

MARTINEZ, Léo. ‘Mostraremos o lado humano do amor’, diz Timberg sobre personagem lésbica. **EGO.**, Rio de Janeiro, 14 jan. 2015. Disponível em: <<http://ego.globo.com/televisao/noticia/2015/01/mostraremos-o-lado-humano-do-amor-diz-timberg-sobre-personagem-lesbica.html>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

MEMÓRIA GLOBO. **Babilônia**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/babilonia.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

_____. **Gilberto Braga**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gilberto-braga.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

_____. **Babilônia: Teresa e Estela**. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/babilonia-estela-e-teresa/5001499/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

ONU Brasil. Em Dia Internacional, ONU pede inclusão de políticas públicas para os idosos. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/em-dia-internacional-onu-pede-inclusao-e-politicas-publicas-para-os-idosos/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Frente evangélica da Câmara lança nota de repúdio ao beijo gay em ‘Babilônia’. **Blog Radar Cultural – Estadão**, Brasília, 19 mar. 2015. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/radar-cultural/frente-evangelica-da-camara-lanca-nota-de-repudio-a-beijo-gay-em-babilonia/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

POLILLO, Aline. ‘Foi casto e delicado’, diz Fernanda Montenegro sobre beijo gay na TV. **EGO.**, Rio de Janeiro, 21 mar. 2015. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/03/foi-casto-e-delicado-diz-fernanda-montenegro-sobre-beijo-gay-na-tv.html>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

PUREPEOPLE. Novela ‘Babilônia’: cenas de beijo entre Teresa e Estela são cortadas. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/novela-babilonia-cenas-de-beijo-entre-teresa-e-estela-sao-cortadas_a51001/1>. Acesso em: 24 mar. 2016.

SANTANA, Ana Lucia. Pós-Modernismo. **InfoEscola**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/movimentos-artisticos/pos-modernismo/>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

UOL. Final de “Babilônia” tem a pior audiência e fica atrás de antecessoras. São Paulo, 28 ago. 2015. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/08/28/ultimo-capitulo-de-babilonia-tem-pior-ibope-e-fica-atras-de-antecessoras.htm> >. Acesso em: 24 mar. 2016.

VILLALBA, Patrícia. ‘Os que acharem estranho vão tolerar. Já está bom’, diz Fernanda sobre papel *gay* em ‘Babilônia’. **Coluna QUANTO DRAMA! - Veja**, 27 fev. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/quanto-drama/entrevista/os-que-acharem-estranho-vaotolerar-ja-esta-bom-diz-fernanda-sobre-papel-gay-em-babilonia/>>. Acesso em: 26 mai. 2016.